ano 1 // edição zero // 2008 // revista off line

www.obinoculo.com.br

OUTRA ESCADA

Ainda faltam muitos degraus para alcançar mais um desejo ou talvez não falte nenhum. Aliás, é por eles não existirem mais ou por restarem alguns à nossa frente, que criamos uma edição do site *O Binóculo* num formato que prolongasse o projeto desenvolvido pelos colaboradores e simpatizantes da revista eletrônica. Desde 2004 que aventuramo-nos em usar a internet como parceira para realizar desejos da publicação de textos, pensamentos, críticas, xingamentos e etc. O site se tornou uma metamorfose navegante. Trocou de cara, de gente e de ideologias. Nada de profundos investimentos envolvidos, nem emolumentos pagos. Permanecia a aura de uma internet que instigava a partilha de informações e opiniões entre a comunidade instalada na rede. Espalhamos nossas palavras por lugares indefinidos e para leitores sem retrato-falado.

Agora apresentamos a edição zero da Revista OFF LINE, editada com peculiaridades interessantes. Nesta primeira versão experimental, ousamos colecionar um texto de cada colaborador do site em períodos indeterminados como parte da composição. Convidamos pessoas "externas" para colaborar também. Além dos nossos triviais, o leitor da OFF LINE recebe textos e imagens inéditas. Aceitaram nosso convite para compor a zero, o Coordenador de Pós Graduação da UNA, professor Carlos D'Andrea, o professor do Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, Fabrício Marques, o jornalista Sebah Rinaldi e os artistas Bruna Diogo, Thiago Fonseca e Gustavo Maia.

A OFF LINE é um novo e velho inusitado veículo de comunicação independente. Novo porque é uma novidade que traz consigo novos nomes. Velho por apresentar o conteúdo publicado no site e inusitado por ser editada por revezamento. Em cada edição, convidamos pessoas "internas" ou "externas", para editar a OFF LINE a partir da leitura dos textos publicados no site. O editor convidado tem a responsabilidade de colocar ou tirar aqueles que seu juízo de valor o mandar fazer. Carrega consigo a responsabilidade de avaliar, criticamente o conteúdo selecionado para compor sua edição.

Além dos textos, a OFF LINE foi criada como um produto que incita a reflexão por meio de imagens, ensaios e intervenções artísticas. Como no site, não pretende-se outorgar-lhe uma linha editorial definida. Trata-se da informação colecionável, que pode ser acessada, depois do download, em meios desconectos sem, necessariamente, o uso da web.

A número zero é desobediente, mas não desordenada. Traz aos leitores a cara de *O Binóculo* estampada numa versão "quase" impressa. Todos os colunistas foram selecionados para abrirem o caminho dessa nova escada. Nas próximas, não caberá a nós decidi-lo. Certamente o próximo editor o fará. E assim, esperamos releituras aos textos reapresentados e a mais reflexão com o ineditismo dos convidados. É isso. Boa leitura!

Editores:
Cristina Mereu [cristina@obinoculo.com.br]
Rodrigo Saturnino [rodrigo@obinoculo.com.br]

Participam neste número:
Alan Terra, Aline Orlando, Ariadne Lima, Brena Braz, Brisa Marques, Bruna Diogo, Carlos Alberto, Carlos D'Andrea, Cássio Miranda, Cristina Mereu, Eduardo Lacerda, Elisa Rodrigues, Fabrício Marques, Fernanda Pinho, Frederico Caiafa, Gabriel Ruiz, Gabriela Fróes, Gledson Machado, Guilherme Amorim, Gustavo Maia, Hamilton Reis, Ícaro Ramos, Ivan Bomfim, João Paulo Teixeira, Liana Carvalho, Lira Turrer, Leonardo Rocha, Luiz Guilherme Ribeiro, Marcelo Valadares, Marcelo Seabra, Marcello Oliveira, Nilmar Barcelos, Orozimbo Júnior, Patrícia Caldas, Pedro Amorim, Rafael Silveira, Renato Rios, Rodrigo Monteiro, Rodrigo Saturnino, Samuel Franco, Sebah Rinaldi, Serena Play, Thaís Palhares e Thiago Fonseca.

Consultoria Artística:
Bruna Diogo

Fotografia da capa:
Mário Afonso (Interior Museu Berardo Centro Cultural de Belém - Lisboa)

Design \ logomarca \ diagramação
PP Comunicação (55 31) 33244080

Publicidade:
[redacao@obinoculo.com.br]

www.obinoculo.com.br

NOT FOUND :(

ERROR 404

PERTENCER OU NÃO PERTENCER

Texto: Gabriela Froés *

http://www.flickr.com/photos/manu_antigua/

No mestrado li muito sobre escritoras nipo-descendentes. Aprendi muito sobre a Segunda Guerra Mundial, sobre campos de concentração (sim, durante a segunda grande guerra todos os descendentes de japoneses que moravam nos EUA e no Canadá foram isolados em campos de concentração), sobre a cultura japonesa e sobre a minha percepção do mundo. Sim, porque a literatura sempre foi o meu room of requirement, meu refúgio, o espaço onde aprendo mais sobre as coisas e as pessoas. E enquanto eu lia e pesquisava e procurava respostas, esbarrei com Yamashita, uma autora norte-americana descendente de japoneses que já viveu no Brasil.

Circle K Cycles, quinto livro de Karen, publicado em 2001 (sem tradução, Coffee House Press, 220 pág.), é uma coleção de anotações de diário e ensaios pessoais mesclados com contos, recortes de jornais e até receitas, em um formato extremamente diferente do romance tradicional. As anotações contam sobre a vida diária de Yamashita no Japão enquanto pesquisava sobre a vida de brasileiros descendentes de japoneses que lá viviam, notando as diferenças, similaridades e estranhezas de um Japão que, lenta e relutantemente, integra-se com a cultura brasileira enquanto tenta, ao mesmo tempo, agarrar-se a costumes e tradições que são puramente japonesas.

Ainda que a língua “oficial” do livro seja o inglês, Yamashita incorpora os idiomas japonês e português do Brasil neste livro. Neta de japoneses, sua nacionalidade é norte-americana. Casada com um arquiteto brasileiro, a autora viveu nove anos no Brasil. A escrita de Karen é híbrida, porque mistura conhecimentos, opiniões e experiências absorvidas nas três culturas. Após viver nos Estados Unidos, no Japão e no Brasil, Karen descobre hábitos únicos, palavras intraduzíveis e faz fortes críticas sociais aos três países, deixando claro que pertence às três culturas e a nenhuma por completo.

Fico sempre pensando sobre esta noção de “pertencimento”. Não no sentido capitalista da palavra, de posse, não é isso. Falo do sentimento de se encaixar em algo, de "caber" em um espaço, como se existissem moldes vazados perfeitos para cada pessoa e só precisássemos encontrar o nosso. A literatura dita pós-colonial me ensinou muito sobre isso, me poupou anos de terapia. Não existem tais espaços. É preciso criá-los, moldá-los, é preciso empurrar daqui e dali, incomodar quem está em volta, chorar, sentir dor, ser forte, fincar o pé, para que o molde seja seu, e não você dele.

O capítulo “July – Circle K Rules”. Em meio a um texto que mistura impressões sobre o funcionamento

“Nós somos o mundo. Nós somos o lugar mais feliz do planeta. Nós aceitamos American Express, Mastercard ou Visa.”

>>

“social” dos três países, Karen monta uma lista de regras que mostram como ela percebe cada país.
Alguns exemplos de regras japonesas:
“Tire os sapatos ao entrar em casas e prédios.”
“Ao vestir um quimono, feche o lado esquerdo por cima do direito.”
“A opinião dele é a opinião dela, é a minha opinião, é a sua opinião. Eu concordo.“
Agora, algumas das regras brasileiras de acordo com a autora:
“Não há regras. Todas as regras podem ser quebradas ou evitadas.”
“Ao sair de uma festa, levante-se uma hora antes para beijar e abraçar cada uma das pessoas presentes.”
“Nada é sagrado; não perca a piada.”
E, por fim, a impressão da nipo-americana sobre os Estados Unidos:
“Fale inglês.”
“Na dúvida, consulte seu advogado.”
“Nós somos o mundo. Nós somos o lugar mais feliz do planeta. Nós aceitamos American Express, Mastercard ou Visa.”
Ao mesmo tempo em que percebo certo distanciamento nas descrições, estereotipadas (a preocupação japonesa com a tradição, o desleixo brasileiro, a fixação por poder dos Estados Unidos), vejo a questão do pertencimento de Karen em cada uma das culturas. Apesar de tais críticas, em momento algum ela defende um país em detrimento de outro; seus olhos observam os países com igual distância e proximidade, sem o sentimento de “pertencer” a algum deles. Mais adiante no livro, esse sentimento se evidencia:
“Minha coluna dói. É mais longa que deveria, geograficamente expandida. É mais curta que deveria, comprimida e digitalizada. É uma grande abstração, uma vértebra de elocuções híbridas onde me conecto às mensagens em, talvez, 25% do tempo. É múltipla e reversível, desconectada e, no entanto, completamente conectada, eterna e sofredora e infinitamente sensível. Ela é borda e fronteira. Ela é veículo e passageiro. Transporte e viajante. Ela é uma ponte e um animal de carga. Ela é a minha coluna.”
Yamashita faz de sua coluna vertebral uma metáfora para o deslocamento urbano, o seu próprio deslocamento. A mesma via que pode alongar e encurtar distâncias é também peso e cansaço, obediência e irracionalidade. Assim são suas “casas”: Seto, Los Angeles, São Paulo: tão próximas e tão distantes, tanto fisicamente quanto cultural/socialmente. Fascinantes e ao mesmo tempo uma armadilha. São assim as nossas “casas”, sempre aconchegantes e estranhas, o tempo todo. É assim a minha, sempre um refúgio e uma surpresa. E é aí que está a graça.

* Mestre em Literaturas de Língua Inglesa

BLUE CHAIR

Texto: Brisa Marques

Ando com sede e preciso respirar. Ando com sede de água potável e preciso respirar ares limpos. Ando com medo de me tornar uma saudosista nata. De gostar apenas de coisas e pessoas mortas. É que meus "ídolos" estão morrendo. Sinto falta de arte. De Autran, José, Cortázar. Hoje, me incluo na velha porcentagem daqueles que não andam tão felizes assim. Inclusive me incluo também na categoria daqueles que apenas não andam. Você aí, já parou pra pensar como andar faz sentido? Como é algo inerente à nossa condição de pessoa ativa, capaz, eficiente?! Eu que, há pouco, andava, corria, jogava, gingava, de repente, parei. Maldita medula que fica encravada no meio da espinha. Fez-me deficiente. "Alejada" de tudo e todos. Ah, como é difícil chegar à cozinha, ir ao banheiro, dar cinco, seis, sete passos.

O importante é me incluir socialmente, não é verdade, meu caro leitor? Adaptar-me à nova situação, lutar contra as barreiras e encarar de frente o preconceito. Realmente, eu queria ser mais confiante, mais corajosa, engajada. Infelizmente é que ainda tenho a incumbência de renovar minha CNH, afinal de contas me tornei uma pessoa especial, e em detrimento desse meu destaque frente à sociedade, precisei mudar a minha documentaçãoo e, além disso, comprar um carro adaptado para pilotar por aí. Vou entrar na minha aeronave terrestre, descansar meus pés (que não sentem a dor do joanete que começa a crescer por causa do meu sapato novo) e acelerar com a mãoo direita. Vrummm...

Pior é saber que, no mercado, mesmo com o meu desconto previsto pela lei no ato da compra, o carro mais barato que encontro na fábrica custa R$38.000,00. Por que nãoo posso ter um popular? Além de ser especial ainda tenho que ter um Honda Fit, um Peugeot ou Eco Sport? Ora, nãoo venha me falar de acessibilidade. Francamente, já me bastam os buracos que tenho que me desviar ao tentar atravessar a calçada da portaria do meu prédio para a rua. Pelo menos, dentro do carro nãoo serei foco de olhares alheios toda vez que quiser dar uma voltinha - a não ser pelo designer super arrojado daquele adesivo da "blue chair" que todos conhecem e que pregarei em poucos dias num carrinho que provavelmente pagarei em muitos anos.

Desculpe o desabafo e o baixo teor informativo e cognitivo do meu texto. É que meus "ídolos" estão morrendo. Sinto falta de arte.

ORGULHO GAY
IDENTIFICAÇÃO E LIBERDADE DE ORIENTAÇÃO SEXUAL

Texto: Cássio Miranda *

Quero pensar nas contradições existentes naquilo que costumeiramente convencionou-se chamar de liberdade de orientação sexual, possibilidade de escolha da vida sexual, orgulho gay ou qualquer coisa do gênero.

Uma revista eletrônica direcionada ao público gay lançou uma matéria tratando dos gays que não são gays: "Eles não apreciam Madonna, desconhecem a última coleção da Prada, nem vão às baladas GLS. No entanto, sabem a diferença entre uma chave de fenda e uma inglesa, conseguem detectar um problema no carro pelo ruído e até gostam de jogo de futebol. Eles são gays, mas se intitulam em alto e bom tom como sendo "fora-do-meio'". Segundo a revista, os denominados "fora-do-meio" podem ser encontrados em diversos lugares, tais com salas de bate-papo, sites de relacionamentos - onde evidenciam sua condição.

A revista qualifica os "fora do meio", a partir da citação de discurso de autoridade, como enrustidos, pois não "curtem" o mundo GLS, acreditam estar fora da cultura gay e julgam os gays que freqüentam o "meio" como "bichinhas", "afetados", promíscuos, etc. Enfim, há uma cultura de discriminação que parte dos "fora-do-meio" e também uma cultura de discriminação dos que estão "no meio", como é o caso do veículo citado.

Uma questão que se impõe é a seguinte: ser fora do meio é suficiente para garantir a virilidade, uma "contra-cultura" gay e a não-promiscuidade? Se o mundo virtual possibilita uma série de encontros fortuitos – e ás vezes relacionamentos duradouros -, a promiscuidade no mundo gay não está restrita aos guetos homossexuais, como os "fora do meio" dizem freqüentemente dos bares e boates gays. O que constrói uma cultura gay? Não seria também a Internet mais um local em que os do meio freqüentam formando, portanto, um gueto? Freqüentar teatros, assistir a filmes "cults", ir a exposições, a um bom restaurante ou coisa parecida garante que um homossexual seja fora-do-meio? Freqüentar ambientes GLS garante que alguém seja assumido? O que é ser homossexual assumido? Levantar "bandeira"? O que a psicanálise pode auxiliar na compreensão da "cultura gay" e do amor homossexual?

O individualismo de massas constitui-se como um tipo de individualismo exacerbado, mas que nivela a todos por baixo, no sentido de colocar o sujeito em uma série, massificado por ideais identificatórios. Melhor dizendo: o sujeito se vê obrigado a se identificar com algum significante neste mundo individualizado. Assim, o significante Gay passa a ser um ponto de

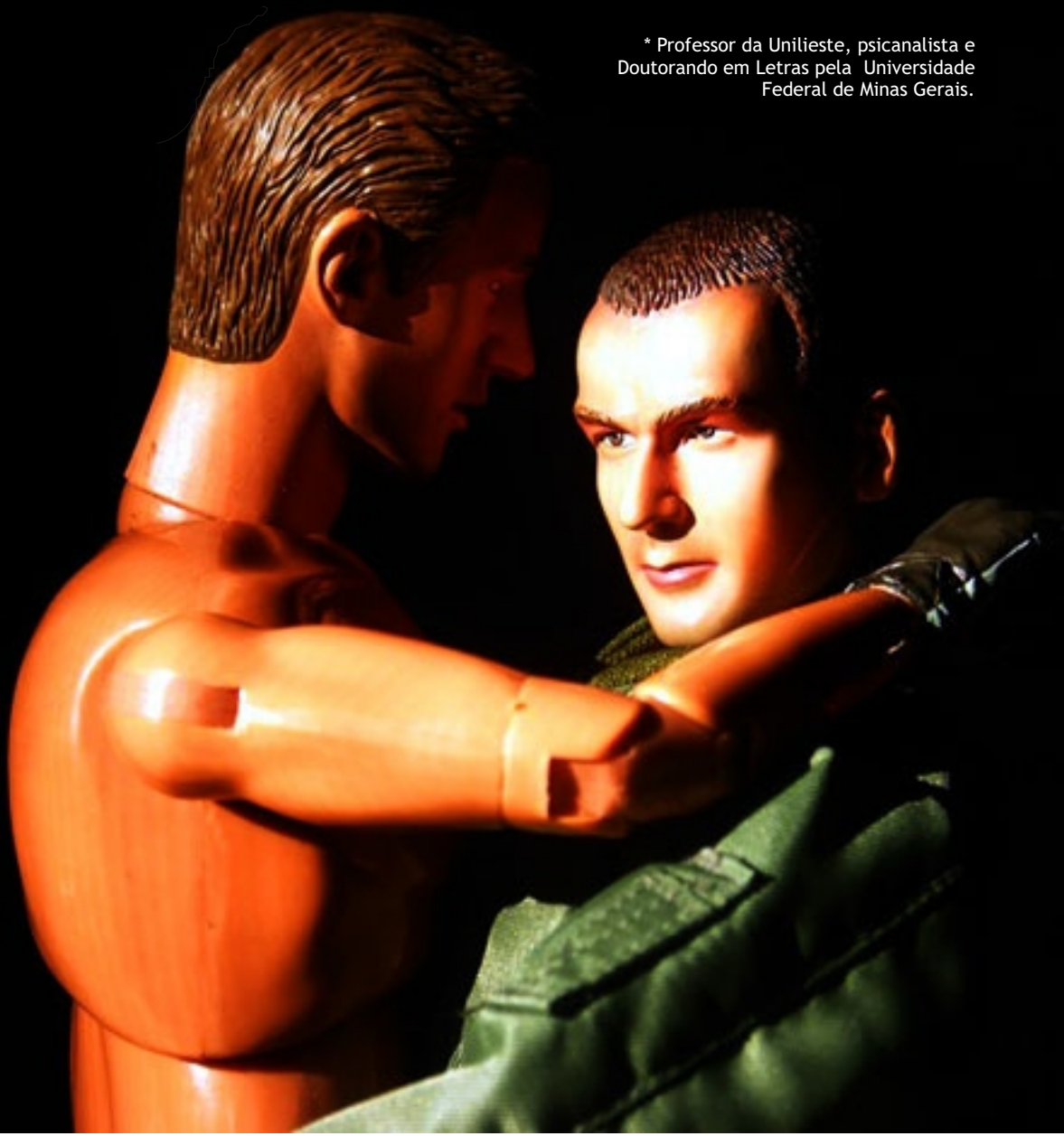
>>

>>

identificação comunitária, orientada pelo binômio prazer-liberdade. Basta, para tanto, lembrar-se que *gay*, em inglês, dentre vários significados, tem também o sentido de *alegre, dado aos prazeres*, etc. Sendo assim, podemos pensar que os chamados "guetos" – ou o "meio", nada mais são que um conjunto de sujeitos que se identificaram uns com os outros em seu ego, porque colocaram o mesmo objeto – no caso a cultura gay – como seu ideal.

Para a psicanálise, a posição homossexual é diferente da posição gay. Posição homossexual aparece como uma solução, com aquilo que o sujeito vai fazer com um determinado modo de gozo, diante da impossibilidade da vivência total da sexualidade. Por outro lado, conforme já dito, a posição gay liga-se à posição de uma identificação comunitária. Para Lacan, a questão maior que se impõe ao gay é, dentre outras, a questão do narcisismo presente na subjetividade gay. O gay busca, então, alguém que reflete aquilo que ele é, inconscientemente, e quando o sujeito gay se depara com uma falha na imagem refletida no outro, isso se torna insuportável e a ruptura é o caminho mais comum. Por outro lado, o homossexual serial aquele que suporta a diferença, daí a célebre frase de Lacan: "Chamamos heterossexual (...), aquele que ama as mulheres, independente de qualquer que seja o seu sexo próprio".

A psicanálise não teme o novo amor e o amor homossexual pode estar do lado do novo amor. O que a psicanálise quer fazer, no que tange à homossexualidade, é oferecer ao sujeito possibilidades de construir um caminho menos alienado - o que a cultura gay pode fazer – uma vez que o mundo oferece formas prontas de prazer de sofrer. Desse modo, para a psicanálise, a verdadeira liberdade de orientação sexual encontra-se na possibilidade que o sujeito tem de desejar – e o desejo está muito além da vontade -, na possibilidade que o sujeito tem de construir percursos menos alienantes e, sobretudo, vivenciar sua sexualidade suportando a diferença no outro.

* Professor da Unilieste, psicanalista e Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais.

FREE
O QUÊ MESMO?

Texto: Gabriel Ruiz

Carina Ruiz é universitária, cursa atualmente o terceiro ano do curso de tradução na UNESP, campus de São José do Rio Preto, tem 20 anos, adora andar de bicicleta, mora em república, é vegetariana há aproximadamente dois anos e gosta de temas como movimento estudantil, anarquismo e modelos alternativos de existência vital. Esforça-se para adotar um modo de vida, desconstruindo "manias" e maneiras de pensar. Tem estatura média, aparelhos nos dentes, usa óculos, a pele é clara e os cabelos castanhos: um misto de fios lisos e o "penteado" dread. Ela distribui muitos sorrisos e possui estórias como a de uma república que de tanta socialização dos bens da casa, não se sabia mais que roupas eram de quem, um usava a do outro e o outro a do um.

No campus de Bauru, num dos jardins próximo à cantina da faculdade, debaixo da sombra de uma pequena árvore, Carina estendeu um grande pano e dispôs objetos sob ele: shampoo de saquinho, livros, colares e diversos outros.
O que são esses objetos estendidos aí, vocês estão vendendo? "Não, a gente está trocando!" Nossa, que diferente. "Faz parte da estratégia freegan. É uma estratégia de vida com poucos recursos financeiros".
Interessante, mas "free" o que mesmo?

O que é Freeganismo?
O nome vem da fusão de "free", do inglês que é "de graça" e "vegan" que significa pessoas que não comem nada de [origem] animal. Então seria o vegan que consegue as comidas sem pagar por elas. É uma estratégia para conseguir viver fora do mercado o máximo possível, sem capital, sem dinheiro, se virando. E se valendo do desperdício que a sociedade capitalista produz, os excessos. É você se aproveitar disso para não precisar ficar comprando. Mas o objetivo freegan seria também plantar, não só coletar alimentos através do desperdício.
Mas na prática como funciona isso?
Já entrei em vários sites e o pessoal discute que não dá pra ser cem por cento freegan. Mas na verdade não é ser cem por cento freegan, mas aplicar estratégias freegans. Então por exemplo, ao invés de jogar suas coisas fora, você troca com um amigo, os móveis usados, ao invés de vendê-los etc.
No caso dos alimentos você vai à feira e pode conseguir >>

>>

várias coisas. Fiquei impressionada, achei que teria produtos que não iam rolar sabe? Mas tem muita coisa que dá pra aproveitar, que eles jogam fora. Se não dá pra comer cru, dá pra cozinhar. Mesmo quando a gente compra bananas, por exemplo. As últimas bananas do cacho ficam escuras e às vezes amassadas. E o que a gente faz com elas? Você não joga fora, mas faz um doce. Então no caso, a gente já pega as bananas amassadas ou escuras e já faz direto o doce! (risos)
E outras coisas também. Com garrafas PET dá pra fazer vassouras, com retalho de pano, a gente faz cintos, tapetes, "n" coisas.
A galera procura em lixão, por exemplo, móveis. Tenho uma escrivaninha em casa que veio do lixo da Unesp que eles haviam jogado fora. Seria essa estratégia de você não comprar, mas sim arranjar sabe?

E como que você começou a ter contato com freeganismo?

Foi há pouco tempo. Nas últimas férias (janeiro/fevereiro de 07) você fica em casa o dia inteiro, sem fazer nada e na internet o dia todo. E aí comecei a pesquisar temas que gosto, como anarquismo, vegetarianismo, yomango e encontrei "freeganismo"; então pensei, "nossa o que será isso ?". Comecei a ler sobre e quando retornei para [São José do] Rio Preto, pensei, "vamos ver se rola esse negócio da feira". Aí fui à feira num domingo e consegui alimentos pra minha semana inteira. Porque ás vezes os alimentos caem no chão e as pessoas ficam com nojo de pegar de volta, mas o alimento está perfeito. A gente acha batata, abacaxi perfeito, laranja e limão então nem se fala. Tem até uma barraca que eles vão jogando as coisas que não estão muito boas. E esse "não estão muito boas", muitas vezes é só de aparência. Sei lá, a pessoa não vai comprar, por exemplo, aquela banana que vem uma grudada à outra e aí eu como! (risos)
Minha alimentação virou de ponta cabeça, por causa disso, porque como muito mais frutas e verduras do que qualquer outra coisa. Deu muito certo. Já faz bastante tempo que faço esse esquema da feira, o pessoal já me conhece e separa coisas boas que sobram.
E mesmo com diálogo. Por exemplo, tem um amigo meu que trabalha e ganha cesta básica. Só que ele não usa tudo, então ele me dá arroz, óleo. Posso dizer que com comida não gasto dinheiro.
Tem também o lance que acho o máximo do freeganismo (risos): o squat, que é a ocupação de um terreno que não estão usando e viver de graça nesse terreno. É uma vida bem instável né, mas...

Pretende expandir essas idéias?

Sim, estamos com projetos! Acabamos nos empolgando. Tem um projeto de juntar óleo usado, gordura e tal e fazer sabão. Deu muito certo, só lavo roupa e louça hoje com meu próprio sabão. É caseiro, mas limpa tão bem quanto o industrializado.
E tem uma idéia também que é o escambo literário, ao invés de tirar xérox, a gente tem uma geladeira que não está sendo usada e dentro dela a gente deixa textos do curso. Então veteranos vão embora e deixam os textos que não vão usar lá e aí ao invés de tirar cópias vamos lá antes ver se tem e economiza bastante também.

Além desses exemplos de alimentação e escambo literário há mais alguma prática ou outro ideal?

Funciona na verdade como estratégias anti-capitalistas. Tem uma estratégia que é o desemprego voluntário, é também um princípio: você não aceitar a idéia de que precisa trabalhar para conseguir o seu alimento. Você tem o direito à alimentação e o direito de sobreviver. Então ao invés de passar oito horas, sei lá, vendendo em alguma loja, seria passar essas oito horas

FREE FREE FREE FREE FREE FREE FREE

MAO dice:
"Este libro es lo pero"

vivendo mesmo.
A auto sustentabilidade é também bastante defendida. Por exemplo, teve um amigo meu que foi para uma ocupação que tinha um banheiro seco. Esse banheiro funciona assim: no lugar da privada tinha tipo (eu não sei direito porque não fui nesse lugar) um balde com terra onde você fazia as suas necessidades ali...
Abrange tudo sabe, no meio ambiente, na menor quantidade de dinheiro, não usar absorventes, não usar papel higiênico. No caso do absorvente usar toalhinhas, é melhor pro meio ambiente e saúde.
Algumas pessoas inclusive possuem objetivos de se criar até comunidades, pelo menos isso é uma coisa minha, particular. Por exemplo, você faz uma ocupação, aí você planta e usa as necessidades das pessoas como adubo e aí você tem reduzida quantidade de lixo, você está criando uma comunidade que é melhor pro meio ambiente e não cai no capitalismo e nas suas correntes.

Podia falar um pouco mais sobre o desemprego voluntário?

No caso do desemprego voluntário acho muito importante. Porque nos obrigam a perder nosso tempo se alienando, porque o trabalho muitas vezes não acrescenta nada, meu pai por exemplo, passou a vida toda trabalhando em banco, totalmente fechado, sem aprender muita coisa, enquanto que você poderia estar estudando, cuidando da sua casa.
E como você não tem tempo para essas coisas, precisa de conforto, precisa de um micro ondas pra economizar tempo.

Outra estratégia que comentou anteriormente foi o Yomango. É outra estratégia anti-capitalista?

Sim, o Yomango é também uma estratégia anti-capitalista, tem até livro sobre, chamado "O Livro Vermelho", (El Libro Rojo de Yomango). Eles falam o seguinte: que o capital tirou todos os nossos direitos, se apropriou deles como produto e vendeu de volta pra gente entendeu? Em troca do nosso trabalho. Nós temos o direito de andar pra onde quiser, tem o direito de educação, saúde, comida e tudo mais. Então o que fez o capitalismo? Se apropriou de tudo isso e vende como um produto, por isso tudo agora é privado. Você precisa ir ao mercado e comprar as coisas num ritual ridículo, aí você pensa: "ah, mas tenho liberdade de escolha!", isso exato, escolher entre a marca "A" e a marca "B". Liberdade de não gastar você não tem. Então o que falam no livro é a re-apropriação dos nossos direitos. Claro, não funciona, por exemplo, com o bar do tiozinho da esquina que está tentando igual a você e se ferrando na vida. São grandes corporações como o Pão de açúcar, o Extra. Seria entrar nesses lugares e se re-apropriar dos seus direitos, furtando! (risos).
Mas assim, o Yomango seria uma estratégia divertida, o fundamental é se divertir fazendo isso. Então tem uma galera que "alopra" no supermercado! Tem pessoas que começam a comer no mercado e outras que levam pra casa. Na Europa isso é mais freqüente. Lá também é mais tranqüilo, porque uma certa quantia que você rouba, você não apanha tanto como no Brasil. Aqui é mais difícil. Já conheci gente que apanhou por causa de gel de cabelo, de voltar pra casa sangrando. Mas pode dar certo, conheço pessoas que se divertem bastante com isso, comem tomate seco, champignon, palmito... (risos).
Aí entra aquela coisa né, vamos ser humildes? Mas espera aí, quem tem dinheiro pode se alimentar bem e quem é pobre se fode, você não tem o direito de escolher o que você vai comer, tem que comer aquilo que o "dinheiro dá", que seja o mais econômico.

GLASS UNDER ANDY WARHOL

Foto: Rodrigo Saturnino

PENSANDO EM CAIXA ALTA

Texto: Carlos d'Andréa *

A cena é comum: domingo à noite, TV ligada. Contrariado com o resultado do futebol, o pai observa, já ocupado com o lanche à mesa, os melhores momentos do jogo recém-encerrado. O filho, ainda curtindo a ressaca do fim de semana intenso, observa sem muito interesse o lance polêmico e espera um pouco mais antes de ir para o quarto assistir trechos de um filme qualquer e dormir. A caçula já assistiu três vezes o DVD do último desenho animado de sucesso e, dispersa, brinca agora com a boneca da sua heroína. A mãe acompanha o Fantástico, mas aguarda ansiosamente a reprise de Desperate Housewifes às 22h. O pai xinga o goleiro e o juiz, o filho está de olho nos trejeitos dos atores, a patriarca e a caçula sentem-se melhores amigas das protagonistas. No dia seguinte, ele discute o lance polêmico com os amigos, durante o almoço e à noite revê a cena e, influenciado pelo vizinho que encontrou no elevador, reclama agora do juiz e do zagueiro. Ele Jr. esqueceu o nome do filme, mas hoje de manhã achou uma colega mais bonita porque parecia-se com a sorridente atriz da véspera. Tese: ainda que a preguiça seja a palavra de ordem, é impossível assistir um programa, folhear uma revista ou passar o olho por um cartaz e não pensar em nada. Podemos não comentá-la com ninguém ou logo esquecer a reação, mas sempre um pensamento, uma opinião, uma impressão virá à tona.
E o que acontece quando começamos a registrar estes pensamentos? Quando o elogio ao texto de um jornalista chega até ele, e uma crítica também; quando deixamos um recado de incentivo ou dúvida a um amigo, ou a um desconhecido; ou quando a minha observação, arquivada, faz a diferença para alguém?
Hoje, os pensamentos são cada vez mais em voz alta, ou melhor, digitados em caixa baixa (ou alta, quando queremos gritar). Repare numa página do YouTube: um sujeito resolve, por motivo qualquer, publicar lá um vídeo que pode ter maior ou menor interesse público. Pelas palavras-chave, ou porque alguém enviou o link para outro alguém, outro sujeito assiste àquela edição. Se confirmada nossa teoria, pensa algo: “bacana”, “que porcaria”, “isso me lembra o verão de 1985”, “não concordo com a opinião deste entrevistado” etc etc. As idéias, menos ou mais elaboradas, a princípio morreriam por aí mesmo. Mas convertem-se em votos, comentários, favoritos, denúncias, scraps, perfis ou feeds adicionados. No mínimo, uma visita contabiliza uma exibição do vídeo e, sem saber ou sem querer, o sujeito 2 contribuiu para a popularidade do vídeo e, de algum modo, vai influenciar o ser 3, o 4, o 5...
São impressões registradas para os próximos seres pensantes. Alguns estudiosos resolveram, num momento de maior entusiasmo, chamar isso de inteligência coletiva. Será? As pegadas desconexas e irregulares deixadas por muitos, em qualquer lugar, me lembram a gritaria do centro da cidade, onde as pessoas se esbarram e cruzam falas quase aleatoriamente. Ou a bagunça de uma festa de família. Embora haja ali um senso de organização, não carrega exatamente a noção de inteligência que conhecemos. Nada contra a TV ligada na sala e quartos no domingo à noite, mas experimente, mãe, deixar suas experiências e histerias no blog Desabafo de Mãe (http://blogdodesabafodemae.blogspot.com/). Pai e filho, o Futepoca (http://www.futepoca.com.br/) junta futebol e cachaça no mesmo site, vejam só. Para a menina, não preciso dar dicas: ela gerencia uma comunidade sobre seus personagens, e ainda vai fazer oito anos.

Ando deixando meus pensamentos por aí. E você?

Jornalista, mestre em Ciência da Informação e cursa doutorado em Linguística na UFMG. Especializado em mídias digitais, é professor universitário e coordena o curso de pós-gradução Projetos Editoriais Impressos e Multimídia. Quando sobra tempo, registra suas idéias no blog NovasM, Nmídias (novasm.blogspot.com).

CHE GUEVARA, LISA SIMPSON, TIRADENTES E REVISTA VEJA

Texto: Ivan Bonfim

Eu tenho uma camisa de Che Guevara, desde minha adolescência. No entanto, segundo a Revista Veja, eu não posso usá-la. Ela nem mais cabe em mim, pois ganhei alguns quilos desde que tinha 17 anos. Mas, mesmo se não os tivesse adquirido, não poderia trajar a surrada camiseta.

Por que comprei uma camisa de Che Guevara? Será que foi para festejar seus assassinatos, sua sede de sangue, seu "narcisismo suicida"? Poderia ser, se me enquadrasse na faixa humana dos psicopatas, na qual teria companhia daqueles que usam símbolos como a suástica. Mas, será que se eu usasse a camisa oficial da seleção brasileira daquela empresa norte-americana, eu estaria apoiando a exploração do trabalho infantil? Afinal, não sei se é de conhecimento dos leitores, mas a referida empresa tem centenas de processos internacionais por utilizar o trabalho de menores em países subdesenvolvidos. Mas isso é outra história. Só pra constar: nunca compro artigos desta marca.

Mas, para quê pensarmos em outras épocas, outros tempos, outras concepções de História? De acordo com a revista Veja, a verdade é só uma. É a dela. E não só a verdade, como o próprio processo histórico em si. Pode ser uma novidade para a Veja, mas, por mais incrível que seja, devemos julgar as personalidades e as idéias de acordo com seu tempo. Senão, caímos direto no conceito de anacronismo, uma palavrinha interessante. "Contrário à

>>

cronologia, que não está de acordo com os usos da época a que se refere”, de acordo com o dicionário. Legenda de uma das fotos da revista: “Che: o homem era diferente do mito”. Fantástico, não?
Num episódio antigo dos Simpsons, a esperta Lisa descobre que o herói de sua cidade, Jebediah Springfield, era na verdade um corsário sanguinário. Mas ela, ao observar o efeito de agregação que o mito tinha sobre seus conterrâneos, decide se calar e também celebrar a imagem do mito. Isto não foi mais do que uma resposta aos críticos dos “Founding Fathers”, ou Pais Fundadores, um panteão criado pelos norte-americanos para celebrar políticos decisivos na formação da identidade estadunidense. No caso, a lenda pegou. Mas um caso similar no Brasil, mais precisamente em Minas Gerais, não chegou ao nível de institucionalização dos Pais Fundadores: Tiradentes. O alferes é pouco valorizado, pois não se entranhou no imaginário popular. E por que isto ocorre? Por causa das raízes.
Fabrica-se a História. Mas, para que ela seja “comprada” pelo povo, ela deve ter raízes sólidas. Os norte-americanos se vêm como o povo escolhido, e seus Pais condizem totalmente com isso. Aqui, a glorificada luta de Tiradentes não encontrou correspondência nas raízes socioculturais do povo. Assim, ele está lá nos livros, mas poucos lhe prestam tributos.
Mas o que tem a ver com isso Che Guevara, que completou o 40° aniversário de morte em 2007? Che Guevara está tão ligado às raízes dos habitantes periféricos latino-americanos (não só deles, como se vê pelo mundo inteiro) que se pode dizer que ele fez surgir novas raízes. Oprimidos pela exploração no mundo inteiro celebram a imagem de Che, sejam socialistas ou não. Che está acima da disputa entre Capitalismo e Comunismo, como a Veja quis mostrar. Aliás, a revista tenta, em todas as suas páginas, descrever as ações de um sádico e vaidoso assassino em busca de fama, além de mostrá-lo como covarde. Será que eu sou cego, e não vi que o homem se embrenhou na mata, deixando pra trás uma confortável situação econômica, atrás das mudanças sociais para um mundo em desacordo? Só eu percebo alguém lutando de maneira sanguinária, sim, contra governos sanguinários?
Seus métodos são discutíveis? Muito discutíveis, pra lá disso: de acordo com nossos olhos de 2007, são inaceitáveis. Mas foi a maneira com que ele tentou transformar o injusto mundo no qual habitava. Já que a Revista Veja adora metáforas com acontecimentos comunistas, temos que avisá-los de que, ao investirem contra a História, estarão incorrendo no mesmo erro daqueles que fizeram a Revolução Cultural Chinesa, que terminou com milhões de mortos. Os assassinos queriam mudar a História à força, fazer o anacronismo com as próprias mãos. Mas não conseguiram.

BOM DIA, SENHOR COURBET!

Texto: Marcelo Seabra

“Pinte o que você vê". Este poderia ser um conselho de Gustave Courbet a seus alunos, se ele os tivesse. Ter alunos é dizer a alguém o que fazer, o que pintar, até como pensar. Parece ser esse o pensamento de Courbet, que preferia deixar as pessoas livres para agirem como lhes conviessem.

A velha relação comercial entre mecenas e artista pode ter começado a mudar ali. Não é a toa que, no quadro "Bom Dia, Senhor Courbet", o próprio pintor se retrata como um ilustre visitante nas terras de seu mecenas, Bruyas, que lhe presta uma reverência. Este narcisismo do artista é uma característica muito evidente em sua obra, podendo também ser observado em outros de seus trabalhos, como no auto-retrato de aproximadamente 21 metros quadrados intitulado "O Ateliê do Pintor".

Para a sociedade, Courbet podia ser tido como um indivíduo marginal, que gostava de chocar e desafiar convenções e tendências, e ele mesmo se considerava assim. Mas marginal, para ele, era algo superior, diferente do usual, e usava seu narcisismo para reafirmar esse status, colocando-se em destaque em eventos, discussões e até em seus quadros. O sistema de encomendas começou a mudar aí, já que seu mecenas não lhe dizia o que pintar, mas vendia o que já estava pronto.

Na carta endereçada ao ministro das Belas Artes de Napoleão III, usurpador do poder na França, ele recusa uma condecoração que recebeu, caso notável de alguém que mantém sua honra e dignidade. "Tenho cinqüenta anos e sempre vivi livre. Quando morrer, quero que digam de mim: aquele nunca pertenceu a nenhuma escola, a nenhuma igreja, a nenhuma instituição, a nenhuma academia, sobretudo a nenhum regime, a não ser o regime da liberdade", afirmou, reforçando sua posição de homem livre que se negava a ter suas ações ditadas por outrem.

Jorge Coli, em sua análise sobre o quadro que dá nome a este texto, lembra que o crítico Proudhon, amigo bem próximo a Courbet, atribuía uma militância social à obra do artista. Mas existe, aí, um equívoco: o próprio Courbet assume que não tinha essa preocupação. O quadro "O Retorno da Conferência", por exemplo, que trazia padres bêbados saindo de um almoço regado a vinho, visava apenas causar escândalo, e conseguiu.

Se há uma pessoa humilde ou uma situação que indique pobreza ou injustiça em seus quadros, é apenas porque Courbet via isso e era sua filosofia retratar o que estava perto de si, em seu mundo. Ele vivia e trabalhava seguindo sua própria ética, que desenvolveu e à qual era fiel.

O FEMININO E A ANOREXIA

Texto: Eduardo Lacerda
Foto: Rodrigo Saturnino

A anorexia apresenta-se hoje como uma das patologias típicas deste século. À primeira vista ela veste a máscara de um mal-estar social, ou seja, mulheres jovens presas mediante a um ideal de magreza imposto pela mídia. Cultura da imagem, que impõe a essas mulheres, conceitos e valores sobre a estética onde o normal e o patológico se confundem apresentando fronteiras cada vez mais difusas. Ideal feminino de magreza que desafia a vida.

O objetivo deste novo trabalho textual é pontuar alguns segmentos desta patologia no qual a psicanálise se interessa delimitar por ser uma nova forma de sintoma na atualidade. Com isso, Freud em o "Mal estar na civilização" (1929) destaca que nenhum movimento social exerce sua força a menos que encontre respaldo em poderosos subsídios inconscientes. A sociedade e a cultura podem provocar a emergência - em forma de desajustes - de aspectos mal constituídos em nossas estruturas psíquicas, já que somos seres de incompletude, um falta-a-ser.

Aqui, uma leitura crítica da psicanálise é muito bem-vinda para ressaltar o aspecto "mal constituído" ou inexistente do feminino em torno da questão fálica da castração e da inveja do pênis. Sustentando essa abordagem, a psicanálise tornou-se cúmplice de um projeto civilizatório que se afirma pela exclusão da feminilidade, pois, a teoria sexual, ao menos em Freud e Lacan, diz que a relação entre os sexos é fundamentada a partir da referência ao sexo masculino, "onde não existe propriamente uma diferença, mas sim pares de opostos que giram em torno da lógica fálica". Enquanto na teoria freudiana o lugar oferecido à mulher é o de um sentimento e de uma posição de inferioridade, na teoria lacaniana, a mulher aparece como inacessível, inexistente, ou não simbolizável. Em ambos, o feminino é um déficit, uma negatividade.

Se não fossem esses aspectos mal constituídos ou excludentes do feminino será que as anoréxicas existiriam? Ou, pensando melhor, ser anoréxica revelaria de fato a inexistência de um significante que represente a mulher, segundo a psicanálise?

No entanto, o que pode ser colocado em questão é que a abstinência alimentar da anoréxica nos remete à abstinência de todo o desejo. São nestas condições que estas mulheres se apresentam à psicanálise. Na escuta clínica a anorexia aponta para duas vertentes, uma enquanto estrutura, que implica um buraco no corpo, e outra como defesa anoréxica que traz um contra-investimento do corpo erógeno. Lacan nos ensina que a anorexia se situa ao lado estrutural da histeria, porém recorre à recusa enquanto artifício anoréxico, ou seja, ocorre uma recusa do prazer e este se faz escudo do desejo. O que a anoréxica evita é se defrontar com a falta e neste sentido ela recusa o alimento ou come nada, mantendo desta forma o desejo encoberto, uma recusa do desejo. O comer também pode ser um revelador do desejo encoberto quando retira do alimento o caráter de necessidade, produzindo pela falta (de alimento) a falta necessária para demandar amor e desejar. Lacan "A direção do tratamento" (1958) situa a anorexia enquanto paradigma clínico que especifica a disparidade entre a satisfação da necessidade e a satisfação do pedido de amor. É na medida em que a criança é alimentada com mais amor que recusa o alimento e usa a sua recusa como um desejo (anorexia mental).

Para Freud "Estudos sobre a histeria" (1893), a magreza decorrente da restrição alimentar era entendida como um sintoma conversivo e, portanto, estaria claramente ligada à histeria, não podendo se separar da estrutura histérica. A relação estabelecida entre a anorexia e a histeria se fortalecia e se justificava pela intensa carga afetiva e manifestações no corpo, que eram naquela época os principais meios através dos quais as histéricas evidenciavam seu sofrimento. De acordo com a hipótese freudiana, o excesso de afeto se transformava em repulsa e era deslocado para os alimentos que passavam então a serem evitados. A anorexia eclodiria no período pubertário e viria denunciar um conflito, em que a aversão à sexualidade remeteria à idéia de repulsa e à perda da libido (similar a perda objetal presente na melancolia), que em última instância ocasionaria a perda do apetite, constituindo-se, portanto, para ele num distúrbio oral.

A psicanálise também tem discutido o tema voltando a sua atenção para a cultura. Na referência de que "estar na moda" é uma forma de existir o Outro, já que a moda e a estética vêm velar o mal-estar do momento. O corpo esquálido transgride porque nada come e, ao se apresentar, a anoréxica fere a visão do outro, nas "passarelas da vida" causa encantamento e assombro nos consultórios. Olhar e ser olhado marca uma construção metafórica do sujeito. Um corpo que encanta e amedronta simultaneamente. Por esse ângulo, a anoréxica, mais do que envolvida em sua luta por um ideal de beleza da época, é aquela que diz do retorno da verdade recalcada pela sociedade consumista e globalizante do mundo atual. Sociedade que prioriza a ética da satisfação "plena" e não a ética do desejo. Ela é aquela que expões um gozo resistente a toda convivência social, que diz ao Outro moderno que, apesar de tudo que ele possa oferecer-lhe de mais evoluído, não pode satisfazê-la. Um exemplo disso, é o sujeito que diz aos pais (aqueles que procuram tampar a falta ou angústia que o desejo dos filhos lhes causam,

>>

>>

oferecendo-lhes objetos de consumo, dinheiro, cartões de crédito etc.) que objeto algum que possa ser consumido cala o desejo.

Assim, não comendo (oralidade) e se apresentando (escopicamente) como "nada", a anoréxica tem a intenção de cavar uma possível falta no Outro com seu desaparecimento. O nada aparece como uma tentativa de uma pseudo-separação do Outro, o corpo se consome para abrir uma falta no Outro sem garantias. Apesar de, aparentemente, situar-se no horizonte do descarnado, esse corpo esquelético, cada vez mais magro e fraco, pode trazer consigo uma marca fálica, um valor de troca nas relações com o Outro que pode ser a sua salvação. Ao presentificar o nada através de uma recusa generalizada, o sujeito se torna mestre da onipotência, cabe apenas a ele fazer-se viver ou não. "A partir daí, é ela (a anoréxica) quem depende por seu desejo, é ela quem está à sua mercê, à mercê das manifestações de seu capricho, à mercê da onipotência de si mesma" (Lacan, 1956-57).

Segundo Lacan (1958) a anorexia pode nos ensinar que é nela que se "apreende, como em nenhum outro lugar, que ódio retribui à moeda do amor, mas onde a ignorância não é perdoada". De qual ignorância se trata? Parece que podemos pensá-la pelo viés do Outro primordial (mãe ou quem cuida), o qual, ao dar o que tem para a criança ou sujeito, é um ignorante sobre o desejo, sobre um não querer saber do que é faltoso, o que leva ao ódio e acaba por colocar o Outro na mira da destruição. Do lado do sujeito, também é possível pensar que seu oferecimento para completar o Outro, que seu pacto com o Outro fundamental que o coloca na posição de ser o falo, acaba por mantê-lo em condição de certa ignorância, em relação ao objeto nada do amor, pagando o preço da relação mortífera com o ideal. Não se trata, então, do ideal de ser tal ou qual estrela de TV ou cinema, mas, sim, de ser tal qual o ideal materno.

Éric Bidaud em "Anorexia mental, ascese, mística" (1998) comenta que a relação estabelecida entre mãe e filha assume um caráter incestuoso e dominador, fato que impede esta filha de ser "penetrada" pelo desejo paterno (o que lhe permitiria entrar na conflitiva edípica). Nas suas palavras, "a mãe, não olhando para o lado do pai, não permite à sua filha ter acesso a este e a retém num entre-dois fascinante, uma aliança de domínio". Freqüentemente a figura paterna da anoréxica é descrita como ausente ou inexistente em sua função, é também desqualificada pela mãe e permanece assim, fazendo com que a relação mãe e filha perdurem. Este desejo paterno fracassado, será encenado por ocasião da entrada da menina na adolescência, momento em que, "traumatizada" pela puberdade, pelo apelo de tornar-se mulher, terá de re-significar a conflitiva e o enlace materno. Não re-significando essa relação mãe-filha de forma satisfatória, essa ninfa menina poderá vir a usar seu corpo de forma mortífera tornando-se uma anoréxica em potencial.

Desta forma, cabe ressaltar que, o que dificulta o tratamento médico a estes sujeitos, é a recusa da anoréxica em se reconhecer doente. Por isso, é extremamente importante que a família esteja atenta aos sinais. Quanto ao tratamento focado ao profissional da área de psicologia, também pode ser difícil o tratamento, pois a sua entrada interrompe essa relação dual, representando um terceiro atuante. E quanto ao paciente, a tarefa seria alcançar a estabilização de sua auto-imagem, sentindo que pode ser capaz de dar a si mesma um pouco de amor que experimentou em sua relação com a mãe e começar a desejar ser mulher, ou seja, ser um sujeito desejante.

binoculo
www.obinoculo.com.br

"Toda arte é, como a morte, uma inércia do instante e, portanto, uma modificação na velocidade do tempo vivido" (Paul Virilio, Guerra e cinema).

O PARADOXO DO READY-MADE

OU CÁ COM OS MEUS BOTÕES ADORNADOS DE CRÍTICAS

Texto: Ícaro Ramos

Abro com uma epígrafe-generalização de Paul Virilio para, depois, já ir me precipitando: também sou simpatizante de alguma arte contemporânea. Assim, bem de repente mesmo, para me salvar de qualquer revelia ou contraponto, como uma pequena chuva que cairia entre dezembro e março e logo mudaria segundo a direção de um vento novo, mais cheio de facilidades e de mobilidade. Acompanho, também, a tendência - um pouco a reboque e no rastro dos novos textos binoculares – à autofigurativização de minha autoria e a implementação de uma primeira pessoa já na cabeça deste escrito. Antes que a delonga faça jus ao nome, vamos à questão estritamente pessoal (ou não).
O problema é que há alguns dias voltei a me intrigar com o fato de que tudo pode vir a ser arte. Não é nada muito novo, mas oras... Assim, nada acaba sendo arte. Ou acaba?
Segundo os "novos apreciadores de arte", acaba. A visão comum a eles é que, sem as balizas técnicas impostas pelos gêneros artísticos separados, existiria mais democracia no fazer e no apreciar artístico; na fruição (Análise? Questionamento? Experiência?) de um objeto-questão, de disjunções semânticas, ready-mades e instalações, já não haveria uma aproximação pelo belo: o novo e "conjuntivo" objeto de arte seria atrativo a partir de uma explicação intelectiva.

Pode parecer um pouco estranho, mas arte já não é como foi criada: deleite estético para os sentidos. Deixou de ser isso faz algum tempo, nós é que perdemos o bonde da história. O radicalismo das experimentações de quem a faz no nosso tempo não é mais com o intuito de trazer regozijo, mas de questionar, trazer ao pensamento um fluxo de combinações novas e incrustar no juízo alguma revelação antiparadigmática. Tudo pode vir a ser arte mesmo, se seguir à risca algum sistema de arte regido pelo dinheiro.
Ora, um dos problemas disso tudo é a totalização, que se de tudo pudéssemos tirar arte, incluiríamos também no pacote a estética. Coisa que não acontece quase de modo algum nos novos barulhos e máquinas non sense do nosso tempo. E ainda pior: com esse modelo de legitimação, acabamos cindindo com um abismo a sociedade da qual a arte deve prescindir, entre os "herméticos" e os "ingênuos", dois pólos burros que têm intrinsecamente lógicas muito perigosas a propor.

Outra questão advém da desvalorização dos especialistas (e sua técnica) enquanto artistas verdadeiros do nosso tempo. Será que qualquer indivíduo sem conhecimento do material no qual está impondo seu discurso pode trazer algo realmente mais importante acerca daquilo que ele quer questionar? Ou

seja, se a arte nova independe das divisões antigas do classicismo, se o artista não necessita mais de um material específico para a sua atuação, se músicos, pintores, literatos (etc.) não são mais artistas do que, antes, poderiam ser nada dentro do quadro social (ou artístico), como resolver o problema (ou a solução?) de estarem os novos artistas em completude aquém das possibilidades expressivas do seu material bruto? Enfim, como conseguir a eficácia expressiva máxima de um objeto artístico que acaba sendo feito por alguém que entende menos, por exemplo, de um ferro de passar roupas do que a própria passadeira de roupas (ou do seu criador)?

Com isso, cria-se uma inversão nos valores do produto final. Não que tenhamos mesmo que advir de uma medida máxima da expressão (se é que isso existe), mas é, com efeito, brindar a ignorância com a publicização do objeto ingênuo, mas ao mesmo tempo hermético, da coisa sem sentido e ao mesmo tempo simplória.

Para completar, no que toca a fuga das características belas, uma nova pergunta: a arte-questão não se distancia dos que não se interessam pelo seu questionamento, ou pior, nunca vão se aproximar ou apreender nada dele? Tudo bem, tudo bem; a arte nunca foi feita para que todos apreciassem, só os preparados para entendê-la em profundidade, me responderiam os entusiastas da arte contemporânea. Mas é inevitável dizer que a beleza atraía algo de compreensível a qualquer obra do “modelo antigo de arte”, e que o binômio intelecção-beleza exclui menos do que o questionamento (em qualquer nível) puro.

Depois de tantos parágrafos, tenho que me repetir para me salvar: sou, também eu, um entusiasta das novas propostas. Mas, de qualquer modo, é aí que está o problema *avant la lettre*: a admissão da nova arte só é possível com a aceitação da morte da arte como ela era, e disso a nossa proposição estaria incorreta: tudo pode vir a ser arte, exceto o que já foi constituído como tal. E isso inclui um rechaço para com os artesãos antigos - com todo seu conhecimento adquirido a respeito da harmonia e desarmonia dos elementos dos materiais do mundo - e a exclusão da maior parte dos que poderiam ser transformados a partir das questões levantadas. A opção fica mesmo no suicídio e no mandar a conta artística lá do limbo.

Se Hegel entreviu, nos seus famosos *Cursos de estética*, a morte da arte como a filosofia e as áreas de conhecimento queriam que ela fosse, isto é, propriedade do sensível, é melhor que a matemos mesmo de uma vez. Assim, talvez possamos mudar o nome e a existência desse negócio tão falado e pouco sabido, ao qual damos o nome de arte. Uma sugestão, enfim: que tal seria se a arte virasse um ramo da filosofia (estética não!) no qual pudéssemos questionar os objetos, fenômenos e ações à luz de qualquer que fosse nossa vontade? Alguém poderia até dizer que Schopenhauer previra o conceito, lá no seu *O Mundo* como vontade e representação. E aí teríamos uma discussão epistemológica mais fértil, com uma arte só próxima de onde ela ultrapassa seu conceito básico de delírio genial intuitivo para admitir campos de atuação menos comprometidos, como o raciocínio puro.

a admissão da nova arte só é possível com a aceitação da morte da arte como ela era, e disso a nossa proposição estaria incorreta: tudo pode vir a ser arte, exceto o que já foi constituído como tal.

Marcel Duchamp
Porta-garrafas, 1914-64
Foto: Rodrigo Saturnino

SEM TÍTULO

Fotos: Bruna Diogo

DSCF4458

DSCF4593

"A expressão corporal nos faz tomar
consciência de lembranças nostálgicas
que relegamos ao mais profundo do nosso ser."
Wone Berge, Viver o seu corpo, 1988.

DSCF4441

DSCF4481

"O corpo é feito de mistura impossível de realidade e irrealidade. A realidade são ossos, músculos, sangue, cérebro, neurônios e hormônios. Carne que respira, pulsa e sangra. Mas esse mesmo corpo chora, ri, ama, luta, comunica-se, produz arte, movido por irrealidade."
Bernadette Lyra & Wilton Garcia

DSCF4440

"O dentro aflora no corpo que fala. O "fora" está dentro da alma que esconde: conflito."
(GAIARSA, 1973)

"A expressão corporal nos faz tomar consciência de lembranças nostálgicas que relegamos ao mais profundo do nosso ser. Mexer-se com liberdade é exprimir nossos sentimentos mais escondidos, partilhar o que pensamos, mas não sabemos dizer, reencontrar o contato com a natureza e com o outro, realizar um pouco nossa necessidade de autenticidade."
Wone Berge, Viver o seu corpo, 1988.

DSCF4508

DSCF4480

O NÁUFRAGO URBANO

Texto e foto: Fred Caiafa

-19h00min. Era o horário tão esperado. Ele levanta tira sua jaqueta, não estava frio, resolvera pegar o metrô. - Térreo. Disse Paulo, ascensorista do prédio onde trabalhava a 10 anos. Nunca percebera nada de diferente naquele cubículo com cheiro de mofo e, lerdo como uma tartaruga, também não conversava com o ascensorista, um velho, surdo, ou pelo menos fingia ser. Sentia-se sempre desconfortável com aquele silêncio sepulcral que se instalava, assim que punha seus pés lá. A não ser quando trocavam o carpete, ele notava algo de diferente. No balcão do hall ficava o Júnior, um rapaz de 30 anos que não parecia ter mais de 20 anos. Saindo do prédio, caminhou pela rua, como sempre fazia. Não gostava de trombar nas pessoas, apenas o contato com estranhos o deixava incomodado. Parou e acendeu um de seus cigarros, mas lembrou que não tinha nada para comer em casa, morava sozinho, aliás, nunca viveu muito tempo com alguém. Estava cansado daquela monotonia - casa – trabalho - casa. Não sabia o porquê, sempre brigava com quem estivesse e sempre o chamavam de frio. Nunca entendeu muito bem esse "frio", que todos diziam. Filho de família pobre perdeu seus pais ainda muito cedo. E teve que se virar para sobreviver e fazer sua vida. Viveu nas ruas, foi morar em casa de família para arrumar dinheiro. Hoje um grande ostentava um bom cargo em uma empresa de cobranças. Tinha certa inveja das pessoas, na verdade o que lhe incomodava era que todas as pessoas nas ruas conseguiam sorrir. Ele a muito não sorria, aliás, não sabia quando havia sorrido pela última vez. - Deve ter sido no final da copa. Certo de que havia desvendado o mistério. Detestava àquela gritaria, àquela histeria o deixava extremamente mal-humorado. Gargalhou de si mesmo, não reconheceu aquele som, quando notou que olhares estranhos foram direcionados à sua direção. Comprou, pães, um desses macarrões instantâneos, ovos e um salgado para comer no caminho até a estação de metrô. Chegando à Estação Central, observa um senhor, mendigo de profissão, sentado à margem da escada que leva ao embarque dos passageiros, pedindo. -O senhor pode me ajudar? Disse o velho, estendendo, com as mãos sujas uma caixinha igualmente velha e suja. Ao passo que ele olha e deixa o salgado sem nada dizer. - Obrigado! Diz o velho. - Nunca consigo comer perto deste tipo de pessoa. Será que esse povo não gosta de trabalhar? Ele pensa. – Já devem ter se acostumado com dinheiro fácil, a pedir, ao ócio. Completando seu raciocínio. Chegou à estação às 19h30min, o relógio na plataforma e aquela multidão parecia que iam sufocá-lo. O metrô passou exatamente às 19h45min. Entrou no último vagão, exatamente como sempre fazia. Dentro do vagão sentou se ao lado de uma mulher muito bonita, que chamou-lhe a atenção. Algo naquele rosto era muito familiar, não conseguia destingüir. Notou também que em sua mão esquerda havia uma aliança dourada. - Casada! Lamentou indiscretamente. Mas aquela situação o deixou encabulado, aquele rosto. Por que o incomodava tanto? De onde era aquele sorriso, por que era tão feliz? A moça e seu esposo desceram na estação seguinte a qual ele entrou. Ele ainda esperaria mais um pouco. A fisionomia daquela mulher, ficara em sua cabeça. Chegou a sua casa; guardou os pães e os ovos, resolvera comer o macarrão. Pôs a água para esquentar, ao jogar o macarrão queimou levemente a mão, foi ao banheiro passar pasta d'água. Lavando as mãos lembrou-se de quando criança, sua mãe falava que: - Pasta d'água é o melhor remédio para queimaduras. Uma sensação de bem estar o invadiu, sentiu saudades da infância, de seus pais, de ter alguém esperando por ele e, se lembrou da mulher do metrô. Lembrou-se de sua fisionomia tão familiar, e uma expressão que não reconhecia em si foi esboçada no espelho, reconheceu em si o sorriso daquela mulher.

EU SOU NEGUINHO!

Pernambucano, cosmopolita, camaleão, artesão e tecnológico. Antes de tudo, brasileiro. Lenine é do têmpero, do batuque. Do truque, do picadeiro. E do pandeiro e do repique. Do pique do funk rock. Do toque da platinela. Do samba na passarela. Dessa alma brasileira. (Lenine: Jack Soul Brasileiro).De chinelos, simpatia e jeito bom do nordeste, o compositor, produtor, músico e intérprete, bate um papo com O Binóculo durante uma passagem de som e fala sobre o processo de criação, parcerias, e da composição da trilha de "Breu" novo espetáculo do grupo Corpo e outras experiências de sua carreira.

Texto: Lira Turrer

“

EU TENHO A SENSAÇÃO DE QUE NOVO É AQUILO QUE A GENTE ESQUECEU

”

Para um músico com mais de 400 composições, imagino que a composição deve ser uma atividade ininterrupta para você. Fale um pouco sobre esse processo criativo desde quando você começa a pensar nas músicas até o momento do convite das parcerias e da entrada no estúdio.
Na verdade não tem muito início esse processo, porque é algo contínuo. Mais da metade do que componho não é para mim, mas para outros intérpretes, cantores e músicos. Então, quando tenho o estalo assim: “quero fazer um CD”, na verdade eu já comecei ele, porque eu tô sempre gravando, compondo, sempre no estúdio, testando, experimentando. Da mesma maneira você nunca acaba. Você abandona o projeto por falta de tempo porque a hora é aquela, e aí começo outra coisa... Não tem muito início nem fim dessa coisa. Para mim é como se eu estivesse compondo o tempo todo e isso realmente não pára. Foi por intermédio desse exercício da composição que eu me tornei até outras coisas, como músico, cantor, arranjador, produtor... isso tudo em decorrência desse prática.
As letras em todos os seus CDs possuem referências muito ricas de literatura, poesia, filosofia... Gostaria de chamar a atenção não somente para o rico regionalismo pernambucano sempre presente nas letras, mas também para as questões de etnia e afrodescendência colocadas com tanta propriedade nas composições. A impressão que dá é que você possui mais do que uma afinidade espontânea com tal abordagem...
Olhe para mim: “eu sou neguinho!” (risos). Uma das coisas mais bacanas no Brasil é ter, dentro do seu conceito do que é país, uma síntese que somos uma raça mestiça. Em qualquer livro de etnia, de qualquer lugar desse mundo quando se referem ao Brasil, a principal característica é a raça mestiça. Aqui o português fez filho na negra, no índio. O francês pegou a bocada também. O alemão, o nipônico... Quer dizer, nesse caldeirão cultural que é o Brasil é que está o mais interessante. Eu não faço isso como uma pesquisa, é muito mais intuitivo do que qualquer coisa. Não tenho isso no plano do consciente nem nas dosagens, tipo: “agora eu vou falar sobre etnia ou agora eu vou falar sobre...” não, não é assim. É mais orgânico do que isso, enfim, é muito fruto da minha própria experiência de vida, da minha informação, dos parceiros que estão em volta de mim. Porque eu trabalho sozinho mas, eu adoro uma parceria, talvez pela formação socialista que tenho. Tudo se dá pelo somatório das experiências e é natural que em cada composição isso seja revelado de alguma maneira. Eu me criei no Recife, uma cidade portuária, apesar ter essa identidade cultural muito forte, é uma cidade portuária. Ali conviveram, chegaram e saíram todas as culturas juntas e eu também bebi disso. Outro dado que também acho que é importante é que minha trajetória fonográfica se deu no Rio de Janeiro e não no Recife, quer dizer, é como se minha música tivesse um adjetivo: o “Pernambucano”, que muito me envaidece. Eu nasci em Pernambuco sim, mas acho que, talvez de alguma maneira isso restrinja a amplitude dessa minha música, por ser carioca também, por ser brasileira, antes de tudo.
Todos os trabalhos são marcados por experimentalismos sonoros e diálogos constantes com diversos ritmos, mas mesmo com toda essa abertura, cada disco seu tende mais para um determinado caminho, o que faz com que a obra fique redonda. A que você atribui essas diferentes fases do seu trabalho?
Eu acho que por um lado é minha curiosidade, o fato de eu ser realmente uma pessoa muito curiosa, querer ouvir e ver tudo. E o tempo não nos permite ver e ouvir tudo, mas acho que de alguma maneira isso seja revelador mesmo, é uma curiosidade que eu tenho. Outra é o fato de ter trilhado esse caminho, de ter feito essa trajetória de uma maneira muito particular, porque eu fiz escolhas na minha vida e sei dos preços dessas escolhas. Mas é tão bacana, hoje eu venho aqui, tô aqui tocando em BH, vai ser um puta público, as pessoas cantando tudo, então cai essa ficha de que aquelas escolhas foram acertadas. Eu abri mão de algumas coisas e abri outras janelas nesse “abrir mão” de algumas coisas. E assim eu continuo sentindo o mesmo prazer que eu sentia desde o início. Continua sendo um momento muito

>>

especial poder usar a música como um elo de aproximação entre as pessoas. Eu realmente viajo o mundo todo e tudo por intermédio da música e da generosidade que ela me oferece. E a minha produção tem muita intuição mesmo num processo bem orgânico, sem muita decupagem. Eu não pré-produzo as coisas. Vou fazendo... E hoje em dia com essa tecnologia digital é mais fácil porque se você não gostou, Ctrl Alt Del, apaga. Eu sempre sei aonde eu não quero ir, mas não tenho a mínima idéia de onde eu vou chegar. Então busco a beleza a partir do filtro que se forma com a própria experiência em benefício da canção.
E quando você está no estúdio e de repente surge uma outra idéia, talvez de alguém que você convidou para uma parceria, pode mudar tudo...
Claro, na maioria das vezes é o erro que causa o acerto. Numa passagem de som que o cara fez errado, ele descobre que o erro ficou bacana. Então não tem muito método, é estar atento e arriscar. E é tão bacana que esse risco passou a ser uma coisa associada ao meu trabalho. As pessoas que gostam do que eu faço esperam esse tipo de "se jogar", esse tipo de arriscar. E isso é bacana porque acho que todo tipo de criador procura essa liberdade.
Como expectadora e consumidora cultural, a impressão que tenho do formato acústico MTV no geral, sobretudo das bandas de rock, é uma tentativa de domesticar o som do ponto de vista mais comercial. No seu caso foi diferente porque ao mesmo tempo em que você colocou uma orquestra no palco, teve muito peso em algumas faixas como em "Dois olhos negros" com a participação do Igor Cavaleira. Como foi essa experiência?
Antes de falar sobre a minha experiência particular nesse processo, é importante que falar primeiro sobre o MTV Acústico. Esse rótulo surgiu nos EUA. Um público que conhecia as músicas pesadas do rock teve a oportunidade de ouvir as versões diets dessas canções. Pô, no Brasil isso não cola não, cara! Porque é apenas uma marca de sucesso, realmente uma marca de muito sucesso. Então para mim foi apenas um estímulo muito bacana de exercitar a minha banda – que trabalha comigo a mais de dez anos, então, e por sermos uma banda e não um canário com vários músicos tocando em volta, no acústico eu pude vivenciar a importância que o grupo tem atualmente no trabalho que eu formato. Outra possibilidade muito bacana foi trabalhar com um pedaço da Orquestra Sinfônica de São Paulo com a área de cordas, que eu já tinha tido algumas experiências, mas nunca efetivamente me debruçado sobre isso. Outra foi poder trabalhar com o Quinteto retirado da Mantiqueira, um dos maiores ícones da música brasileira contemporânea. E, principalmente, poder trazer os amigos para o projeto como o Igor Cavalera, a Julieta Venegas, a Cristina Braga, Victor Astorga... Foi muito estimulante. O que menos pesou foi a marca e o que mais contou foi a possibilidade real de fazer um trabalho bacana e se orgulhar daquilo.
E você teve toda a liberdade?
Eu sempre tive!
Como foi a experiência de composição da trilha do Breu - novo espetáculo do Grupo Corpo? E como foi ver sua música tomar uma forma tridimensional nos corpos dos bailarinos?
Foi muito impactante. Ainda estou sobre o efeito da estréia porque o Rodrigo (Rodrigo Pederneira, Coreógrafo do Grupo Corpo) me chamou para ver um ensaio geral, ainda quando 60% da coreografia estava pronta, mas eu disse que não queria porque preferia ver o espetáculo pronto. Me impressionou muito por essa característica que você bem frisou, a tridimensionalidade daquilo. Eu pude ver claramente todo o relevo musical, todos os arranjos nos corpos dos bailarinos. Realmente um momento muito especial que ainda estou digerindo.
E como foi a criação da trilha?
Você sabe que eu chego ao cúmulo de dizer que este foi meu disco mais autoral em alguns anos? Porque o fato é que meus dois mais recentes trabalhos, tanto o MTV Acústico quanto o Incité, foram trabalhos gravados ao vivo, então me distanciei um pouco do artesanato do estúdio, de você pegar o som e espichar, esticar, processar... E eu gosto muito de fazer isso e estava, de alguma maneira, distante dessa atividade. O que me aproximou foi o fato de

“ UMA DAS COISAS MAIS BACANAS NO BRASIL É TER, DENTRO DO SEU CONCEITO DO QUE É PAÍS, UMA SÍNTESE QUE SOMOS UMA RAÇA MESTIÇA. ”

> EU SEMPRE SEI AONDE EU NÃO QUERO IR, MAS NÃO TENHO A MÍNIMA IDÉIA DE ONDE EU VOU CHEGAR

em 2005 ter produzido o disco da Maria Rita, do Chico César, e depois ter produzido o disco do Tcheka, que é um cara de Cabo Verde que já vai sair. Mas foi no "Breu" que pude exercitar minha autoralidade dentro do estúdio. Eu tenho muito orgulho de ter feito este trabalho, até porque todos os Pederneiras, toda a companhia, é de um carinho, de uma gentileza, de uma generosidade faraônica (risos). E isso tudo ajudou muito. Parar você ter uma idéia, o Rodrigo chegou me dizendo assim: "é você quem vai fazer a trilha, preciso de 40 e poucos minutos de música, e quando tiver alguma coisa para me mostrar, me mostre".

A partir das primeiras músicas é que surgiu a idéia do Rodrigo de trabalhar com o tema da violência nas coreografias... Então pode-se dizer que, talvez, o seu trabalho agora esteja caminhando para esse lado mais pesado, visceral, agressivo, como podemos perceber nas músicas do espetáculo Breu?

Talvez... Eu não sei não... Eu sou meio camaleão... Estou compondo mas só para o outro ano (2008) e não pretendo fazer um disco novo por enquanto. Mas gravar um disco, documentar alguma coisa é como uma fotografia que você faz de uma obra. Você pode fazer várias. Pode mudar o ângulo, fazer preto e branco, solarizar, etc. Mas são fotos. Para mim são fotos que você faz em determinado período de composição sua. As músicas para o espetáculo do Grupo Corpo foram feitas num período que minha criação tinha ver com a sua minha cabeça naquele período. Não sei bem como será o próximo disco, mas com certeza vai ser algo mais próximo do Breu, diferente dos projetos acústicos, já que será feito num estúdio.

O que você tem ouvido atualmente? Quais são os seus “cds de cabeceira” tanto da nova geração da música brasileira e gringa? Dos sons mais antigos, quais você ainda escuta com freqüência?

Eu tenho a sensação de que novo é aquilo que a gente esqueceu, por isso é que tem sabor de novo. Por outro lado, não existe novidade que resista a uma boa pesquisa bibliográfica e se você procurar, você vai ver que não é tão novo assim. Tenho ouvido muita coisa bacana e acho que a gente está num momento de descobertas de outros brasis que sempre ficaram a margem do Brasil conhecido. Durante muitos anos a gente só falou do eixo Rio-SP e hoje a gente não fala mais assim, hoje temos um pólo como Salvador, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre, Fortaleza... E cada lugar tem suas expressões culturais, suas reportagens sonoras. Seria uma temeridade falar umas e esquecer de outras...

TERRITORIALIDADES INDEFINIDAS
PARA PESSOAS AUTÔNOMAS E SEM CARTÃO DE CRÉDITO

Texto: Rodrigo Saturnino

Eu não escrevo para você, nem divulgo meu texto, porque coisas do tipo não se fazem por aqui. Eu escrevo para ela que me consome calada, no canto da parede, submissa a seu próprio desejo. Quando a vontade é autônoma, cai-lhe o sustentáculo do medo de decidir. O domínio sobre seu corpo e sobre o seu andarilhar é pesado, a ponto de paralizar qualquer ação voluntária. É assim que se comporta um nome e sobrenome que pode decidir por si só. Decidir aonde estar, o que comprar, o que vestir, para quem dar ou a quem comer. Autonômos são desprovidos de territorialidade, de geografia, de mapas. Esses seres independentes, que as linhas das mãos se desencontram em posições paradoxas, são despreendidos da rotina e da padronização, puxados por sua inquietação com a formatação do mundo. Angústias, sofrimentos frívolos e passageiros, interrogações, desprezo e ironia refinada, fazem parte destas pessoas. Como o reformado da Polícia Militar, Campos (nome de guerra), que conheci hoje.
Olhei para as cadeiras da sala de espera, azuis e sem encosto. Todas enfileiradas. No canto da sala duas poltronas vermelhas, confortáveis. Campos ocupava uma. A outra, certamente, seria minha. Ele, de 73 anos é figura singular. Gosta de chupar perereca, faz dieta do sangue e por isso não come uma lista de mais de 50 itens decorados na ponta-da-língua, e joga bola todos os fins de semana. Não fuma e nunca bebeu bebida alcoólica. Me contou ainda que está pegando a mulher do japonês e meu deu a dica. "Se algum dia uma mulher de algum japonês quiser que você coma ela, não deixe pra depois, porque até o marido dela irá te agradecer. Eles têm o cacete tão pequeno, como esse polegar meu aqui, que preferem pedir ajuda para terceiros".
Campos é desprendido, seja pela idade, seja pela independência que a aposentadoria lhe proporciona. Está à frente do seu tempo, mesmo vivenciado o radicalismo da ditadura. Não sofre porque fala e nem por ter dormido 20 anos em camas separadas, distante da sua esposa. "Eu tinha minhas mulheres na rua e aconselhava ela a arrumar homens também e parar de me incomodar, coisa de gente normal". Eu esperava a fila andar, ele aguardava a liberação da sua arma de fogo, apreendida depois de atirar em um ladrão que o abordou por quatro vezes consecutivas. "Se fosse na época da ditadura eu podia ter atirado para matar e o juiz ainda me agradeceria por contribuir com a diminuição da marginalidade".
Eu sou um imbecil nos conceitos de Campos. "As pessoas que fumam são imbecis". Penso na fumaça e fico quieto. A fila anda.

QUANTO VALE A SUA PAIXÃO?

Texto: Luiz Guilherme Ribeiro

Por mais popular que o futebol seja em um país pobre como o Brasil, torcer pelo seu time por aqui já não é coisa para qualquer um. E não apenas em função dos altos preços dos ingressos nos estádios, que fizeram elitizar um dos mais tradicionais e românticos programas do torcedor de outrora. Nos dias de hoje, torcer significa enfiar a mão no bolso, seja para ir ao estádio, comprar a camisa do seu time ou consumir o material midiático que o acompanha.

Ao lado das indústrias do sexo, das armas e das drogas, o futebol é hoje das coisas que mais movimentam dinheiro no mundo. E em tempos imagéticos como o que vivemos, grande parte do capital que mantém clubes, seleções e jogadores advém de publicidade. Para se ter uma idéia, dois terços do salário do jogador mais bem pago do mundo, o brasileiro Ronaldinho Gaúcho, é oriundo de contratos de propaganda.

Outra grande fatia da grana que abastece o futebol, sobretudo brasileiro, vem dos contratos de transmissão dos jogos. Os direitos do Brasileirão deste ano, por exemplo, foram adquiridos pela Globo por R$ 350 milhões. Na outra ponta do iceberg, o telespectador que, seja pela violência ou por qualquer outra coisa se afastou dos estádios, paga alto para assistir o campeonato. Não contando as transmissões da TV aberta que pouco representam do total de jogos a compra do pacote do Brasileirão pelas principais TV´s por assinatura saem, em média, a R$ 240.

O futebol europeu consegue ainda extrair dinheiro com duas coisas que, no Brasil, praticamente nada representam: bilheteria nos estádios e materiais ligados à marca do clube. A respeito deste último, o Real Madrid, por exemplo, oferece em seu site desde a tradicional camisa merengue, a € 80, até um colchão de cachorro decorado com o símbolo do clube, a € 31. Aqui, além de ser muito mais cara em proporção à nossa renda, a camisa oficial pouco rende ao clube.

Já em relação à bilheteria, os dez maiores times brasileiros giraram, há três anos, US$ 233,5 milhões, pouco mais de um décimo dos US$ 2,2 bilhões movimentados pelos top-ten da Europa na mesma época. Curiosamente, se para os clubes daqui a fatura sob renda nos estádios é quase simbólica, para os torcedores a brincadeira sai quase como uma fortuna. Se contarmos o ingresso, transporte e alimentação, um torcedor gasta em média R$ 50 em uma única visita ao estádio.

Para o bem ou para o mal, todos estes fatores demonstram como o futebol assumiu, de alguns anos para cá, um caráter muito mais mercadológico, comercial. E o grande prejudicado por isso tudo foi justamente o país onde melhor se joga o esporte: o Brasil. A Europa soube aliar futebol e dinheiro com muita maestria, elevando a qualidade dos seus clubes e, conseqüentemente, das suas ligas nacionais. O torcedor gasta com seu time, mas tem a certeza da qualidade em troca.

Já o Brasil não conseguiu nem uma coisa, nem outra. Perdeu o futebol romântico dos anos 50/60/70 e, mesmo com a maior escola de craques do mundo, tem hoje uma liga nacional capenga, times falidos e uma saudosa torcida.

QUAL A SUA
ORGIA?

A história de Bernardo,
o menino que nasceu da orgia,
cresceu e hoje vive de fantasia.

Texto: Marcelo Valadares

Bernardo nasceu de uma suruba. Ele não sabe.
Sua mãe, Clara, branca como leite e cristã como Maria, um dia, ao beber o vinho do Padre, entrou em uma festa organizada pelos coroinhas. Eram 4. Clara, na festa foi centro. Foi copo, prato. Foi mesa, cadeira. Comida. Seu corpo era de todos, sem distinção. No altar, trepou aos olhos. Enquanto fudia, observava o teto, observava os peitos, o chão. Gemeu. Gritou. Gozou. Como nunca antes. Foi irônica perante a vida. Era de 4.
O dia em que seus pais descobriram que estava grávida ela culpou Jesus. Jesus era um dos quatro meninos que estavam na pequena orgia.

- Jesus, espero um filho seu!
- Como sabe que é meu?
- Sabendo, mulher sabe dessas coisas. Vamos lá em casa, que já contei tudo para minha família.
- Contou da orgia?
- Não, contei do nosso namoro, que já tem um ano.
- Que namoro?
- Se não assumir, meu pai te mata.

Assim, Jesus assumiu Clara e Bernardo. Mas Bernardo não era filho de Jesus. Bernardo era Junior. Bernardo vinha de outro Bernardo. O que foi cadeira enquanto Clara era mesa. Bernardo não sabe disso, nem Bernardo.
Bernardo cresceu. Cresceu e um dia participou de uma orgia pela primeira vez. Maior. Muito maior! Via-se pernas, via-se braços. Bucetas e pintos. Tudo ali, em 20 metros quadrados de quadrado. Dessa vez não tinha santos, nem jesus. Bernardo foi mesa, foi cadeira e abajur. Bernardo gritava. Dia inteiro. Gozo inteiro.
Bernardo cheio, Bernardo Vazio.
Bernardo não gerou junior, estava protegido, protegido e podia ser quem queria, de quem quisesse. A orgia era sua fantasia. Levou a orgia para a vida. Levou a vida para a orgia.
Trabalha em um sex shop, feliz no meio de coisas de plástico. Artificiais. Filmes, cremes, chicotes. O que mais gosta em seu emprego são as senhoras, santas como mãe, que entram no sex shop e lhe pedem dicas.
"Brotinho, me dá uma ajudinha aqui. Que fantasia você acha que pode salvar meu casamento?"

Fantasia, Bernardo gosta de todas. Vive nas fantasias. Vive do Carnaval diário dos desconhecidos. Sua vida é isso. "Batman!"
"Batmam, minha senhora, só ele pode salvar seu casamento!"
Bernardo. Fantasiado de orgia.
A fantasia faz parte da vida de Bernardo, a vida de Bernardo faz parte da orgia maior.
Algum limite entre sexo e vida? Entre vida e orgia? Qual a sua fantasia? Qual a sua orgia? Qual o seu Jesus?
Qual é seu qual?

John DeAndrea
1941, Denver, Colorado (EUA)
Ander Anderson and Norma Murphy, 1972
Oléo sobre poliéster, grafite e fibra de vidro
Foto: Rodrigo Saturnino

REFLEXÕES SOBRE SENTIMENTO DE CULPA, PSICANÁLISE E RELIGIÃO

Texto: Samuel Franco
Ilustração: Gustavo Maia

Do ponto de vista cristão, pecado é tudo aquilo que transgride as leis de Deus, ou seja, tudo que o homem faz e realiza sem a observância das leis divinas. No olhar da psicanálise, podemos dizer em certa parte que o sentimento de culpa resulta do conflito entre o Eu ideal, ou seja, aquilo que gostaria de ser e o Eu real, ou seja, aquilo que realmente sou. Desta forma podemos dizer que o sentimento de culpa provem do sujeito ser aquilo que não é. No aspecto religioso o sentimento de culpa aparece quando o sujeito não consegue se adequar as leis divinas.

Em seu artigo *atos obsessivos e práticas religiosas* (1907), Freud relata que as compulsões e proibições no qual o sujeito se comporta, na verdade é um sentimento de culpa inconsciente originado de vivências mentais primitivas que são revividos pelas repetidas tentações que resultam a cada nova provocação.

Boss em sua obra *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial* fa z uma distinção etimológica da palavra culpa e angústia. Culpa vem da palavra alemã Sculd que significa "aquilo que falta", ou seja, aquilo que o ser humano sempre busca e não encontra. Angústia vem do grego Ancho que significa estreiteza, apertado e estrangulado. Segundo Boss (1981), podemos dizer que a primeira angústia na vida humana, a angustia de parto, será a causa primária de todas as angustias posteriores, como medo de Deus, medo dos estranhos, medo da morte etc.

A angústia podemos dizer e tomada de um "de que" sujeito tem medo e um "pelo que" pelo qual este teme. A culpa tem um "o que ele deve" onde existe um "credor" ao qual deve ser pago, ou seja, trata-se de uma divida do qual o sujeito tem que pagar. Nesse sentido é preciso saber sobre nossas compreensões psicológicas da condição total da essência humana. Principalmente, porque o ser humano se mostra como sendo aquele ser do qual o nosso mundo precisa e necessário para poder aparecer e poder ser. É este se deixar necessitar que o ser humano "deve" àquilo que "é" e que "há de ser". É por isso que todos os sentimentos de culpa baseiam-se neste ficar-a-dever, que é a culpabilidade existencial do ser humano (Boss, 1981).

Neste sentido, podemos fazer um paralelo às idéias de Freud (1907), quanto ao sentimento de culpa dos neuróticos obsessivos. De acordo com o autor, o sentimento de culpa provem da certeza que os indivíduos tem de sua condição pecadora e as práticas dogmáticas com que estes sujeitos se relaciona tem o valor de proteção e defesa. Os atos cerimoniais e obsessivos surgem como uma forma de proteção contra a tentação e contra algum mal esperado. Porem estas medidas de proteção parecem falhar ou ser insuficiente surgindo então proibições para manter longe situações que podem gerar tentações (Freud, 1907).

Nos atos obsessivos o simbolismo resulta de um deslocamento de um conflito real por um trivial e também no campo religioso, existe um deslocamento de valores psíquicos, de forma que elementos da pratica religiosa como os cerimoniais aos poucos adquirem um caráter fundamental, tomando lugar do pensamentos essenciais como forma de aliviar seu "dever" no cumprimento dos dogmas religiosos. Portanto para Freud (1907) descreve a neurose obsessiva como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.

Freud relata que é através da supressão de certos impulsos sexuais melhor dizendo através da renuncia de impulsos egoístas, socialmente perigosos que se baseara a formação da religião. O impulso reprimido é sentido como uma tentação gerando ansiedade.

A ansiedade representada sob forma de temor da punição divina onde podemos dizer que o sentimento de culpa aparece sob uma tensão continua e a ansiedade expectante, nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose. Segundo Freud (1907) as recaídas são bem mais freqüentes entre indivíduos religiosos do que entre neuróticos gerando assim os atos de penitência, que tem seu correlato na neurose obsessiva.

Entretanto Boss (1981) nos alerta que o sentimento de culpa não pode ser reduzido a sentimentos de culpa psicológicos meramente subjetivos ou até adestrados de fora, que possam ser eliminados analiticamente. A culpa é um sentimento " *sine qua non* " do ser humano e assim

permanece ate sua morte.

Em sua obra *o ego e o superego* (1923 b), Freud relata que a religião, a moralidade e o senso social em sua forma originária foram uma só coisa (hipótese apresentada em Totem e Tabu) adquiridos a partir do complexo paterno, ou seja, a repressão moral e religiosa mediante a necessidade de dominar o próprio complexo paterno e o sentimento social mediante a necessidade de superar a rivalidade que permaneceu entre os membros das gerações mais novas.

Em *Totem Tabu* , Freud (1923b) o sentimento de culpa gerado pelo assassinato do pai primevo continua agindo em nos. Este acontecimento, o assassinato do pai, e revivido na forma inconsciente no complexo de édipo caracterizado pelo desejo do filho de possuir a mãe e a interdição do pai. Esta interdição leva a uma rivalidade onde o filho deseja eliminar o pai. Mais é importante dizer que este pai não é o pai real. A eliminação da figura paterna refere-se ao símbolo da interdição do incesto, onde esta interdição paterna é introjetada surgindo assim o superego. Este superego é uma instancia da personalidade onde a culpa será conhecida como angustia por haver infringido uma interdição.

Nos primeiros anos de vida da criança o sentimento de culpa e gerado pelos pais através da transgressão de suas ordens e proibições. Mais tarde estas proibições são introjetadas no próprio superego. Desta forma, o individuo diante alguma autoridade ou diante de Deus se sente culpado e criminoso quando comete um "pecado". Boss (1981). Podemos perceber que a partir do desenvolvimento da criança, o papel das autoridades e do pai continuam exercendo de forma poderosa no ideal do ego e continua sob a forma de consciência a exercer a censura moral. O auto-julgamento é que diz para o ego que este não alcançou seu ideal produzindo assim o sentimento religioso de humildade a quem o religioso apela em seu anseio. (Freud 1923b).

Freud em seu artigo *as relações dependentes do ego* , elucida que o sentimento de culpa não é apenas aquele sentimento consciente e normal, mas também a expressão de uma condenação do ego pelo superego.

Do ponto de vista da psicanálise é importante elucidar que o sujeito é constituído por várias identificações que estruturam as diversas instancias da personalidade. Identidade nos faz ter a sensação interna de que "eu sou eu". A identidade esta intimamente ligada à idéia de uma diferença entre um dentro e um fora separados da pele que cobre o corpo. A idéia de que eu sou eu e, portanto eu não sou os outros, com a conseqüente inferência de que "cada outro é um eu", habitando seu próprio espaço, do lado de dentro de uma pele (Mezan, 1995).

É importante dizer que é necessário distinguir as identificações estruturadoras do ego onde uma é responsável pelo sentimento de identidade e outra que organiza o ideal de ego e o superego. Como todos sabem a missão do ego é negociar, harmonizar os conflitos e as exigências entre o id e o superego. O superego herdeiro do complexo paterno é responsável pelas observância das normas e valores da cultura introjetados pela educação. Ele mergulha suas raízes no inconsciente, criticando e observando o Ego e ameaça-o caso não se comporte segundo as regras impostas (Mezan, 1995). Portanto do podo de vista da psicanálise, o sentimento de culpa é resultante de um conflito entre o id e o superego, onde o ego como mediador é encarregado de servir a três senhores: o mundo externo, a libido do id, e a severidade do superego. Esse atrito que chamamos de culpa é totalmente inconsciente e decorrente dele pode surgir como sintoma psicopatológico a necessidade de punição ou de castigo. (Kusnetzoff, 1982).

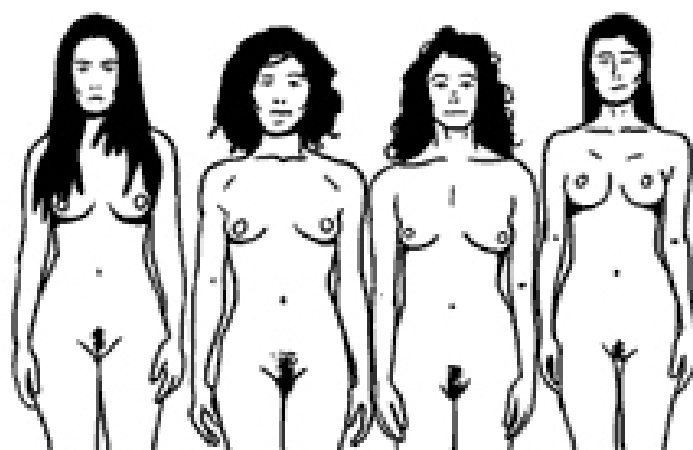
Podemos, portanto no grupo da instancia diferenciar o superego e o ideal de ego. Este surge a partir das identificações com ideais desejados dos pais sob os filhos, enquanto o ego ideal é uma espécie de super ego para consumo próprio correspondendo a uma inflação do próprio ego, o ideal do ego se coloca frente, como um modelo que deve ser igualado, e que permanece a uma certa distância do ego. Quando esta distancia é diminuída o sentimento que surge no individuo é de uma intensa felicidade. Entretanto é mais freqüente a percepção dolorosa que sentimos entre o que sou e o que deveria ser: é desta comparação que nascem os sentimentos de inferioridade (Mezan, 1995). Temos portento que a identidade é um magma instável de afetos e representações e que isto é inevitável, dada a necessidade de conciliar identificações que não podem ser compatíveis entre si e conflitantes com os impulsos inconscientes que residem na alma humana (Mezan, 1995).

Torellò em sua obra *Psicanálise ou confissão?* elucida que em alguns sujeitos a culpabilidade não a relação a dor e a consciência do pecado, isto é, não há uma culpa

objetiva. Esses sentimentos são objetos de estudo da psicologia. Alguns autores confundiram o sentimento de pecado com sentimento patológico de culpa, porem este erro frisa Torellò (1967) é tão absurdo como de confundir consciência moral com superego. Segundo Freud é através da transgressão das leis do superego que nasce o sentimento de culpa, portanto sendo sua raiz inconsciente o sujeito não reconhece sua angustia projetando-a sobre infrações reais ou imaginarias. De acordo com o autor, o arrependimento pelo pecado real é preciso, claro com nitidez na consciência. Assim podemos observar que Tollerò (1967) difere sentimento de culpa e pecado por transgressões inconscientes e conscientes, respectivamente. Portanto, a religião é indiretamente, um meio de homem transcender a si mesmo.

Em contrapartida, correse o risco do neurótico criar uma falsa espiritualidade e uma moralidade hipócrita, que o impedira uma vida boa e progresso de sua espiritualidade. Ele é dirigido por motivações inconscientes de caráter egocêntrico, ou seja, ele funciona mais a serviço do eu a serviço de Deus e dos valores. O sujeito neurótico confunde assim o ideal perfeito com a impecabilidade. Amando assim somente o eu ideal e ilude-se julgando amar o próprio ideal, sem encontrar harmonia. Possui uma religião baseada no temor e na angustia de Deus e por isso é inflexível para com ou outros, a quem procura impor, sem saber propor, o ideal. O neurótico obedece a um dever como uma tentativa de fugir da angústia, onde este cumprimento do dever exerce uma função sedativa, uma necessidade de segurança, um esconderijo do narcisismo e do amor desordenado de si. Seu sentimento de culpa o invade independente de ter cometido alguma mal e assim mostra-se angustiado por faltas sem relevância ou importância, abandonando assim facilmente à tristeza e aos sentimento de inferioridade e insuficiência. O fato de que todas as abordagem psicológicas reconhecem uma estreita relação entre as neuroses e a vida moral do sujeito levou a uma concepção na qual o psicoterapeuta seria um substituto do sacerdote e a psicoterapia, da confissão sacramental (Torellò, 1967).

Freud relata que nem todo sentimento de culpa é patológico e o reconhecimento de uma culpa também pode envolver emocionalmente o culpado. Em alguns sujeitos surgem a necessidade de expiação da culpa através de condutas autopunitivas, relacionando assim o pecado à culpa tendo conseqüências imediatas o castigo e a punição. Podemos observar estes fatos com clareza entre sujeitos neuróticos que buscam atos cerimoniais uma proteção contra o mal, mantendo distancia situações tentadoras (Freud, 1907). Portanto do ponto de vista da psicanálise, quanto ao controle institual da moralidade, pode se dizer que o id é totalmente amoral; O ego faz um grande esforço para ser moral e o superego é super moral e pode tornar-se tão tirânico quanto somente o id pode ser. É interessante perceber que quando mais o sujeito controla seus impulsos agressivos para com o exterior, mais cruel e tirânico ele se torna em seu ideal de ego. O modo erigido pelo ideal do ego parece ser o motivo para a o controle da agressividade (Freud, 1923a).

Enfim, é importante o reconhecimento da culpa, como fruto de uma reflexão e critica diante uma transgressão. Pois desta forma o sujeito toma consciência da ruptura existente entre o que almejo ser e o que realmente sou. O arrependimento e o remorso aparecem como uma primeira tentativa para aliviar a angústia, podendo levar o sujeito a uma harmonia interior ao desespero.

CATARSE COLETIVA:
O DELÍRIO NO VERBO FALAR

Texto: Nilmar Barcelos
Foto: Marcelo Albert

Um lugar pequeno. Cerca de 80 pessoas em meio à escuridão. Uns sentados em cadeiras, outros acomodados em almofadas espalhadas pelo chão. No centro - enquanto uma sonoplastia minimalista simula o gotejar de algo, que repetidamente cai em forma de angústia na cabeça dos presentes -, uma mulher se põe a falar. Não vagamente. Todo aquele ódio e ironia de Ana (Neise Neves) são direcionados, vomitados para um homem da platéia: "Sangue pingando no copo pra você beber. Bebe um pouquinho, bebe. Bebe tudo. Isso". O sujeito acha que se trata de mais uma peça de comédia, finge estar bebendo o líquido em um copo imaginário, enquanto sorri para a atriz. É surpreendido com um indicador na cara e muitos gritos: "Toma tudo. Tudo, porra! Quem aqui tá brincando, hein? Quem aqui tá sorrindo? Eu não estou sorrindo". O homem, extremamente encabulado e sem jeito, se torna alvo de todos os olhares. A platéia fica apreensiva, talvez por medo de não saberem quem seriam os próximos a participarem do ritual catártico.

Vivendo desejos suicidas, sexuais e/ou homicidas. Vivendo a crueza da vida, sem máscaras. É assim que você se sente ao sair de um lugar pequeno, como cerca de 80 pessoas em meio à escuridão, com uma mulher descontrolada, louca, gritando compulsivamente tudo aquilo que guardou para si durante anos de um casamento despedaçado. É sobre mudanças, sobre gente e as várias formas de ser *gente-mudada* que trata a peça *Atrás dos olhos das meninas sérias*, da *Cia. Pierrot Lunar*. A linha-mestra da peça adaptação do premiado romance *Falar*, do dramaturgo Edmundo de Novaes Gomes é uma tentativa de retratação da vida de Ana, mulher obsessiva que seqüestra seu ex-marido (Léo Quintão) e faz de um casebre no sertão o seu cativeiro. É lá, longe da conturbada vida urbana, que a mulher escolhe as formas mais apropriadas e satisfatórias para se comer o frio prato da vingança. Torturas psicológicas e agressões físicas são as entradas principais da trama. "A vida é mesmo essa. Quando você quer, não querem te dar. Quando você dá, não querem receber. Todo mundo olhando ao contrário. É como se fosse uma navalha de cinema. Fake. Você passa em seu pulso e ela não corta. Imaginação que você já está morrendo", desabafa Ana com algum "sortudo" da platéia.

>>

>>

Você se arrepende e ela já sangrou tanto em sua imaginação que você já está morrendo", desabafa Ana com algum "sortudo" da platéia.

Além dessa incursão dialógica com as propostas subversivas do dramaturgo alemão Bertold Brecht - fazendo com que o público se envolva, como se toda a história ali contada fosse uma analogia de suas próprias vidas, representadas, expostas -, que em uma só navalhada *falso-verdadeira* pulso a fora do espectador faz jorrar toda a sangria imaginária, um dos méritos do diretor Juarez Dias é conseguir representar diversos universos físicos e abstratos através do uso de somente dois atores. Quintão, por exemplo, é um ator que de forma geral faz o papel do marido de Ana, mas que em alguns momentos se transforma na personificação da própria Ana torturando o ex-marido ou até mesmo a metaforização de toda a confusão mental dessa mulher. Em geral os atores contracenam momentos passados da vida dos personagens - quando se conhecem na faculdade, na primeira viagem juntos para praia, entre outras coisas. Mas quando se trata das partes mais agudas da obra, em que Ana tortura o marido, é o público que prepara o rosto para a hora do soco.

A mobilidade dos atores se dá de forma muito instigante. Em alguns casos, Léo Quintão é Gurgel, uma espécie de personificação da pulsão de morte de Ana - em forma de alucinação humanizada ou fantasmagorizada -, convencendo e arquitetando junto com essa o seqüestro do ex-marido, também interpretado por Quintão. É notável, por exemplo, a resposta de Gurgel ao ser questionado por Ana - em meio a um grande conflito existencial - sobre como é morrer: "Vai te foder no útero, sua piranha. Me chamou pra perguntar como é do outro lado? Pra mim é uma merda, uma merda total. Falta de tudo: cerveja Brahma, cigarro Hollywood, revista de sacanagem. Pra cada um é de um jeito, igual essa bosta daqui. Não tem diferença, não tem explicação, só existe miséria. Deus, sua puta, também não tem. A gente inventou, mas não tem. Igual revista de sacanagem, Brahma e Hollywood. A gente inventou, mas não tem, porra! Esgotou". Gurgel é a metáfora que grita, atormenta, elucida, pedindo a Ana que o libere, o satisfaça seja através do suicídio ou do assassinato do ex-marido.

Em outros casos, o ator encarna o papel da própria Ana - com os trejeitos, hábitos e feminilidade da mesma - torturando o ex-marido, cena que sugere o quão confusa e imersa em loucura ela estava. A platéia volta ao processo catártico, mas dessa vez o algoz é Quintão no papel de Ana: "A Elisa, aquela puta, aquela vagaba! Eu tenho que lembrar disso outra hora pra você lembrar também, seu idiota, pra que você se recorde que você já meteu naquela piranha. Não é mesmo? Você não meteu naquela preá? Agora eu vou meter nocê, vou te foder com esse pedação de pau cheio de ferpa, seu veado, as ferpinhas entrando assim no seu rabo. Tá doendo? Tá doendo muito? Não morre agora não que eu tenho que falar. Não morre não, seu merda. E pára de cagar, porque senão vai ter que comer bosta de novo", ameaça verbalmente o ex-marido (leia-se alguém da platéia) por tê-la traído com Elisa.

Essa flexibilidade nas atuações também se dá com a atriz Neise Neves, que em dados momentos deixa a carcaça de Ana para se tornar Nê - a filha do caseiro da casa de praia onde Ana passava férias com o então marido. Nesse exato instante da peça, nas palavras do próprio marido, é extraordinário perceber como um tema-tabu foi trabalhado de forma tão simplória, humana, gerando um clima extremamente obscuro de desconforto: "(...) Nós só vimos mesmo quando o Noca desceu com sua filhinha neguinha. O bibelô mulatim que devia ter seus nove aninhos. A gente fingindo ver a paisagem. Mas nós só vimos muito bem quando ele sentou atrás de uma pedra assim e tirou a calcinha da Nê. Depois, o Noca tirou o pau pra fora e foi ajeitando, a menina mexendo, o pinto entrando. O pinto do Noca entrando na bundinha da filhinha dele e a gente não podendo ver mais nada, a gente não podendo ver mais nada, a gente não podendo ver mais nada, a gente querendo ver tudo aquilo. O silêncio, meu bem, é algo triste como a chuvinha que começou a cair naquela hora (...)".

Outro grande momento nas interpretações se dá quando Neise Neves coloca um óculos de grau e se transforma em Marcinha - amiga supostamente careta e reprimida de Ana, mas que se revela uma sedenta pela vida à ponto de descobrir verdadeiramente o sexo com uma travesti por nome Amanda. "Na hora que ela tirou a calça pude divisar, por traz da calcinha branca de rendinhas, um pequeno volume que nem de longe se assemelhava àquilo que em pouco tempo estaria dentro de mim, dentro da minha boca, dentro da minha boceta, enfiado em meu cu. Um feixe grande de carnes e músculos, poderoso como um colosso, com veias protuberantes. Ai, Ana, eu chupei tudo aquilo: peitos, bocas, pau, a cabeçona vermelha, o cu, todos os líquidos, limpei as merdas e descobri o que é sexo. Descobri nessa coisa maluca que é gozar com um sujeito lindo e loiro indefinível". É nesse instante, aliás, que Ana também passa a se descobrir, nas festas na casa da amiga. "Fui de Pierrô, um Pierrô lindo, xadrez e colorido, com pinturas leves e ternas na face e um chapeuzinho que se perdeu. Perdeu-se junto comigo, porque me perdi mesmo. Arreganhei, arregacei a buçanga. Dei pra pinto, dei pra xota, dei pra língua, dei pra dedo, dei pra consolo preto, branco (...) Mas o melhor mesmo da festa foi uma hora em que a Amanda me roubou e foi me levando pro quarto da Marcinha (...) Você não ia agüentar, seu pervertido. Gozava na hora vendo uma traveca enrabar sua ex-mulherzinha (...)", grita Ana - através do ator Léo Quintão -, provocando outra pessoa da platéia, como se fosse a representação do seu ex-marido.

>>

>>

Em diversos instantes da peça, a questão da identidade e a fragmentação dessa são trabalhadas nos personagens. Marcinha descobre o prazer sexual com um travesti e se apaixona pela vida. Ana, em constantes transtornos mentais e desencontros com a vida, também se descobre de forma surpreendente nas orgias na casa de sua amiga. Já o ex-marido é uma figura que, embora extremamente significativa em toda a obra, não possui nome. É nesse ponto que a hipótese desse tratar-se apenas de uma imagem fantasiosa, vertiginosa - criada por Ana como forma de exorcizar seus demônios, como uma espécie de válvula de escape, cura - se torna aceitável. "Daqui a pouco eu saio curada. Só mais um, dois dias e pronto. Curada. Sã e salva. Cabeça limpa. Problemas resolvidos. Cu-ra-da", diz Ana. Ela mesma se auto-classifica fake. Em determinado momento, Ana está sentada em uma cama na qual diversos momentos de sua vida estavam escritos - "Rock in Rio III", "Vagaba" etc e por escrever, nos remetendo a uma metáfora sobre a memória humana e sua fugacidade. O tratamento com a questão identitária é percebido até mesmo tecnicamente, quando se opta para, em determinados momentos, Léo Quintão e não Neise Neves interpretar Ana, nos remetendo justamente a essa fragmentação referencial da identidade.

Atrás dos olhos das meninas sérias é uma peça que, embora feita com poucos recursos, nada deixa a desejar à grandes produções. O uso de espaços alternativos é completamente viável a proposta brechtiniana de rompimento da hierarquia entre atores e público. Nos momentos mais dramáticos, a sonoplastia é impecável, ressaltando a parte que Ana tortura seu suposto ex-marido. "Não dói não, olha só: pego essa agulhona aqui, essa seringona aqui e enfio na minha veia e tiro sangue. O meu sangue, que é a mesma coisa, a mesma marca do seu sangue. Já tirei uns meio litro. Tem grilo não. Põe nessa garrafinha de coca-cola mesmo. E agora, é só fazer o contrário, o inverso, o reverso. Te alimentar com meu sangue". Nesse ponto, a sonoplastia simula gotejos (no caso, de sangue), criando uma ambientação de angústia e tensão únicas. Além do mais, as luzes são muito bem projetadas, trabalhando conjuntamente com a sonoplastia na construção de climas ideais para tal contexto. Esse fato deve ser ressaltado e elogiado, uma vez que muitas peças caem no pecado dos exageros, com luzes e sons tornando-se protagonistas no quesito "irritação do espectador".

Mas, depois de tanto falar e mais falar, vem o silêncio em forma de chuva triste, que cai sem cessar, formando grandes oceanos dentro de cada um de nós. Silêncio melancólico, em ondas que vem e vão, revelando que o indo e vindo infinito do poeta é mesmo uma mudança constante "o tempo todo no mundo". Após falar, titubear e parar para pensar, *Falar* torna-se uma quimera definível somente no falar do poeta Manoel de Barros e sua didática inventiva: *No descomeço era o verbo/ Só depois é que veio o delírio do verbo/ O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos/ A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som/ Então se a criança muda a função do verbo, ele delira/ E pois/ Em poesia, que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos O verbo tem que pegar delírio.* Sala vazia, fim do ritual de purificação. Ali dentro, talvez, o fôlego estivesse viciado, preso dentro do peito, diferentemente de um dia normal, seguido de outro dia normal, no qual as pessoas lentamente roubam o ar do mundo pelo nariz e suavemente o devolvem pela boca.

DIAS, Juarez; NEVES, Neise; QUINTÃO, Léo. Roteiro da peça Atrás dos olhos das meninas sérias, 4ª versão. Adaptação teatral do romance original Falar, de Edmundo de Novaes.

*Informações sobre as próximas apresentações da peça podem ser encontradas em **http://ciapierrotlunar.blogspot.com***

POBRE PRETO PUTA

Texto: Camila Dias

Adriano Souza Cruz, 32 anos, preso no Distrito do Palmital, em Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte, por furto, artigo 155 do código penal. O que ele furtou? ... leiam até o fim.
Estava sob liberdade provisória. Um mandado de prisão foi emitido. O motivo? Adriano não tinha dinheiro para pagar passagem e ir ao Juiz da Vara Criminal daquela cidade se apresentar todo mês. Aliás, Adriano Souza Cruz, não tem dinheiro nem para comer. Casado, pai de quatro filhos, negro, raquítico e epiléptico. Ele não tem nem dente direito. A dentição inferior quase não existe.
Santa Luzia, 16 de abril do ano de 2007. Esse dia é especial para Adriano, bem como para os outros detentos, e porque não dizer, para a equipe que compõe o Distrito do Palmital. Aconteceu, naquela data, o primeiro Dia da Cidadania. Pelo menos uma vez por mês, os presos têm atendimento médico, cabeleireiro e auxílio jurídico. É uma iniciativa do Delegado Seccional de Santa Luzia, Island Batista, iniciativa privada. Organizações Não-Governamentais e outros órgãos públicos. E quando digo do Delegado, o faço porque a chefia da Polícia Civil só ficou sabendo do fato depois que a mídia noticiou.
O jornalista chegou para entrevistar um detento. Adriano Souza Cruz, 32 anos de idade. Quando preparava o texto para iniciar a matéria, pof! Pof! Um barulho de côco caindo no chão. Era a cabeça de Adriano. Aquele preso, raquítico, desmaiou, caiu no chão e pof! A cabeça quicou duas vezes. Gravador prum lado, jornalista proutro. O homem caído:
- epilepsia! Doutor ele tem epilepsia! Traz o remédio! Falou um agente de polícia.
Epilepsia? Mas e as convulsões? Não vinham. Ele não entrou em convulsão. Depois de alguns minutos, Adriano volta a si. Após sentar-se o repórter, assustado, segurava a mão do detido.
- Ta tudo bem? Porque você desmaiou?
- Tem três dias que não como.
- Não come, porque? O delegado não está te dando comida não?
- Dá, os policiais me dão sim, mas quando eu coloco comida na boca, ela volta. Eu não consigo engolir.
Um minuto de silêncio e depois o que ninguém quer ouvir:
- Moço, eu não tenho problema de estômago. O que tenho são quatro filhos em casa passando fome. É impossível almoçar, jantar, comer pão, tomar leite, sem pensar que eu poderia estar dando esta comida para os meus filhos.
Todos; o delegado, os agentes, a faxineira, o jornalista. Todos se entreolharam. O que? Que país é esse? Agora, se preparem para a próxima resposta. Ao ser perguntado o porque de estar preso, Adriano disse e o jornalista conferiu nos autos do processo:
- eu furtei comida de um supermercado. Fui preso. Estava em liberdade condicional e tinha que me apresentar ao juiz todo mês. Semana passada não havia dinheiro da passagem. Um mandado de prisão foi expedido e agora eu to aqui. E meus filhos lá, sem comer.
A matéria foi ao ar. No dia seguinte uma boa notícia. O dono de um supermercado forneceu comida para a família de Adriano Souza Cruz. O suficiente para seis meses. Ufa! Pelo menos, de fome ele não desmaiará mais, já que agora as crianças vão ter o que comer e ele não ficará com a consciência pesada.
Hoje, 04 de maio de 2007, a melhor notícia. Adriano foi liberado? Não. Ainda cumprirá um tempo de prisão. Então qual a notícia boa?
Depois que sair do xilindró, Adriano Souza Cruz, 32 anos de idade, negro, magérrimo, pai de quatro filhos, ex-presidiário, terá um emprego. Isso. Um emprego com carteira assinada e tudo!
Agora, só dependerá dele. Está aí a chance de nunca mais passar fome. De nunca mais ver os filhos pedirem pão sem chance de ganhar. Não. Ele ainda não ganhará um salário digno, mas pelo menos vai dar pra comer, como acontece com a maioria dos brasileiros que dependem do salário mínimo.
E onde estão os contraventores dos jogos de bingo, jogos de azar, jogos do bicho? Onde estão os juizes que assinaram as liminares, ou melhor, venderam as liminares?
Infelizmente, os criminosos de colarinhos brancos ainda não são punidos. Eu falo "ainda", porque ainda tenho esperança de vê-los na cadeia e, quem sabe um dia, poder discordar daquele velho ditado: A lei no Brasil só funciona para os 3 p's: pobre, preto e puta!

ARS TELEMATICA

Embora já legitimada como arte através da participação em eventos reconhecidos como a Documenta de Kassel e a Bienal de São Paulo, a web arte ainda é uma linguagem em transformação, com paradigmas ainda em definição, oscilando entre conceitos e tecnologias, entre conquistas e potencialidades e participando de um processo que muitos teóricos chamam de "virada cibernética", onde economia, política e cultura tornam-se elementos presentes e ativos no ciberespaço. Diante destas considerações, GARCIA (2001) analisa:

"No campo específico daqueles que entram na onda da virada cibernética, no horizonte começa a ciberarte ou cyberarte. Identificam-se duas tendências dentro dessa chamada arte cibernética. Uma que explora as possibilidades das tecnologias da imagem e que vai começar a considerar, justamente, dentro do campo da cibernética como é que é possível trabalhar, fazer a criação explorando essas possibilidades das tecnologias. A outra tendência, mais profunda, seria uma tendência de considerar que essa virada é tão forte que, na verdade, tudo o que foi arte antes, de certa maneira, é passível de tradução, retradução ou recombinação, partindo desse paradigma. Nesse caso, o entendimento da arte anterior é relido por essa nova maneira de conceber o mundo com a natureza e a cultura como informação".

Fábio Oliveira Nunes. Parte integrante da dissertação de mestrado "Web Arte no Brasil: algumas interfaces e poéticas no universo da rede Internet", realizada sob a orientação do Prof. Dr. Gilbertto Prado, na UNICAMP.

Muito poucos artistas descobriam que o computador é muito mais do que uma ferramenta.
Norman WHITE (1997:48)

NÃO SOU BEATA

Texto: Elisa Rodrigues

Andy Warhol
Judy Garland, c. 1979
Foto: RS

Não sou anjo. Sou mulher. Mas antes de vir ao mundo, quando ainda estava no ventre de minha mãe, eu era só amor. Isso me faz pensar que antes de ser mulher sou só humana. Respiro a ambigüidade. Sou a própria inconsistência e toda a incongruência de ser humana, e se tenho um gênero, só me avisaram depois. Incrivelmente, depois que disseram quem eu sou, me perdi de mim mesma, e tive que ser construída. Disseram-me como sentar e sobre o melhor jeito de me arrumar. Alertaram-me quanto ao que devo falar e a quem devo honrar. Até mesmo os sentimentos, os desejos, os beijos, ensinaram-me a controlar. Com tantas regras, tantas normas e tantos princípios a seguir, diziam que eu fosse apenas direita, que fosse reta.

Todavia, apesar de todo o empenho, não me vem à razão ao certo, mas me enfiei pela esquerda e parte do que me ensinaram, aos poucos eu até lembrei, porém, com o tempo foi indo, indo e eu entortei. Fui entortando, quebrando, estilhaçando e fiquei sem forma. Na dor de me ver aos cacos, cheguei inúmeras vezes a me sentir sem fôlego.

Então, levantei e cortei as gargantas de onde saiam as vozes que diziam o jeito que eu deveria ser. E da morte se fez a vida. Passei a ouvir a flor nascida no meio de minhas pernas, sentir o seu cheiro e tocar os seus lábios. O que é ser mulher? O que é o sexo feminino? Aos poucos, com minhas mãos, fui construindo meu jeito de ser, sem pensar no ser ou não ser mulher. Fui aprendendo a viver, fui descobrindo o jeito que queria andar.

Experimentei andar com as pernas meio abertas, mas me doeram os joelhos. Experimentei andar com passos largos, mas cansei com o esforço. Descobri que ando melhor quando o faço lentamente, sem pressa, com calma e bem de mansinho. Comecei a pesquisar roupas e descobri que as largas me deixavam à vontade, mas com o tempo, ao olhar no espelho, achei que poderia ser mais ousada, mais livre, mais danada.

Também mudei o vocabulário. Troquei as palavras recatadas por expressões cheias de sabor e para combinar, também caprichei no tom da voz. "Puta merda", "Bosta", "É foda!" E me senti bem melhor assim.

Ao me sentar, passei a procurar um jeito de me sentir confortável. As pernas cruzadas podem ser charmosas, mas para quem tem perna curta é mais um suplício! Descobri, então, que ao me importar com os olhares dos outros, sentava-me em pregos. Agora prefiro sentar como os índios!

E desse modo, o início foi se tornado meio, mas nada teve fim. Eu me conheço um pouco mais e possuo um pouco mais de mim. Estou recuperando o que a voz da coerência me sufocou. Hoje vivo os sentidos e dou-lhes a direção dos meus passos. Não sou menina, não sou só mulher. A minha força é diferente. E se eu não tenho duas cabeças pouco importa, meu prazer corre pela espinha, num orgasmo que é um todo. É corporal.

Eu adoro cantar alto, gosto de gargalhar com espalhafato. Ando descalço e se me irritarem, falo o que vem aos lábios. Pago as minhas contas, mas delicio-me com afagos, carinhos e lambidas.

Minha tristeza é doentia. Minha crise é todo dia. Eu não busco mais as razões e faço poesias sem rima. Acho que Deus é Mãe.

Não acredito em mais nada, não obedeço ao que dizem. Não sou beata, não sou puta.

Sou apenas mulher, mas antes sou gente. Amo, penso e cago.

A era da ética terminou. A era do humanismo está definitivamente morta. Entramos nos tempos do pragmatismo, o pior, do casuísmo, que é o pragmatismo degenerado. Em suma: época do prêt-à-porter moral, do batedor de carteira ideológica.
Millôr Fernandes

ENTRE A ÉTICA E A TÉCNICA:
O JORNALISMO NO MEIO DO REDEMOINHO

Texto: Fabrício Marques

Em 1934, Berthold Brecht escreveu um panfleto político intitulado "Cinco Dificuldades de Escrever a Verdade". Vivendo sob o fascismo, ele procurava respostas para a barbárie ou, então, aprender a formular as perguntas certas. No texto, ele enumera os obstáculos que devem ser superados a fim de alcançar a verdade. São procedimentos que se aplicam também a qualquer jornalista, em qualquer época ou lugar. Portanto, ajustam-se aqui e agora.

Em primeiro lugar, deve-se ter a coragem de escrever a verdade. Brecht lembra que não é preciso grande coragem para queixar-se da maldade do mundo e do triunfo da crueldade em geral. Afirmações amplas, abrangentes, acabam por não levar a lugar nenhum. "Se todas as emissoras berram que o homem sem cultura e sem instrução tem mais valor que o instruído, então é corajoso perguntar: tem valor para quem?" (BRECHT, s.i.b.), questiona o dramaturgo.

Em seguida, é preciso que haja a inteligência de reconhecer a verdade. De alguma forma pode-se dizer que é fácil encontrar a verdade. Não. Diante de tantas "verdades", não é fácil decidir qual delas merece ser dita. Aí, a tarefa é descobri-la, como ensina Brecht: "Não deixa de der verdade que as cadeiras têm assento, ou que a chuva cai de cima para baixo. Muitos poetas escrevem verdades dessa espécie. Parecem pintores que pintam naturezas mortas nas paredes de navios que estão naufragando" (BRECHT, s.i.b.).

A arte de tornar a verdade manejável como uma arma é o próximo passo a ser seguido. É necessário reconhecer as causas de cada situação, para poder melhor enfrentá-las.

> Como poderá alguém dizer a verdade sobre o fascismo ao qual é contrário, sem querer falar do capitalismo que o produz? (...) Os que são contra o fascismo, sem tomar posição contra o capitalismo, os que lastimam a barbárie como resultado da barbárie, parecem pessoas que querem comer sua porção de vitela sem abatê-la (BRECHT, s.i.b.).

A quarta dificuldade a ser superada é alcançar a capacidade de escolher aqueles em cujas mãos a verdade se torna eficiente. Nesse ponto, a atenção se volta para o leitor. O cuidado com a recepção do texto é de máxima importância, pois a verdade tem de ser dirigida a alguém que sabia o que fazer com ela.

Finalmente, recomenda-se a astúcia de divulgar a verdade entre muitos. Brecht ilustra essa característica com o discurso de Marco Antônio perante o cadáver de César, na peça de Shakeaspeare. O bardo inglês "realça, repetidamente, que Brutus, o assassino de César, é um homem honrado, mas relata também o delito e faz a descrição desse delito. O orador se deixa vencer pelos fatos, e os torna eloqüentes do que ele mesmo" (BRECHT, s.i.b.).

Brecht propõe uma questão, sobretudo ética. Retomando:

> quem, nos dias de hoje [1934, período entreguerras], quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhecê-la, embora ela se mostre permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; deve ter a capacidade de escolher em que mãos será eficiente; deve ter a astúcia de divulgá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o fascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram. E mesmo para aqueles que escrevem em países de liberdade burguesa (BRECHT, s.i.b.),.

2 Os avanços tecnológicos afetarão de algum modo os procedimentos éticos no jornalismo? Para responder a essa pergunta, pode-se recorrer ao jornalista Alberto Dines, que transmitiu "uma boa notícia e outra má", na aula inaugural do Curso de Jornalismo da PUC-Minas, em fevereiro de 1996. Primeiro, a boa: "o jornalismo do próximo milênio vai ser igualzinho ao jornalismo que praticamos nos últimos 20 anos". Em seguida , a má: "os avanços tecnológicos não alterarão substancialmente o teor do que fazemos nos últimos 2.000 anos".

Para Dines, a essência do viver e do conviver, a natureza do ser humano, as tendências gerais do processo de comunicar são rigorosamente as mesmas e

>>

assim devem continuar. Os meios, as ferramentas é que são diferentes. “Estes meios e ferramentas podem produzir alterações na direção da facilidade de execução, do aumento da sua contundência, abrangência e até mesmo do teor da sua qualidade”, afirma Dines. Mas, ainda segundo esse autor, a função manter-se-á a mesma. “O jornalismo de amanhã deve obedecer aos mesmos paradigmas e pressupostos do jornalismo clássico”, completa.

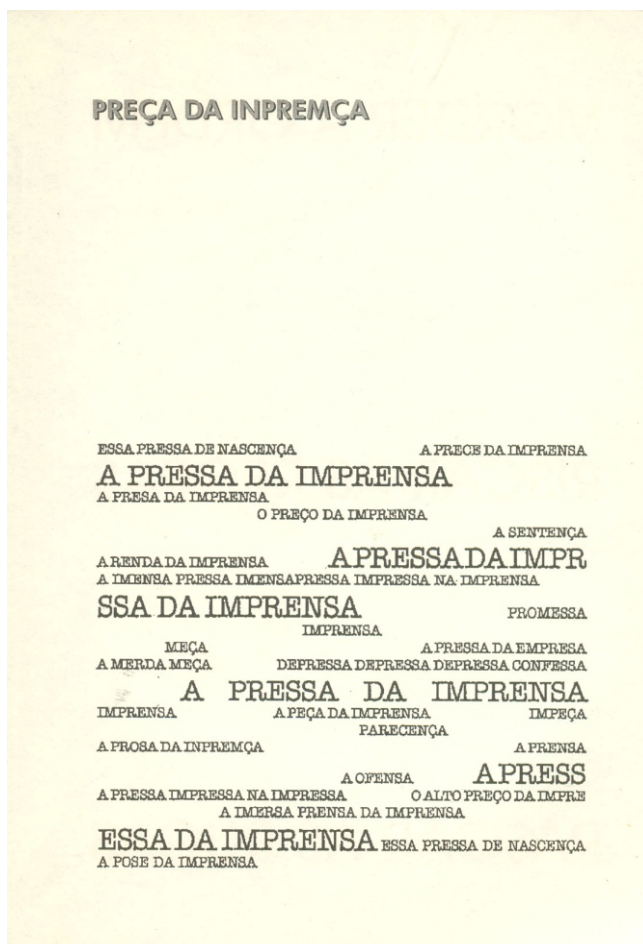
3 Jornalismo é comunicação de notícias. Comunicação que, em certo sentido, está em crise. James Fallows ressalta que a instituição jornalística não está fazendo bem seu trabalho. É irresponsável em relação a seu poder. Para ele, “os danos se espalharam pela vida pública que todos os americanos dividem. Os danos podem ser reparados, mas não enquanto o jornalismo não reconhecer e tentar recuperar o que já perdeu”. Essa perda pode ser exemplificada de diversos modos. Um deles é a deturpação da apuração de versões de determinado fato, e está retratado no seguinte poema do mineiro Affonso Ávila:

> LE BATEAU IVRE
>
> Os jovens cabeludos da rua onde mora o poeta têm fama de fumar maconha.
> Os jovens cabeludos da rua onde mora o poeta fumam maconha.
> Os jovens cabeludos fumam maconha na rua do poeta.
> Os jovens cabeludos fumam maconha na casa do poeta.
> Os jovens cabeludos fumam maconha em sua casa com o poeta.
> Os jovens cabeludos buscam maconha na casa do poeta.
> Os jovens cabeludos buscam droga na casa do poeta.
> Os jovens saem drogados da casa do poeta.
> Os jovens são drogados pelo poeta.
>
> O POETA É UM TRAFICANTE DE DROGAS.

O texto é uma seqüência de frases que, a partir da primeira, vão se alterando, até chegar à última, em caixa alta, derivativa da frase inicial, mas com um sentido diverso. É um procedimento ao qual os jornalistas não estão imunes. Uma frase literal, como, no caso, “os jovens cabeludos da rua onde mora o poeta têm fama de fumar maconha”, é de tal modo subvertida que acabaria sendo publicada como “os jovens são drogados pelo poeta”. Ou seja, a frase dita por terceiros vira afirmação pura e simples da própria publicação.

4 Retomando Brecht:

> a grande verdade de nossa época (cujo conhecimento não basta, mas sem o qual não se achará outra verdade de importância) é que nosso continente submerge na barbárie, por querer manter pela força as atuais relações de propriedade dos meios de comunicação. Qual a valia em escrever algo corajoso, revelador do estado de barbárie em que estamos afundando, se não definimos claramente por que chegamos a ele? (BRECHT, s.i.b.).

5 Para terminar, um outro poema, do baiano Antônio Risério, que serve de reflexão sobre a relação da produção jornalística em contraste com o tempo escasso com o qual essa mesma produção tem de lutar para ser efetivada, principalmente no jornalismo diário, em qualquer meio:

Referências bibliográficas

ÁVILA, Affonso. Discurso da difamação do poeta. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

BRECHT, Berthold. Cinco dificuldades no escrever a verdade (sem indicação bibliográfica).

DINES, Alberto. O jornalismo no próximo milênio. In: Ordem/Desordem. Caderno de Comunicação. Belo Horizonte: PUC Minas, nº 13, 1998.

FALLOWS, James. Detonando a notícia: como a mídia corrói a democracia americana. Trad: Fausto Wolf. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

RISÉRIO, Antonio. Fetiche. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1996.

COM QUE CRIME EU VOU?

Texto: Fernanda Pinho

Está nas ruas, nas praias, nas novelas, em todo e qualquer lugar, para não deixar dúvidas: cintura alta, peças metalizadas e drapeadas, macaquinhos e calças legging estão na moda. Está na moda também matar a ex-namorada. Um dia foi o cidadão que, após cometer o crime, se matou, numa aparente demonstração de arrependimento, no prédio da faculdade onde eu estudei. Outro dia foi o outro que apunhalou a ex com uma facada no coração, aqui na rua da minha casa. Teve ainda aquele que matou a ex-namorada sob a alegação bizarra de que estava "apenas" cumprido regras de um jogo de RPG.

No último mês este foi, sem dúvida, o tipo de crime que desfilou com mais freqüência pelas páginas policiais dos jornais de Minas, indicando a tendência da vez. Há pouco tempo o que bombava mesmo era abandonar bebês recém-nascidos. A primeira lançou a moda e as outras inovaram: lagoa, esgoto, rio, lixão. Crueldade para todos os gostos. E quando Suzane despontou no mundo do crime? Não deu outra. Foi questão de (pouquíssimo) tempo até surgirem outros casos de patricídio Brasil afora. Já o seqüestro, em sua fórmula tradicional, anda meio démodê, temos de concordar.

Difícil é compreender a logística desses casos. A princípio é bem simples: os criminosos se sentem encorajados a cometer seus delitos, após verem situações semelhantes amplamente divulgadas pela mídia. Mas, em se tratando de Brasil, é mais fácil acreditar que todos os tipos de violência continuam a acontecer a todo momento (assim como as calças legging não deixaram de existir dos anos 80 para cá). Só que, se um vem à tona, torna-se oportuno para os veículos de comunicação falar dos outros também.

No fim das contas, a logística não tem a menor importância. Fato é que tudo isso continua a acontecer e o absurdo da história mora na resignação com que nós, sociedade, aceitamos. "Uma louca jogou seu bebê fora". "Ah, outra?". "O cara matou a ex-namorada". "Ih, de novo?". Mata-se pessoas com a mesma naturalidade com que se troca de roupa. E nós aceitamos calados, sem exigir punições severas. Afinal, talvez seja só a moda da vez. E, como toda moda, talvez passe. E se não passar também, não tem problema. Desde que não aconteça na minha casa. É tudo uma questão de costume, não é mesmo?

Aliás, se tem uma coisa que brasileiro sabe fazer bem é se acostumar. Corrupção e tráfico de drogas? Estamos acostumadíssimos. Estes, por sinal, são como o jeans e o pretinho básico. Não saem de moda nunca.

A LITERATURA "DIGERIDA"

Texto: Rafael Silveira
Ilustração: Gustavo Maia

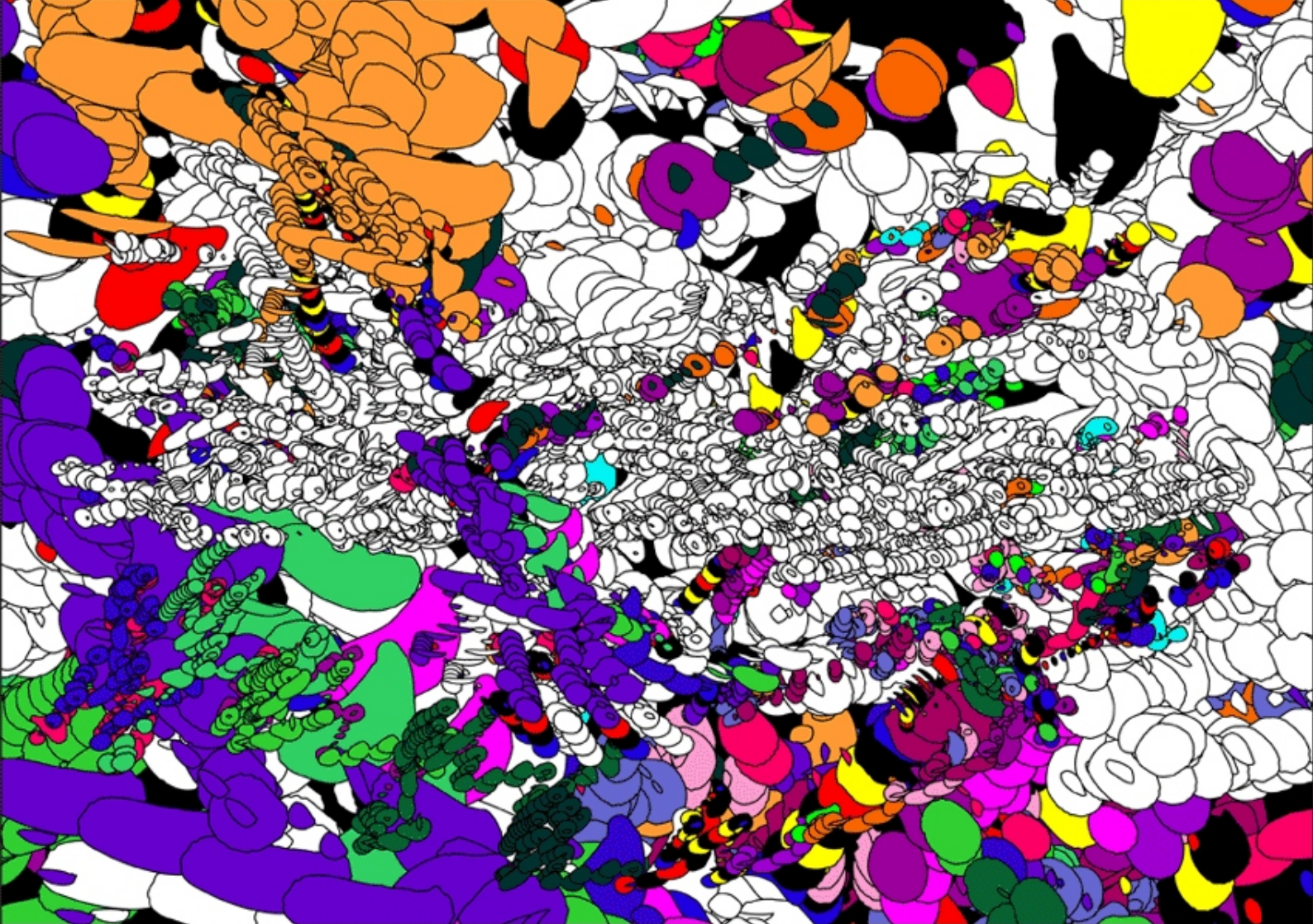
Folheando uma revista feminina numa sala de espera, li que, segundo os editores (ou editoras) o conteúdo da mesma era voltado para os assuntos mais freqüentemente abordados pelas mulheres: sexo, moda, a vida das celebridades, homens, horóscopo, relacionamento (ou seja, homens e sexo outra vez), etc. Havia algumas questões importantes sobre saúde e algumas matérias curiosas que eu mesmo li até o fim. Porém senti falta de temas que dizem respeito, não só, mas também às mulheres, e que mereciam algumas daquelas chamativas páginas tanto quanto uma reportagem sobre maquiagem definitiva. Por que não oferecer às suas leitoras o mundo sob uma ótica mais assexual, antes humana, isenta e jornalística, que feminina no sentido que se propõe ali? As relações com o próprio sexo feminino e entre os dois sexos se tornam mais complicadas, já que se mantém a idéia de que existem assuntos e coisas "de menina".

"Não progredir é retroceder", afirmou certa vez a chefe de Estado na Alemanha, Angela Merkel (isso infelizmente eu não li na revista). Frase que se aplica ao contexto, pois, afinal, mantendo a mulher apenas nos assuntos que ela já domina e fazendo disso um modelo de comportamento estamos impedindo-a de ser capaz de compartilhar das decisões, soluções, esperanças, aflições e alegrias do seu e do nosso mundo. Belas, todos já sabemos que elas são; o preconceito feminino nesse caso se maquia de forma bem sutil, tal qual uma falsa amiga popular. Um comportamento também conhecido da pseudoliteratura "masculina" sobre futebol, mulheres "boas", automóveis, cerveja, etc.

Na verdade o que se denomina literatura dirigida, como os exemplos anteriores, são opiniões de pessoas que analisam, escolhem e rotulam, de acordo com sua opinião, o que determinado público deve ler. É uma literatura "digerida", mastigada, passada a limpo. A intenção muitas vezes é boa e pode funcionar, mas em alguns casos, por trás dessa espécie de literatura estão estratégias de marketing disfarçadas que fomentam tais publicações. Seu principal objetivo nem sempre é informar de forma isenta, conscientizar e entreter seu público-alvo de forma construtiva, mas principalmente vender, o que normalmente nivela sua qualidade por baixo. Publicar o que a maioria quer ler vende, mesmo se for de conteúdo duvidoso. Uma certa revista masculina de nudez recentemente bateu o recorde de vendas da banca do Senado nacional em Brasília. Quando uma publicação alcança determinado lugar na lista dos mais vendidos ela não precisa mais de propaganda ativa, a curiosidade das pessoas faz o trabalho. Nelson Rodrigues dizia que toda unanimidade é burra. Parece que alguns burros às vezes também compram livros e periódicos.

Se por um lado as prateleiras facilitam a seleção por categorias e conseqüentemente a procura, não seria melhor nós mesmos nos aventurarmos pelo máximo de gêneros possíveis e descobrirmos aos poucos quais obras são melhores ou piores na nossa opinião? Como saber se você gosta de uma música sem escutá-la?

O fenômeno do direcionamento de literatura para um público, digamos, "não-leitor" é um sintoma da escassez e deficiência de leitura do cidadão brasileiro comum. Apesar da popularização e relativo crescimento do consumo de mídias tradicionais, o mercado, de enorme potencial não utilizado, se aproveita da inocência e ignorância dos consumidores e despeja produtos ultrapassados ou de má qualidade a preços baixos como sendo um bom negócio. Quem compra tem a impressão de que realmente lê com

>>

qualidade...

É o resultado de se deixar a formação do gosto popular nas mãos das editoras. Educação e cultura representam em média apenas 4% do total de gastos das famílias brasileiras, segundo dados atuais do IBGE. A sobrevivência ou subsistência, representada por habitação (35%) e transporte (18%) ficam com a maior parte do orçamento. O livro ainda é um investimento alto demais e considerado fora das "necessidades básicas" da maior parte da população, ao contrário da televisão, cada vez mais relevante e influente. Você estaria lendo esse texto se tivesse que pagar por ele? Não importa quanto, se você é brasileiro a resposta é não. Refletir e questionar ainda não se tornou uma necessidade básica popular. Por isso gostaria de presenciar mais movimentos de resgate do contato com a literatura como vejo acontecer com o cinema. O cânone literário e a atual configuração editorial farão sentido num futuro pautado na multiplicidade de gêneros e crescente oferta de informações gratuitas?

Alheios a isso, a capacidade e o gosto pela leitura assim como o conhecimento literário do cidadão médio tendem apenas a diminuir. Com elas diminui a capacidade de entendimento e conseqüente modificação do ambiente em que se vive. Ler não é somente juntar letras ou signos, é buscar no âmago das palavras ou nas entrelinhas a mensagem e a ideologia do autor; é assimilar contextos para sobre e através deles se desenvolver idéias próprias. É reescrever o que se lê de acordo com valores e sentimentos novos, tomando-se partido ou não do autor. Afinal, você vai deixar que escolham o que você pensa?

Foi para isso que me serviu a leitura da revista feminina na sala de espera. Mas pensar dá tanto trabalho, não?...

ESPELHO ANGOLANO

Texto: Pedro Amorim
Ilustração: Gustavo Maia

Não há nada mais impressionante do que o "outro". Deparar-se com o diferente, com o eu do você e do ele. Ainda mais quando esse eu não fala a sua língua, não come a sua comida ou não entende os seus hábitos. Em Angola a língua é até a mesma, mas as impressões...

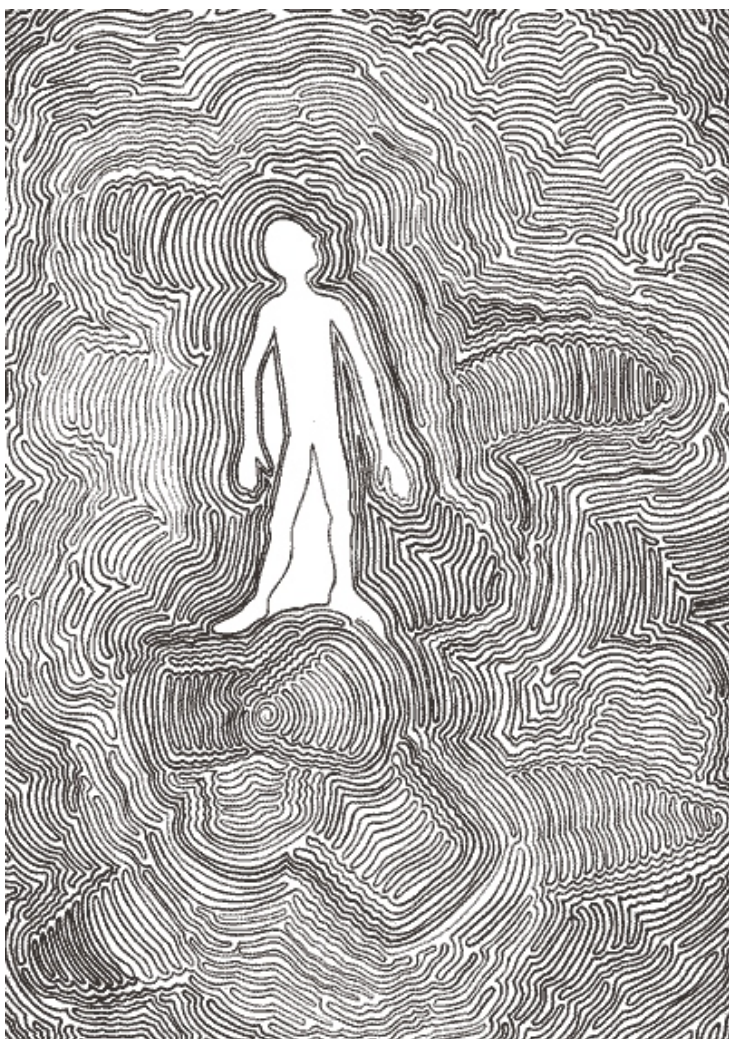
Os primeiros passos em Luanda são inseguros. Mais pelos meus anfitriões do que por mim. "Não é bom andar sozinho"... "não vá muito longe". Liberdade cerceada não é do meu agrado. Cá pra nós, para quem vive no Rio de Janeiro, já estamos escolados em não dar bobeira.

Difícil é conseguir se movimentar na cidade. Não pelo 'perigo', mas com um trânsito de matar, milhares de carros se degladeiam em terra (sim, terra mesmo), levantando poeiras, pedras e pessoas. Lá vale mais ter um carro de última geração do que uma boa casa. E tem que ser o mais moderno e caro, mesmo que o dono tenha que dormir no carro por não ter teto. E na selva que é o trânsito de Luanda, não dá pra comprar qualquer coisa. Os animais assustam com seu tamanho e potência. A lei do mais forte é regra geral no trânsito.

Fora o estresse do trânsito, Luanda tem boas opções para a noite. Restaurantes na ilha, bares e boates de música variada pra todos os gostos. Tão variada que assusta. Dançar Ivete Sangalo e Grupo Revelação, logo depois do bate-estaca e antes da 'tarrachinha' é normal.

E que tal dançar a tarrachinha? No meio da balada, o ritmo muda e os pares se formam. É hora da tarrachinha! Com o corpo colado, poucos movimentos dos pés e muito quadril, os pares dançam esta dança típica, que é um misto de romantismo e dança do acasalamento.

E, por falar em romantismo, o de lá é bem diferente daqui. Para se casar, deve haver o "dia do pedido". O homem vai à papelaria, compra a carta de pedido, preenche com os dados, coloca o dinheiro do dote na carta e entrega à família. A partir daí, tem 6 meses para casar, senão paga multa. Bom, cada povo com o seu romantismo né...

É verdade que somos muito diferentes e muito iguais. No fundo somos um mesmo povo, temos as mesmas raízes e uma história semelhante. Se Angola nos parece muito distante à primeira vista, garanto que na segunda não parecerá mais. Afinal de contas, somos frutos do suor angolano, descendentes de uma mesma colonização.

Portishead

Depois de 10 anos sem gravar, os melancólicos do Portishead apresentam o novo álbum "Third" com músicas que mantêm aparente semelhança com os antigos "Dummy" (1994), Portishead"(1997) e "Roseland NYC Live", (1998): cadência rítmica, e sonambulismo, como no caso de "Hunter" e "Plastic", do novo álbum.
Entretanto, "Third" parece tentar livrar-se um pouco do movimento trip hop autenticado pelo grupo de Bristol com o uso de guitarras estridentes e rítmica mais acelerada, como no caso de "Silence", que abre o novo álbum. Para a surpresa dos fãs portugueses, a faixa contém um *sample* falado em português (do Brasil) que diz: "O que você dá retornará para você. Essa lição você tem que aprender. Você só ganha o que você merece", uma metáfora à regra sobre a partilha a três.
O disco foi finalizado em outubro do ano passado, traz 11 faixas e duração de 49 minutos e 13 segundo e tem previsão de lançamento para o dia 14 de abril. Quem não faz questão de esperar já pode descarregar as faixas com ajuda de softwares de compartilhamento de arquivos na net.

Vampire Weekend

Parece uma banda pós-universitária que imita Beatles ou Bob Marley com misturas de origens africanas e o ritmo pop. Uma salada pronta para causar indigestão. Entretanto, pelo pouco tempo de estrada musical, os garotos do Vampire Weekend impressionam com letras originais por meio de variações dinâmicas bem executadas e a apropriação de ritmos do continente africano. Nada de soul, jazz ou gospel. Buscaram na raiz da Jamaica elementos de integração com o ritmo pop norte-americano. Não há motivos explícitos para estas relações com o reggae africano, mas a fórmula tem resultado entusiasmático.
Na faiza "Cape Cod Kwassa Kwassa", por exemplo, os nova-iorquinos colocam o kwassa kwassa, ritmo de dança criado na África, em contato com os ouvintes. A faixa não apresenta o exotismo da cultura africana,mas utiliza instrumentos que qualquer *garage band* usaria para criar a fusão cultural por meio das cadências musicais. Assusta, mas é verdade que os Vampire deram um tipo de interpretação da indústria cultural africana, a partir da cultura norte-americana. Antropofagia no nome da banda e na realização do disco.

The Crash

Direto das terras da Finlândia e com apenas seis anos de vida, os The Crash continuam a manter o ar inusitado no recente "Pony Ride", lançado em 2006/2007. Os músicos, ao descreverem o álbum, o fazem como se apresentassem diversas digressões ligadas à figuras conhecidas. A faixa "Lauren" , segundo a banda, faz imaginar Catherine Deneuve bebendo uma xícara de café com Vanessa Paradis, em um daqueles idílico cafés parisienses. É possível que se consiga, com um pouco de criatividade. As cadências leves e marcadas são fáceis de assimilarem-se ao movimento imaginativo de cenas que se passam quando se ouve The Crash. A banda tem um estilo quase romântico, não fosse pelo ar um pouco irônico presente em alguma letras como em "Solitudinarian". Mesmo assim o rock misturado à balada "cool", não deixa que as canções dos garotos filandeses fiquem guardadas em algum *pack* perdido num canto do quarto. Vale a pena ouvir também o álbum que lançou a a banda em 1999, "Comfort Deluxe".

Texto: Rodrigo Saturnino

DIVULGAÇÃO

[Tatsumi Orimoto]

Mil fotografias, 160 desenhos inéditos e 10 vídeos do contemporâneo japonês Tatsumi Orimoto ocupam o 1º e 2º subsolo do Masp até o dia 26 de abril, em meio às comemorações do Centenário da Imigração Japonesa. A exposição é a primeira retrospectiva fora do Japão nos 40 anos de carreira do artista e terá ainda a performance 50 Grandmamas, refeição preparada e servida por ele para 50 avós especialmente convidadas

Orimoto tem boa parte de sua obra dedicada a homenagens aos idosos - muito valorizados na terra do sol nascente - de um jeito diferente. O comportamento social, o individualismo e seu oposto e a integração Ocidente/Oriente formam um conjunto expositivo que chamou a atenção do público em países como Alemanha, Itália, Estados Unidos, Austrália e inclusive Brasil, por ter participado em 1991 e 2002 da Bienal de Sao Paulo.

Outra série, Bread Men, apresenta o artista, ora só, ora em companhia de outras pessoas, com pães amarrados em suas cabeças. Sua mãe, uma vez mais, também participa. As situações são diversas: eventos, caminhadas, encontros no metrô, entrevistas na televisão. O principio básico, segundo Orimoto, é aproximar o Oriente e o Ocidente: o pão como simbologia para estabelecer a comunicação e integração entre as duas partes do mundo. Como parte da exposição, uma série de apresentações de vídeos que relatam as atividades performáticas e os demais experimentos realizados pelo artista a partir da década de 70 até hoje foram planejadas. Nesta época, Tatsumi Orimoto atuava como assistente de Nam June Paik e participou do grupo Fluxus.

Local MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Av. Paulista, 1578 - Cerqueira César - São Paulo - SP

Até 26 de abril. De terça-feira a domingo e feriados, das 11h às 18h; quinta-feira até 20h. Ingresso R$ 15 (inteira) e R$ 7,00 (estudante), gratuito para menores de 10 anos e maiores de 60 anos. Dia Gratuito Todas as terças-feiras entrada gratuita até as 18:00 horas

[Persepolis]

Desenho animado sem faixa etária e com debates em torno da realidade enfrentada pelos países que lutam pela revolução da liberdade. Não é clichê e lembra nos a sutileza de Jafar Panahi. Persepolis saiu das revistas em quadrinhos de Marjane Satrapi para apresentar, agora com movimentos, a história de Teerã 1978, protagonizada pela própria autora que sonhava, desde criança, ser uma figura de transformação social diante do regime imposto pelos "Guardiões da Revolução". No meio de restrições e o regime brutal da Républica Islâmica, Persepolis desvenda um recorte social das diversas histórias vividas pelas personagens reais do mundo iraniano. Marjane representa o ideal revolucionário contra o regime ditatorial, revertido principalmente nas limitações impostas às mulheres. Ainda criança e conduzida pela educação culta dos pais, da avó e parentes militantes, Marjane enche-se de esperança contra os limites da ditadura. Para proteger a filha diante do comportamento rebelde que apresenta contra o sistema, os pais de Marjane decidem enviá-la até Viena, onde passa parte da adolescência e experimenta outro tipo de revolução: o prazer da liberdade, o peso do amor, as dúvidas , a sensação do exílio, solidão e o sentimento de exclusão social.

Persepolis não parece ser um filme autobiográfico, ao contrário, registra, por meio da plasticidade do desenho chapado, o cotidiano pinçado da realidade de milhares de jovens irarianas que insistem em viver sonhos comuns e desejos próprios. Persepólis ainda é cômico, refinado e irônico. É quase matriarcal, representado na potente presença da Avó de Marjane, pouco lembrada pela crítica mas representativa na vida da protagonista. Ela é a voz de incentivo, de subversão e da integridade. Voz que acompanha o imaginário de Marjane durante todo o filme. Persepolis marca dois períodos históricos: um na vida da realizadora, outro na vida de Teerã. No elenco de dubladores, a atriz Chiara Mastroianni dá voz à Marjane, enquanto que sua mãe, a veterana Catherine Deneuve.

Título original: Persepolis
De: Marjane Satrapi, Vincent Paronnaud
Com: Chiara Mastroianni (Voz), Catherine Deneuve (Voz), Danielle Darrieux (Voz)
EUA/FRA, 2007, Cores e P/B, 95 min.

Texto: Rodrigo Saturnino

Fique à vontade para imprimir.
Mas pense no meio-ambiente.

DO PEQUENO HÁ DE VIR

Texto: Leonardo Rocha

Queria arrancar pelos olhos a incerteza do amanhã. Minha simples noção de verdade, meus andares cambaleantes, minhas vozes tão fatigadas, minha estação. Certa vez, como se ainda não tivesse ocorrido, o mancebo perambulava pelo silêncio. Ouvia mais de uma vez o chamado dos outros. Parecia que gritavam ao longe, na distância quase serena de serem percebidos. Aquele miúdo sinal de som audível apenas quando há quietude. Desabotoava suas idéias da cabeça. Não queria mais cursar pelo acaso, embora soubesse que o fazia pelo caminho do destino. Nunca creu no destino. Sempre torceu pelo inusitado, sem notar, contudo, que aquilo que se passava era ele quem causava. Os olhos vendados, caídos, russos de escuridão, oravam sobre uma manjedoura de pecados, de arrependimentos.

A longa estrada de credulidade havia terminado. Diferente do mancebo, extraído em calda pela serenidade, o que restava em mim poderia ser tomado aos goles e não faria efeito. Transmutou-se em substância amorfa, quase não pesava no ar. Talvez um extenso rasgo pela vida, talvez um fato isolado, talvez cada minuto de inanidade causasse todo aquele respiro longo, cada hesitação, aquela vontade de explodir em nada. Sempre disseram que o mancebo era arcano. Tinha tendências ao novo. Houve vez em que leram sua mão.

Moço solto, do festejo, difícil de guardar como um pássaro.

Todavia, apesar das muitas outras cabeças falantes em seu redor, sentia falta das antigas. Acusava-se de ser ele próprio o causador daquela esfera em torno. E o era. Aquele varão na consciência, substanciado em dias de chuva, o abismo negro do escuro, da sensação de cegueira na escuridão, quando se estatela os olhos e não se vê imagem. Como se esteassem por cima da vista um sobretudo negro apenas silhuetado pelo raio, pelo relâmpago que aclara na noite. Assim suas alamedas eram.

Sinto pouca luz-flecha. Daquelas que atravessam cada nicho, fresta entre. Almoçava diariamente minhas palavras. Discutia incessantemente minhas insônias. Aguardava pacientemente meu adeus. A vontade do ontem no hoje sempre me cutucou. Necessito sentir dor.

Daquelas do através, de passar pelo meio, de ceifar meu casco. Faltaria pouco, o aconselhavam, para que o para frente fosse agora.

O mancebo havia se cansado de cousas demais, de seus eternos adeuses, de suas meninas, de suas não meninas, da racionalidade, do hermético, d´eu mesmo. Sentia-me como o estrondo à procura da calada. Ele, recortado, transpassado por todas aquelas, resguardava muito pouco de mim mesmo. Tem contos em que a cabeça, atravessada tantas vezes pela mesma questão, vence o coração. Sou apenas ele no hoje.

WWW.JODI.ORG

“Na relação homem-máquina, existe a necessidade de interfaces para que se estabeleça a comunicação, para que uma informação reconhecida pela máquina torne-se legível ao homem e transmita assim um significado. Este ir e vir de códigos, como traduções sucessivas que se sobrepõem em níveis, trabalhados pelo repertório do interpretante, é representado neste site por imagens de texto que se transformam em códigos de barra, enquanto o código de cores da linguagem HTML traduz a cor vermelha para um número binário. Este site apresenta esta intertextualidade entre códigos, mas vem reverter esta situação, na medida em que produz ruídos, “chuviscos”, interferências e não efetiva a comunicação, por não alcançar o sentido esperado.” DONATI (1997:110)

CONSTATAÇÃO DO AMOR PERDIDO

Texto: Ariadne Lima

Um dia você acorda e percebe que perdeu seu amor. Em uma de suas manhãs, que não precisa sequer ser cinzenta, você olha para si mesmo e vê que não mais o tem. E então você se pergunta: "de quem terá sido a culpa?" Você não tem respostas. E, sinceramente, você não quer chegar a elas. O fato é que você o perdeu (e sabe-se lá se não se perdeu também).

Um dia você acorda e percebe que seu amor também lhe perdeu. E é duro pensar que você viu tudo acontecendo, mas foi tão rápido, foi tão estranho, que você não pôde fazer nada para impedir. Aconteceu. E hoje ele não lhe tem mais. Mesmo que seu coração ainda dê sinais quando você ouve aquela música, mesmo que você ainda chore assistindo àquela cena ou lendo o poema que era seu e dele, de mais ninguém. Mesmo assim, ele não lhe tem mais.

Você se culpa por ser alguém tão complicado, mas pensa no quanto ele, seu amor, não soube lhe compreender. Você pensa no quanto ele foi seguro e independente, quando você era carinho, e no quanto ele foi carência, quando você era firmeza. E então você se sente como um jardim sem água, sem adubo e sem visitantes, que acaba morrendo ressequido, por falta de cuidados e de valor. Você sente raiva de si mesmo, por não ter se valorizado mais, por ter sido o primeiro a ligar depois daquela briga, por ter dito eu te amo mais vezes, por ter sido mais frágil diante da saudade.

E, nessa mesma manhã, você se sente o último dos seres porque não foi capaz de fazer alguém lutar para não lhe perder. Você sente raiva por ter sido tão tolo e já tem dúvidas se era mesmo amor o que o outro sentia. Que amor era aquele que magoava, que ignorava, que dizia coisas dolorosas, ainda que não fosse essa a intenção?

Por outro lado, você enxerga suas próprias culpas, seus próprios erros e lembra que você também o perdeu. E você se pergunta: "quem terá perdido quem primeiro?" Você chora e percebe que a resposta não importa. Vocês se perderam e perderam a chance de acordarem juntos em manhãs melhores.

Então, você se levanta, lava os olhos, lava a alma, e promete a si mesmo que aquilo não vai se repetir. Mas no fundo você sabe que aquela promessa dura somente o tempo do reencontro. Ou de uma nova paixão.

Roy Lichtenstein
Interior com pinturas tranquilas, 1991 - Nova Iorque (EUA)
Ander Anderson and Norma Murphy, 1972
Oléo e Magina sobre tela
Foto: Rodrigo Saturnino

DAS COISAS QUE VOCÊ ENXERGOU EM MIM

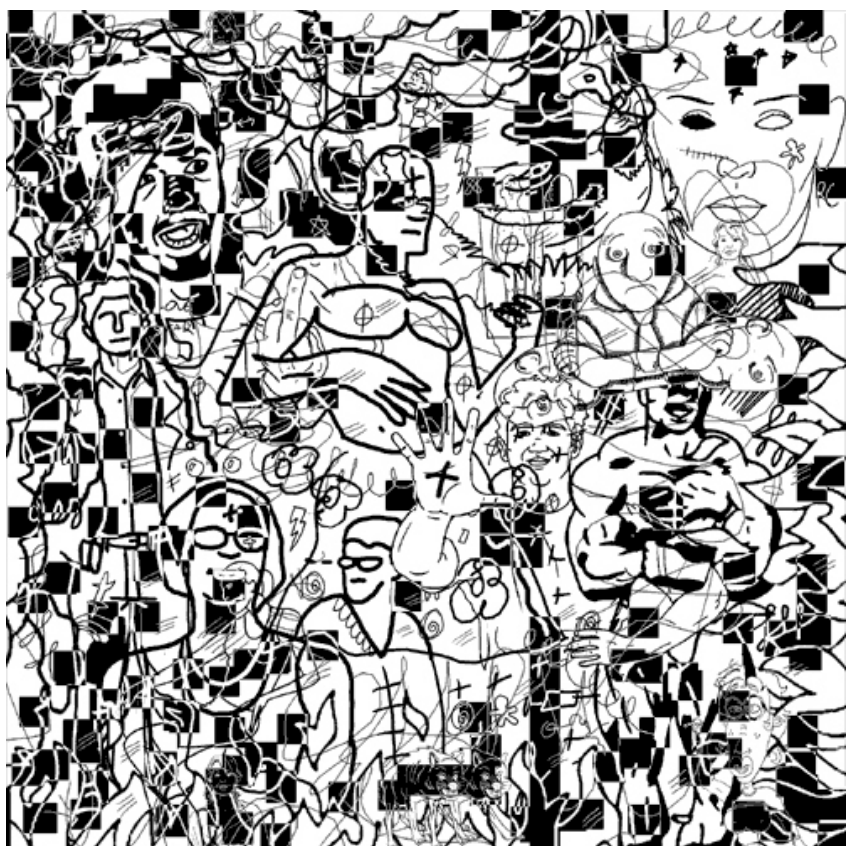
Texto: Cristina Mereu
Ilustração: Gustavo Maia

Eu queria não ter sido tocada por tudo isso que você diz, mas a minha vontade é em vão. Eu sigo seus chamados. Eu fico perdida nos seus passos. Eu me acho nos seus espaços. Eu abro a geladeira e você está lá. Nas fotos, o seu sorriso. Na memória, o seu jeito de falar. Nos escritos, a poesia do meu olhar. Eu percebi que o fato de não lhe escrever não lhe afasta dos meus pensamentos. Descobri que o que você despertou em mim não se abafa tão fácil e é inútil tentar não enxergar o seu sorriso, lembrar sua voz, sentir seu toque.

Eu vejo o seu rosto em todos os corpos. Eu lhe vejo pela cidade que não é sua. O que não vivemos ganha cores, movimentos, enredo e trilha sonora. Ganha vida própria e essa vida não tem limites. Passo horas em uma realidade que nunca existiu, sinto falta do que não vivemos juntos e vontade de viver o que não nos foi permitido. Eu quero lhe escrever, mas não sei o que dizer. Eu quero lhe ver, mas não tenho um porquê. Eu quero mudar minha vida e estar junto a você por pequenos momentos que tragam algum sentido a esse querer.

Que se dane a paz e a tranqüilidade que você tanto insiste em me devolver. Eu gosto mesmo é do turbilhão que você trouxe à minha vida em questionamentos e dúvidas sobre tudo aquilo que sempre foi tão certo pra mim, que me fizeram enxergar o mundo que nunca vi e a ter vontades que nunca me permiti. Eu já me apeguei e não consigo ser indiferente à sua busca. Eu não consigo mais dormir, eu penso em todas as possibilidades, eu penso no futuro e em um passado diferente do que foi. Eu lhe busco e me encontro.

Quero mesmo é que você volte e desfaça o que já arrumei e me cobre atitudes adultas como encarar os fatos de frente e respeitar os meus desejos. Quero que me diga quando vem e que não aceita não me rever. E não haverá Pessoa, Almodóvar ou Neruda que sacie o que ainda temos a viver.

Quero a permissão para reencontrar a sua risada, ouvir sua voz e rever seus olhos sobre mim enxergando tudo aquilo que ninguém mais é capaz de ver. Quero o seu carinho, o seu beijo, o seu cheiro e quero mais ainda a sua visão de mundo. Eu quero acreditar que sou aquilo que você vê em mim e ser feliz assim. Mas tudo que me resta fazer é guardar o que sinto e esperar por um pretexto que me permita dizer aquilo que eu ainda não soube entende

TEMPO E CULTURA MIDIÁTICA

Texto: Luciana Andrade
Ilustração: Gustavo Maia

O tempo sempre instigou a curiosidade humana. Na cultura hindu, a serpente que morde a própria cauda é um símbolo milenar que se refere □ eternidade. Um círculo sem começo e sem fim que representa o princípio conservador de Brahma. Já no Egito, as pirâmides s□o verdadeiros monumentos □ imortalidade, representando a busca pela vida eterna. Da mesma forma, os gregos acreditavam que o tempo era circular, tendo seu apogeu com a afirmaç□o de que "o tempo é uma imagem móvel da eternidade" (Timeu de Plat□o).

Entretanto, a inconstância do universo e as transformaç□es humanas se encontram inerentes ao tempo, como no poema de Gregório de Mattos: "Nasce o Sol, e n□o dura mais que um dia/ Depois da Luz se segue a noite escura. (...) Começa o mundo enfim pela ignorância/ E tem qualquer dos bens por natureza/ A firmeza somente na inconstância". Assim, na antiguidade, Zaratustra (Zoroastro) criou uma nova concepç□o de tempo, baseado nessa inconstância das coisas. Para ele, havia dois eixos: o tempo finito e o tempo infinito, como divindades supremas. A partir disso, com a consolidaç□o do Cristianismo pelo mundo, o tempo passa a existir com a presença de Deus sendo, portanto, linear.

Santo Agostinho transcendeu os estudos sobre o tempo e enunciou que é possível perceber tr□s temporalidades: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras (talvez, se ele tivesse avançado mais no seu estudo, teria chegado □ física quântica e preconizado o conceito de realidades paralelas). Enfim, essas temporalidades t□m inspirado até mesmo os historiadores contemporâneos, pois afirmam que é impossível estudar uma história do passado e, sim, uma história criada no presente que se refere a dados do passado (o mesmo dispositivo da memória: a reconstruç□o a partir de vestígios do passado).

Porém, falaremos de memória mais tarde. Vamos nos fixar no tempo. Para Santo Agostinho, pensar na apreens□o do tempo é algo ininteligível, afinal existe um tempo presente, porém sua principal característica é a fugacidade. "(...) Nem sequer um dia está todo ele que em breve n□o teremos diante de nós torna-se imagem. Queremos presentificar tudo, estender o instante, experimentar o "presente" inúmeras vezes, nos apropriar do tempo para controlar a exist□ncia. Isso me faz lembrar o relógio derretido de Salvador Dali. O tempo nos escapando e nossa tentativa de "resgatá-lo". A pintura é um contraste irônico com a nossa obsess□o em registrar tudo na memória.

A overdose de imagens na contemporaneidade simboliza a pretens□o de aprisionar o tempo e guardar a memória como se fosse um objeto palpável. Trazendo tudo para o "tempo real", como se a memória fosse um dispositivo para congelar o instante e ser experimentado de acordo com a vontade humana.

No entanto, esse modo instantâneo de se obter o real só é possível através do imaginário. Bergson encontrou na metáfora uma forma de instituir a ess□ncia temporal da realidade. E só podemos entender o tempo parcialmente. É impossível ver em sua totalidade. Por isso, existem canais para amplificar os nossos sentidos e, assim, enxergarmos além do senso-comum. Para Bergson, um desses canais é a arte. E, na verdade, esse real n□o é descrito, mas narrado.

É assim que se configura a memória. O que vai ordenar o tempo é a exist□ncia de um narrador. Existem vestígios do passado que precisam de um narrador para se ordenar. É por isso que as imagens n□o s□o suficientes. É necessário um mediador (no

>>

presente) para construir uma história. No filme “O vestido”, de Paulo Thiago, uma releitura do poema “Caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, a personagem principal narra para suas filhas uma série de acontecimentos que ocorreram há alguns anos. No entanto, ela começa dizendo: “N¤o sei se foi exatamente assim que aconteceu, mas vou contar do jeito que me lembro”. Ou seja, é impossível congelar o passado e resgatá-lo depois, mesmo através de imagens. Há sempre a necessidade de um discurso, que pode mudar ao longo do tempo.

Eu penso a memória como um grande quadro de Picasso, feito através de colagens, distorç¤es e transformaç¤es. É como se a gente pegasse várias revistas velhas e recortasse letras, imagens, números e símbolos para dar início a uma narrativa. O que importa n¤o s¤o os fragmentos e, sim, o discurso criado. Alguns elementos podem surgir voluntariamente, outros n¤o. O que importa é o sentido que isso vai ter a partir da (re)organizaç¤o do narrador.

O cineasta franc¤s Raymond Depardon criou um vídeo intitulado “Os anos-despertar”, em que mostra fotos de sua infância narradas por ele mesmo. Segundo Bruno Leal (Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano), o vídeo tem a “impress¤o de virar as páginas de um álbum de vida, ou melhor, de desenrolar o rolo de um volume de memória que teria sido preservada”. Na verdade, é uma memória construída a partir de textos, falas e, principalmente, imagens vindas de diversos lugares, com diversas temporalidades. É se apropriar de alguns desses elementos e ordenar a sua forma.

O ser humano tenta de forma impulsiva se firmar no mundo. Buscar detalhes de uma infância que n¤o pode mais ser resgatada é assistir a ressonância das patologias sociais. “N¤o sei quem sou, mas quero buscar o que fui”. Tentar, no passado, encontrar algum vínculo, alguma refer¤ncia da sua exist¤ncia. Porém, na desgastada viagem ao tempo, o ser humano encontrou na tecnologia uma forma de congelar a vida. Esse processo é uma saída para estender a sua exist¤ncia, é novamente voltar ao Egito e construir novas Pirâmides (agora, através das imagens) para atingir a eternidade. N¤o seria ent¤o, a tentativa contemporânea de se obter um tempo circular?

Gustavo Maia

ACHO MELHOR VOCÊ NÃO IGNORAR BARTLEBY

Texto: Renato Rios

Estranho. Muito estranho. Talvez sejam essas as melhores palavras para definir o livro "Bartleby, O escrivão. Uma história de Wall Street", de Herman Melville, editora CosacNaify, 2007.

A obra conta a história de Bartleby, escrivão de um escritório de advocacia de Wall Street, em meados do século XIX. A trama é narrada pelo advogado, dono do escritório e patrão de Bartleby. Um homem que não revela o seu nome e que "sempre teve a firme convicção de que a forma de vida mais fácil é a melhor".

O advogado tem três empregados: Ginger Nut (um garoto de 12 anos), Turkey (que ficava intragável a tarde) e Nippers (que ficava intragável durante a manhã). Tudo muda quando um novo funcionário chega ao escritório: Bartleby. O rapaz parecia ser extremamente competente e produtivo, e, o melhor, muito calmo e sereno - o que poderia trazer um pouco de paz para o escritório.

O patrão estava radiante, certo de que havia feito a escolha certa. Até o dia em que ele pede para Bartleby reler um documento. Eis que Bartleby responde, calmamente, "acho melhor não" (I would prefer not to, no original). O patrão fica estupefato, e até mesmo indignado e resolve pedir mais uma vez. "acho melhor não" é a resposta que ele obtém novamente.

A partir desse momento, o leitor entra, junto com o patrão, em uma verdadeira jornada para tentar entender um pouco do estranho Bartleby, que recusa veemente todas as ordens com um calmo e tranqüilo " acho melhor não". Afinal de contas, quem é este homem? Porque ele é assim?

O patrão se sente impotente diante dessa recusa tão passiva. Ele não sabe se deve odiar ou cuidar de Bartleby. Todos esses sentimentos ambíguos são muito bem retratados por Melville, que em nenhum momento é maniqueísta ou demonstrativo.

O advogado se sente compelido, a principio, a um sentimento de pseudo-caridade. Ajudar Bartleby era uma maneira de ajudar o seu ego e sua moral cristã, mesmo sabendo que sua ajuda era pouco ou nada efetiva para o estranho escrivão. A auto-indulgência toma o lugar da verdadeira vontade de amparar.

A caridade evolui com o passar da obra para a incompreensão profunda e até mesmo para o ódio e desprezo. Em certo momento, o advogado diz "aquela melancolia se transformava em medo, e a compaixão, em repulsa". O patrão se sente impotente diante da insubordinação indiferente de Bartleby.

Diante do desconhecido, o advogado aceita Bartleby como o seu carma: a sua missão de vida era ajudar aquele rapaz. Mas o inferno são os outros e logo a presença do estranho escrivão começa a ser tema das rodas de conversas, dos colegas de Wall Street. Ninguém entende aquela estranha figura, que acha melhor não fazer qualquer atividade. E, compelido pela pressão da sociedade, o advogado adota uma medida extrema: muda o seu escritório de lugar, fugindo assim de Bartleby.

Bartleby acaba na prisão por vadiagem - uma vez que os novos advogados do escritório em Wall Street

>>

não eram tão tolerantes ou pacientes. Seu ex-chefe vai visitá-lo e é recebido até com certo ódio por Bartleby. A prisão se mostra ainda mais opressora para o escrivão e ali ele sucumbe: quieto e indiferente.

A obra de Melville pode ser considerada predecessora de toda a literatura do absurdo, e, principalmente da obra do tcheco Franz Fafka. Estão ali os mesmos elementos: ambientes opressores, cotidianos e burocráticos. Personagens que flertam com o absurdo e o irreal, mas que ao mesmo tempo, denunciam a falta de sentido do que é chamado de realidade. A narração em primeira pessoa é ágil, diferente do estilo épico das obras mais famosas de Melville.

O narrador advogado não consegue esconder suas fraquezas e contradições, o que enriquece a trama. É caridoso para massagear o seu ego, e não por sinceridade. Acaba abandonando Bartleby não por vontade própria, e sim pela pressão da opinião dos colegas advogados.

Não sabemos compreender Bartleby, assim como não compreendemos aqueles que fogem a regra. O fato da insubordinação do escrivão ser passiva, e até mesmo indiferente, nos deixa ainda mais atônitos. Se fosse um ato de ódio ou de pura contestação, seria mais fácil para o leitor tomar partido e criar o seu julgamento moral, mas diante da indiferença de Bartleby nos sentimos perplexos e confusos. Não sabemos por que alguém simplesmente pode achar melhor não seguir as ordens, sem motivo aparente, sem ideologias, apenas por achar melhor não fazer nada. Bartleby é assim quase um enigma da esfinge "decifra-me ou devoro-te", parece dizer o escrivão a cada "acho melhor não".

A edição da Cosacnaify também merece menção. O acabamento é primoroso. O livro vem envolto em uma espécie de envelope, com a frase "melhor não ler", impressa. A frase, além de extremamente chamativa, ganha força após a leitura do livro. Abrindo o envelope, o leitor tem de descosturar a capa. A partir daí, o leitor deve abrir as páginas, uma a uma, com uma espátula de plástico, que vem junto ao livro. O processo aumenta ainda mais a curiosidade com o que acontecerá na página seguinte, além de ser uma forma de nos sentirmos mais próximos ao ambiente de escrivões do século retrasado.

A leitura de Bartleby, além de extremamente prazerosa, se torna fundamental em um tempo onde a padronização e a especialização são cada vez maiores. Nos tornamos aquilo que fazemos e o fazemos sem saber o motivo. A insubordinação de Bartleby, ainda que sem razão aparente, nos leva a indagar: será que achamos melhor continuar assim?

4:20 AM

Era um dia de noite sem sono, de madrugada preta. A música, ao invés de acalantar, atrapalhava um pouco. Assim como o ronco do amigo que dormia ao lado. A bebida não teve graça e agora ele se sentia como se estivesse sentado numa poltrona de um ônibus de viagem. Sentia solidão e sobre ela filosofava; emergia-se em alegria e, por conta dela, fazia planos; se afogava em arrependimentos mundanos e, por isso, tentava melhorar. Tudo misturado.
Deitado num cômodo castanho e frio, ele ficou mastigando um arco-íris de sentimentos que acabava por soprar seus pensamentos para o colo dela. Ela, que das cores do arco-íris é o amarelo, era a única coisa que o fazia perder linhas de raciocínio naquele momento de total dispersão da realidade.

Mesmo assim, ele imaginava ter a paciência que Michelangelo teve ao fazer a estátua de Davi, quando observou por quatro meses um enorme bloco de mármore e, dois meses depois, fez dele a estátua; para conseguir entender o tempo pelo relógio dela. Sonhava também em ter, para nunca desistir do que deseja tentar conseguir, a persistência do Dia e da Noite que, como conta uma lenda chinesa, de tanto tentarem ficar juntos - nas horas mágicas do anoitecer e do amanhecer - foram presenteados pelos deuses com os eclipses.

Dessa forma, ali naquela viagem inquieta, ele tentava se encher de coragem para fazer o que achasse necessário, para que nunca precisasse reclamar de coisa alguma. Todavia, se algum dia tivesse mesmo que reclamar, ele o faria da mesma maneira que a Noite e o Dia, que borravam o céu de vermelho pela raiva que sentiam por não poderem ficar juntos.
Apesar do gosto pela fantasia, ele achava que estava na hora de dormir, mas o seu relógio já marcava quatro e vinte da manhã. Decidiu então, de relance, que era um momento oportuno para ficar acordado, abrir a cabeça e escrever sobre ela. Ela, que ao mesmo tempo era dia, noite e era obra de arte. Ela, que de todas as cores do arco íris, é o amarelo.

Texto: Alan Terra

LOUCA LUCIDEZ

Texto: Thais Palhares

Ela queria escrever uma coisa bonita, mágica, doida. Uma coisa qualquer que fizesse o mundo sorrir e desinventar a crueldade amarga que veste a realidade. Ela queria escrever uma coisa qualquer que fosse leve e azul... Tinha essa coisa imbecil e inquieta, um espinho rompendo a pele, um vento forte para fazer ondas...

Uma coisa qualquer... Tinha uma idéia na cabeça de que "as gentes" podem lutar, insistir... "As gentes" podem tudo e ela queria escrever uma coisa bonita que pudesse inspirar o mundo, porque ela não queria deixar tudo se perder. Porque ela sabia que esse tudo é muito ou mais, quase além e não podia deixar de existir...

Ela queria escrever palavras inventadas, decoradas, novas ou velhas. Reunir nos versos tudo que ainda restasse de puro e depois distribuí-los por aí, como que dando uma faxina no mundo. Buscava palavras, conceitos, jeitos e preceitos, qualquer significado para absurdos.

Usava papéis, canetas, lápis, carvão, guardanapos para imprimir a alma. Detinha-se e não sabia por onde começar. Todas as palavras já tinham sido usadas, pensadas. E o tempo ia tomando cores imprecisas de uma lucidez triste... Não havia o que escrever... Então ela se cansava, murchava... Amiudava-se e quase que sumia de tanta tristeza e de avesso de esperança...

Mas tão logo o dia raiava, achava uma distração no mundo e lá se punha a procurar palavras para escrever a tal coisa bonita, mágica, doida. A coisa que faria o mundo sorrir... Enchia folhas de versos soltos para ver se preenchia o mundo de concretude. Escrevia até suas mãos adormecerem. Por fim, saía à procura de palavras guardadas, abria gavetas, baús e perdia-se no meio de frases, num eterno embate de esperanças e tropeços.

Um dia, num acesso de fúria, sumiu com papéis e lápis. Folhas, canetas, esboços. Picou palavras em diminutas e irreconciliáveis partes de para sempre. Num acesso de fúria, desaprendeu pronomes, provérbios, conjunções, vírgulas, pontos, parágrafos e travessões. Jogou tudo pela janela. O sol exibia-se com toda sua força.

Jogou tudo pela janela e reteve apenas a alma, rabiscada de carvão. No mais profundo silêncio voltou os olhos para a janela de onde choviam palavras e se abriu para o céu... Escreveu asas e voou. Foram suas últimas palavras... As mais bonitas, mágicas e doidas que encontrou.

A MODA AZERI

Texto: Aline Orlando (do_ Azerbaijão)
Ilustração: Thiago Fonseca

As mulheres de Baku deram o início da quebra de valores e do radicalismo no mundo Azerbaijão. Ao deixarem seus mantos de lado e mostrarem o corpo, mesmo que ainda exista algumas que mantêm suas curvas cobertas, por uma burca ou um manto, essa revolução já é um fato irreversível do lado de cá.

Elas se mostram cada dia mais interessadas pelas tendencias da moda internacional, fora das barreiras do país. A intenção é válida, mas a maioria nao faz idéia de como acertar na hora de combinar as peças dos vestuário. Vale a idéia de sincronia de cores. O lema é tudo combinado. Os modelitos são inusitados: sapatos vermelhos com bolsas vermelhas, e é claro, com um vestido vermelho. A moda azeri, se é que ela existe, parece levar todas as mulheres para uma grande festa de São João, com vestidos de bolinha e babadinhos (eu acho lindo). Mas há lugar para as ousadas. Mini-saias e os shortinhos causam muita polêmica. Quando saio para meus passeios com meu tênis no pé, chamo atenção. Todas já sabem que sou estrangeira. Minhas amigas azeris estranham. Até eu estranho. Depois que vim para Baku, meu modo de vestir também entrou em crise.

Sou metade brasileira e metade azerina. No Brasil, não nego, não tirava o salto do pé. Todos os tipos e tamanhos, preferência para os mais extravagantes que me levaram a uma tese feminina: uma mulher de salto deixa de ser mulher e passa a ser um mulherão (risos). Mas no Azerbaijão as coisas não são bem assim. Se minhas amigas brasileiras, que devem estar lendo este texto, me encontrassem nas ruas de Baku, certamente não me reconheceriam. Imaginem meu tênis como principal componente do meu novo vestuário, trocado, as vezes, pelas sandálias rasteirinhas. Eu sei: meu novo estilo indefinido nada me atrai...

Sobre maquiagem Não faço mais tanta questão. Já as azeris saem como se fossem para um grande baile em plena manhã. Meu guarda-roupa mudou de endereço. Não dá para andar de salto em Baku. Ruas de calçamento atentam contra a elegância feminina. Um passo e duas viradas de pé.

Agora é a vez dos homens Como muitos já sabem sou esposa de um jogador de futebol. Fábio é um tipico brasileiro: Ama o calor e anda pelas ruas de chinelos e bermuda. Motivos para fotos não faltam. Quando ele morou no interior do Azerbaijão, onde a temperatura normal era de 45 graus, chegou a ser advertido por sair de bermudas para ir ao mercadinho.

Eles, em contrapartida, estão mais enraizados no tradicionalismo. Em pleno verão, com temperaturas médias entre 42 graus com o sol brilhando até as 9 horas da noite, nunca vi um azeri de bermuda. A moda masculina são calças compridas com chinelos de dedos, e camisas, discretamente, regatas. Pernas masculinas estão, definitivamente, proibidas de estarem à mostra.

Outra coisa comum nos homens é o cigarro. Desde a adolescência já se iniciam nesse hábito nocivo. Não há advertência quanto à idade que os homens podem iniciar com o cigarro, vendido sem nenhum controle. As mulheres não podem fumar em público. Mas os restaurantes estão repletas de figuras femininas que também adotaram o estilo fumante de ser. Apesar de detestar o cheiro, a fumaça e o mal que o cigarro traz, ainda assim, ao contrário dos homens, as mulheres azeris demonstram qualidades que revelam a força e independência feminina, principalmente em relação ao modo de se vestirem. A moda aqui revela, além das curvas, a luta contra o fundamentalismo da religião.

“O espectáculo não é um conjunto de imagens,
mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens.”
(Guy Debord A sociedade do espetáculo)

SE TUDO TEM SEU LUGAR, PORQUE A PUBLICIDADE ESTÁ EM TODOS?

Texto: Carlos Alberto

A quantidade de publicidade que absorvemos todos os dias entorpece. Para algumas pessoas, um outdoor na frente do seu prédio, uma empena, uma plaqueta na lata de lixo daquela praça, o anúncio na traseira do ônibus ou o aglomerado de placas quase sobrepostas nas ruas do centro pode passar despercebido. Para outras pessoas, isso tudo é um grande incômodo.

A expressão visual é a maneira mais antiga de se comunicar. Evoluiu das representações nas cavernas; tomou forma comercial na Mesopotâmia, na babilônia e na Grécia antiga, quando já se produziam iconografias relacionadas aos produtos destinados comercializados. Durante toda história da humanidade, esteve presente para diversas finalidades.

Nos dias de hoje, nem toda a sociedade discute a apropriação do espaço pela publicidade. Lícita ou ilicitamente, a publicidade em pouco mais de duas décadas alcançou todos os lugares visíveis no meio urbano, e tem planos de chegar à lua, de exalar odores e produzir ruídos sonoros ao mesmo tempo. A grande pergunta é: você tem o direito de não absorver publicidade?

Segundo a Lei Lei de Política Nacional do Meio Ambiente - Lei 6.938/81, a poluição constitui "a degradação da qualidade ambiental resultante de atividades que direita ou indiretamente: a) prejudiquem a saúde, a segurança e o bemestar da população; b) criem condições adversas às atividades sociais e econômicas; c) afetem desfavoravelmente a biota; d) afetem as condições estéticas ou sanitárias do meio ambiente; e) lancem matérias ou energias em desacordo com os padrões ambientais estabelecidos".

Creio que não existe nenhuma posição legal a respeito de não querer “engolir as coisas”, e sim de quanto isso interfere positiva ou negativamente na sociedade. No documentário “ESPAÇO RESERVADO P/ PIXADORES” de Marcelo Reis, um de seus entrevistados - um importante empresário (se não o maior) do ramo de empenas e outdoors - diz que “se você não quer ver televisão, você desliga ela. Se você não quer ver um outdoor, você que desligue seu olho”. Parece piada, mas não é.

Em contrapartida, “apenas a pichação e o grafite estão previstos na Lei dos Crimes Contra o Meio Ambiente (Lei 9.605/98), cujo art. 65 estabelece, expressamente, as penas de detenção e multa para quem "pichar, grafitar ou por outro meio conspurcar edificação ou monumento urbano"”

Recentemente, a cidade de São Paulo implantou com sucesso e resistência por parte do empresariado e das redes de publicidade, o projeto “Cidade Limpa”, que segundo a procuradora do Município de São Paulo, Adriana Maurano:

“A "Lei Cidade Limpa" tem sido objeto de grande polêmica, devido à proibição de qualquer propaganda, como outdoor, placas, luminosos e banners, ficando, a mídia externa, restrita aos espaços do mobiliário urbano, como pontos de ônibus, relógios públicos e placas de rua. Muitas questões envolvem a sua constitucionalidade, diante dos direitos de propriedade, e livre iniciativa e livre concorrência.”

Em suma, o que era antes a propaganda do espetáculo se tornou agressivamente a espetacularização da propaganda, onde o receptor é agredido visualmente com milhões de cores, luzes, textos, imagens sedutoras carregadas do discurso “compre a qualquer custo”.

As dimensões da publicidade, além de contribuir para diminuição da qualidade de vida das pessoas do meio urbano principalmente, vende o inacessível, a ilusão e o fetiche da mercadoria. Não é desnecessário dizer que um outdoor, por exemplo, ao afirmar que determinado produto é mais importante pelo status que o mesmo pode proporcionar, coloca ao mesmo tempo o consumo além do consumidor.

Devemos questionar a ocupação do espaço pela publicidade, mas também a própria publicidade e seu impacto social. Um outdoor sobre sapatos numa favela de belo Horizonte que diz “o conforto é irresistível” é no mínimo um crime moral, além de um desrespeito aos moradores por detrás da propaganda ao desconsiderar que existe um mundo de pessoas sem acesso a boa parte das maravilhas do consumo capitalista.

ESPAÇO RESERVADO P/ PIXADORES (34 min. Mini DV, Belo Horizonte, 2007) de Marcelo Reis; Sobre poluição visual e a nova lei paulista de publicidade, acessar p artigo de Adriana Maurano <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=9498>.

Desejos além de hoje

Texto: Gledson Machado

Queria que nossos olhos brilhassem mais;

não só hoje,

amanhã, depois,

sempre que puderem!

Quem sabe assim sentiremos melhor o amor:

quando houver Natal; quando não houver;

quando o ano se iniciar e em seu decorrer.

E quem sabe o sorriso chegue espontaneamente.

E seja sincero,

E ofereça abrigo!

Queria que nossos abraços fossem calorosos:

não só quando as propagandas emocionam,

mas quando sentirmos saudade!

E a saudade não desembarcar...

E precisarmos de alguém para conversar.

Quem sabe assim descobrimos amizades honestas.

Mas esse poema vai contra ditados,

pois nem sempre querer é poder.

Mas eu desejo!

AINDA ORANGOTANGOS

Texto: João Paulo Teixeira

Superficialidade: essa foi a palavra usada por Gustavo Spolidoro ao se definir no debate acontecido na Mostra de Cinema de Tiradentes\2008: “bah, sou uma pessoa superficial”, assume o gaúcho. E podemos realmente notar essa superficialidade ao assistir Ainda orangotangos, primeiro longa do cineasta. Não que esteja criticando ou julgando isso, quem sou eu para tal. Num país em que temos nos ídolos figuras como Ivete Sangalo, Zezé de Camargo e Luciano, Faustão ou jogadores de futebol, não se pode cobrar muito uma consciência crítica. Além disso, indo mais a fundo, como cobrar senso crítico de uma pessoa que acorda às cinco horas da manhã, leva duas horas para chegar ao serviço, trabalha durante oito, dez horas, só parando para comer a marmita já não tão quente contrastando com um sol torrencial, na volta enfrenta um trânsito ferrenho em um ônibus lotado e, ainda por cima, em pé? O usual é que ele chegue em casa e vá realmente assistir programas que não alimente o exercício crítico. (vou já avisando que esse não é o caso para a superficialidade assumida por Spolidoro). Entretanto, na minha opinião, muito pior do que isso são intelectuais ou pseudo-intelectuais que criticam arduamente essa superficialidade em textos ou artigos acadêmicos, vivem num mundinho só deles, quase como uma seita, e não contribuem em nada para o crescimento intelectual da sociedade.

Adaptado do livro homônimo de Paulo Scott, Spolidoro realiza um filme de 81 minutos num único plano seqüência, mostrando o dia de personagens diversos em Porto Alegre. Pelo fato do livro ser de contos independentes, em que um não tem ligação com outro, o diretor também não consegue essa ligação entre os personagens do filme. E dessa maneira o longa se torna inúmeros curtas, uns melhores, outros piores.

Gustavo inicia o filme com um casal de japoneses no metrô e a todo o momento o expectador imagina que esse japonês terá alguma ligação com os outros personagens do filme, que eles, por algum motivo, tenham ligação. O que não acontece. E assim surge o garoto colorado, o Papai Noel, a mulher nua, o casal que toma perfume....... Mais do que reticências.

E nessa “coisa” de vários curtas-metragens, destaque para o sonho/pesadelo em que uma mulher nua se depara com inúmeros pombos pela casa. Ali, mesmo sem o corte, existe essa impressão, afinal Spolidoro consegue sair dessa realidade aparente apresentada até então no filme, que vai contra a teoria do crítico André Bazin em

>>

que afirma que o uso do plano seqüência nos remete mais a realidade, e submete ao surrealismo. E com um ajuste na fotografia na pós-produção, cores ainda mais fortes, um áudio propositalmente exagerado e um jogo de atuação, Spolidoro faz deste a "cena" forte do filme. Spolidoro, já acostumado na realização de curtas em plano seqüência, faz uso desse artifício pela primeira vez em longa metragem. Entretanto, a obsessão por esse artifício se torna apenas um exercício em Ainda orangotangos. Um exercício bastante complicado, há de se dizer, que demanda bastante agilidade da parte técnica, principalmente câmera e operador de boom, e atenção para produção. E nessa parte o longa vai bem, afinal, foram pouquíssimos momentos em que transeuntes olham para a câmera e nenhuma vez se tem o microfone em quadro.
A passagem de tempo também é bem resolvida por Spolidoro. No ônibus, em aspecto de obrigação, afinal há necessidade realmente do deslocamento do veículo, pois não há cortes no filme, o diretor "encaixa" uma conversa entre duas mulheres sobre a origem do "tri" em Porto Alegre e teorias sobre Papai Noel colorado. Conversas sem propósito algum e que nos remete a Tarantino, por exemplo, que usa muito desse tipo de diálogo em sua filmografia. Além disso, ainda na passagem de tempo, o diretor apresenta de forma singela e nada forçado o horário, seja no momento em que o garoto colorado compra um relógio, seja no quarto dos namorados ou quando o velhinho se encontra com o jovem professor de canto.
Ainda orangotangos tem no título forte crítica a sociedade, nos remetendo a barbárie usual dos primatas. Todos os personagens são mal resolvidos e não dão conta dos seus problemas pelos métodos, digamos, leais. E, dessa maneira, tentam resolvê-los por conta própria e de maneira underground, deixando que todo crescimento crítico, intelectual, harmônico desenvolvido com os anos sejam esquecidos. O filme de Spolidoro há aspectos positivos e outros não tão bons assim e vale ser assistido principalmente pelo exercício.

RAQUEL NÃO CHORA MAIS

Texto: Hamilton Reis

Naquela tarde Raquel voltou desolada para a empresa. No almoço tinha brigado com uma das filhas. O motivo da discussão foi banal, mas era apenas a gota d água. O clima estava tenso desde quando a caçula decidiu assumir o namoro com o filho do padeiro, sujeito bruto e inconseqüente que liderava uma turma de vadios do bairro. O bife revirou no estômago e teve medo de passar mal. Decidiu ir de táxi para não chegar atrasada.

Poucos minutos depois de sentar-se na cadeira ela ouviu a voz do chefe resmungando algo. O que era burburinho virou um grito e ela levantou-se assustada. Entendeu que era seu nome e apressou-se em cruzar rapidamente a sala. O Sr. Kasinski estava nervoso. Suava. Em uma das mãos agitava a carta que ela havia digitado pouco antes do meio dia. "Burra, idiota, incompetente" disparou à queima-roupa o empresário, entre outros impropérios. Raquel ainda tentou segurar o choro, mas não conseguiu. As lágrimas não paravam. Alguns colegas espiaram de dentro de suas salas, mas ninguém disse nenhuma palavra. O temperamento explosivo do imigrante alemão que tinha prosperado fabricando motocicletas era conhecido. Mas a necessidade do emprego fazia com que todos silenciassem e aceitassem como normal a sua estupidez. A necessidade falava mais alto.

Raquel também precisava do emprego. O marido tinha desaparecido e era dela a responsabilidade de cuidar das filhas. Tinha o aluguel, a faculdade da mais velha e a mensalidade da tevê a cabo, único luxo ao qual ela se permitia, já que assistir a filmes era a sua distração nos finais de semana. Por isso, durante dois anos ela suportou a pressão, o mau humor, o assédio moral daquele velho senhor de estopim curto. Mas dessa vez não suportou a humilhação. Interrompeu o expediente, recolheu seus objetos pessoais e foi direto ao sindicato das secretárias. Ouviu atentamente as explicações da advogada e decidiu que iria processá-lo.

Meses depois, quando veio a sentença da justiça Raquel ficou emocionada. A indenização de R$ 42 mil não era o principal motivo de sua alegria. Sentiu-se digna. Teve orgulho de sua atitude e de não ter recuado nos momentos difíceis. Sabia que iria conseguir outro emprego. Era capaz, competente. Não havia razão para temer o futuro. E, principalmente, não teria motivos para se envergonhar diante das filhas, a quem sempre tinha ensinado que não se pode abrir mão dos próprios direitos. Imaginou a cara do ex-patrão e no quanto deveria ser pesaroso para ele desembolsar aquele valor. Quem sabe assim ele repensa a sua postura e passa a tratar melhor as pessoas, pensou. Naquele dia sentiu uma sensação de paz como a muito não sentia. E se permitiu a assistir "Uma secretária de futuro" na sessão da tarde. Mesmo sendo terça-feira.

PEQUENO PRAZER NÚMERO CINCO: GANHAR UM MANUAL DE PRAZERES...

Texto: Liana Carvalho

Ganhei um livro perfeito: O manual do Hedonista - dominando a esquecida arte do prazer, do escritor Michael Flocker, lançado pela editora Rocco.

Já na primeira página há uma definição do hedonismo para sanar as confusões e colocar um dedinho em nossas caras: a doutrina que considera o prazer ou a felicidade como o único ou principal bem da vida.

Sendo assim, somos todos hedonistas! Afinal, quem não está à procura da felicidade? Porque a felicidade nada mais é que sentir ou demonstrar prazer e contentamento.

Antes que o livro ensine os mandamentos do hedonismo ele traz sua história: Começou na Grécia onde Epicuro ensinava que o prazer é o supremo bem, e foi espalhada pelo mundo através dos conquistadores romanos, que logo estragaram tudo: célebres hedonistas, como Calígula, davam orgias nos palácios, se declaravam deuses e nomeavam cavalos como cônsul.

Eles perderam de vista o único alerta que Epicuro fez: que a pessoa sábia evitaria os prazeres que lhe trariam problemas. O equilíbrio era a chave.

Então quando o império romano declina, o hedonismo ganha parte da culpa e conquista inimigos com a mesma rapidez com que ganhou adeptos.

Mas os romanos não foram os únicos a se excederam, o manual traz uma longa lista de governantes hedonistas que simplesmente enlouqueceram, como Catarina, a grande.

O exemplar não é um compêndio de filosofia, não é para ser levado a sério, apesar de tocar em pontos fracos da nossa sociedade. Ele ensina como conquistar um equilíbrio. Como trazer um pouco de prazer às nossas vidas sobrecarregadas com as obrigações da vida moderna, mesmo que seja só gargalhando com suas tiradas bem humoradas.

O manual nada contra a corrente. Vai contra a atual filosofia que prega que se você evitar tudo o que é agradável, terá uma vida longa e feliz, como destaca o autor. Descarta a crença de que podemos alcançar a felicidade com um esforço psicótico e uma obstinada determinação.

Você pode deixar de fumar, parar de beber, não comer carne, dormir cedo, fazer sexo seguro e morrer atropelado aos 30 anos!

A vida é incomensurável e não podemos controlá-la. A fórmula não é se abstenha do prazer e sim: tenha equilíbrio!

Para ajudar nesta busca, o livro traz várias dicas, como os principais mantras do hedonista:

1. viva e deixe viver
2. carpe diem
3. da vida nada se leva
4. é melhor ter vivido
5. foda ou saia de cima
6. só se vive uma vez
7. faça
8. sou muito sexy
9. nunca diga não
10. alguém viu minhas chaves?

FALSIDADES HUMANAS

Texto: Patrícia Caldas

Todos querem ser o protagonista da vida. O bonzinho, correto, que não faz mal a ninguém e que ainda por cima tem uma boa vida, estabilidade, um amor correspondido e é feliz. Se por detrás disso há mentiras, então que elas sejam bem feitas. Se por detrás disso há traição, que sejam bem escondidas. O que importa é mostrar para o outro aquilo que você não é, mas acredita ser. O que vale é apenas a aparência, ainda que ela englobe muito mais que vestes e orgulho. O que vale é aparentar estar feliz, afinal jogar tudo pro alto e admitir que em algum momento você fracassou nos retira da posição confortável que é achar que estamos bem. Fingimos-nos de bobo para viver. Quem nunca fez isso?

Revelar-se é para poucos, talvez para os idiotas que acreditam na honestidade e verdade acima de todas as coisas. É para aqueles que não agüentam esconder do outro seus defeitos, por mais negros e assustadores que eles sejam ou pareçam ser. É para aqueles que não suportam o peso da culpa nos ombros. Dói ser honesto, dói não se reconhecer nas atitudes, dói crescer forçado. Dói falar e ouvir que se errou. Ninguém gosta de admitir erros, de ser apontado como o vilão da história, como se toda a responsabilidade fosse única e exclusivamente sua. Ser honesto não te redime dos erros. Pelo contrário, é estar certo de que muitos pedregulhos serão lançados em sua direção. Porque apontar o erro dos outros é a coisas mais fácil e mais corriqueira que fazemos, afinal quando enxergamos o erro alheio não paramos para pensar nos que nós mesmo cometemos.

É fácil retirar o foco de si e pôr no outro, difícil é tentar entender o outro lado das coisas. Difícil é conviver com coisas e pensamentos que te atormentam e que você não gostaria de tê-los com você. Difícil é reconhecer que se está perdido. Difícil é reconhecer que tudo se perdeu. Difícil é estender as mãos, oferecer um colo, um abraço para um coração despedaçado. É fácil estarmos mal e cobrarmos do outro, difícil é estar bem e ver que o outro precisa de nós. Difícil é esperar que nossos amigos estarão lá quando mais precisarmos e notarmos que poucos são os que se aproximam. Em muitos casos são os que nós menos esperamos. É fácil aparentar que se está feliz. Difícil é ser feliz de verdade. A única coisa que eu sei é que de todo amor o que nos resta é apenas o cinismo.

NÃO PERCA SEU TEMPO COMIGO

Texto: Brena Braz
Ilustração: Thiago Fonseca

Verdade seja dita. Eu não sou como você esperava. Eu não sou uma loira-barbie pra te acompanhar nas festas jet-setters que você freqüenta. Eu não tenho um par de peitos de 300ml de silicone em cada um. Não tenho uma bunda de 102cm de diâmetro como a da Juliana Paes. Eu sou muito mais do que você espera. Muito mais do que você agüentaria. E talvez até mais do que você merece.

Porque eu sou fiel aos meus sentimentos. Vou estar com você quando eu realmente quiser estar. Vou te ligar quando eu quiser falar com você. Porque eu não passo vontade. E nem vou passar vontade de você. Não vou fazer joguinho. Eu me entrego mesmo. Assim. Na lata. Eu abro meu coração. Rasgo o verbo. Me dou em prosa. E se te disser que não te quero, meu olhar vai me desmentir na tua frente. Porque eu falo antes de pensar. Eu falo até sem sequer pensar. Eu penso falando. E se estou com você, aí, não penso duas vezes. Não penso em nada. Não quero mais nada.

Então, não perca seu tempo comigo. Eu não sou um corpo que você achou na noite. Eu não sou uma boca que precisa ser beijada por outra qualquer. Eu não preciso do seu dinheiro. Muito menos do seu carro. Mas, talvez, eu precise dos seus braços fortes. Das suas mãos quentes. Do seu colo pra eu me deitar. Do seu conselho quando meu lado menina não souber o que fazer do meu futuro. Eu não vou te pedir nada. Não vou te cobrar aquilo que você não pode me dar. Mas uma coisa, eu exijo. Quando estiver comigo, seja todo você. Corpo e alma. Às vezes, mais alma. Às vezes, mais corpo. Mas, por favor, não me apareça pela metade. Não me venha com falsas promessas. Eu não me iludo com presentes caros. Não, eu não estou à venda. Eu não quero saber onde você mora. Desde que você saiba o caminho da minha casa. Eu não quero saber quanto você ganha. Quero saber se ganha o dia quando está comigo.

Você não vai me ver mentir. Desista. Mentiria sobre a cor do meu cabelo. Sobre minha altura. Até sobre meus planos para o futuro. Mas não vou mentir sobre o que eu sinto. Nem sob tortura. Posso mentir sobre minha noite anterior. Sobre minha viagem inesquecível. Mas não agüentaria mentir sobre você por um segundo. Não na sua cara. Mentiria pras minhas amigas sobre a sua beleza. Diria que tem corpo de atleta e um quê de Don Juan (mesmo sabendo que elas iriam descobrir a farsa depois). Mas não me faça mentir e dizer que não te quero. Que eu não estou na sua. Não me obrigue a jogar. Não me obrigue a dizer "não" quando eu quiser dizer "sim". Não me faça tirar você da minha vida porque meu coração ainda acelera quando você me liga.

Insisto. Não perca seu tempo comigo. Porque eu não quero entrar no seu carro se não puder entrar na sua vida. Não me conte seu passado se eu não puder viver seu presente. Não faça planos comigo se não me incluir no seu futuro. Não me apresente seus amigos se, amanhã, vou virar só mais uma. Me poupe do trabalho de adivinhar seus pensamentos. Diga que me quer apenas quando for verdade. Diga que está com saudade apenas se sentir minha falta do seu lado. Peça minha companhia quando não desejar só meu corpo. Me ligue quando tiver algo pra dizer. Mas, por favor, me desligue quando não estiver mais afim de mim.

CINQUENTONA ENXUTA

De pastelaria à carro hippie, de transporte escolar ao alternativo; a Kombi completa meio século de vida como um verdadeiro veículo mil e uma utilidades

Texto: Marcello Oliveira

Já foi coadjuvante no cinema, serviu de moradia, foi garota propaganda em campanhas ambientais, símbolo da liberdade e contribuiu no "leva e trás" de milhões de pessoas no mundo. Em 2007 fez 50 anos, e agora faz parte da construção do Brasil moderno. Vai dizer que nunca andou numa Kombi?

Na década de 50, o Brasil passava por uma das maiores transformações de sua história, era tempo de trabalho, construção e mudanças. Na ocasião precisávamos de indústrias para alavancar a economia do país, talvez uma fábrica de automóveis. Tivemos mais do que isso, ganhamos um veículo prático, econômico e trabalhador, e o melhor: fabricado aqui. Assim veio a Kombi, em 1957.

O nome Kombi vem do alemão Kombinationfahrzeug que quer dizer "veículo combinado" (ou "Veículo Multi-Uso"). Desenvolvido pelo holandês Ben Pon na década de 40, o projeto pretendia unir o confiável conjunto mecânico do Fusca com os atributos de um veículo de carga leve. A produção do modelo começou na Alemanha em 1950. O destaque era a carroceria de bloco único, suspensão reforçada e motor traseiro, refrigerado a ar. No Brasil, a Kombi foi lançada em meio às obras da fábrica, que seria inaugurada somente dois anos depois. Com um índice de nacionalização de 50%, a Kombi tinha motor de 1.200 cilindradas. Menos de quatro anos mais tarde chegou ao mercado o modelo seis portas, nas versões luxo e standard, índice de nacionalização de 95%. A versão pick-up surge em 1967, já com motor de 1.500 cc e sistema elétrico de 12 volts.

Em 1975, a Kombi foi símbolo de liberdade, e foi adotada pela comunidade hippie como principal meio de transporte e até mesmo de moradia. Nessa época veio uma nova restilização, a Kombi passa a ser equipada com o motor 1.6 e, três anos mais tarde, o modelo ganha dupla carburação. O motor diesel 1.6, a água, surgiu em 1981, mesmo ano do lançamento das versões furgão e pick-up com cabine dupla. No ano seguinte surge o modelo a álcool e em 1983 a Kombi apresenta um novo painel e volante, além da alavanca do freio de mão, que sai do assoalho e passa para debaixo do painel. Nessa época, a Kombi já era a queridinha dos donos de padarias e dos feirantes. Na altura do campeonato, todos já tinham um reconhecimento pelo o que este veículo representou na construção do Brasil até o momento

A maior mudança veio em 1997, quando a Volkswagen adotou as portas corrediças e o teto alto.

No final de 2005, a Kombi foi além para atender às exigências específicas do seu público e passou a ser equipada com o inédito motor 1.4 8V Total Flex (refrigerado a água), que gera até 80 cavalos de potência, cerca de 25% mais potente, quando abastecido com 100% a álcool, além de ser até 30% mais econômico que o antecessor refrigerado a ar, segundo dados da fábrica. Continuou com a incrível capacidade de carregar até uma tonelada de carga. As mudanças externas foram mínimas: apenas a inscrição "TotalFlex",

>>

e a grade do radiador na cor preta instalada em sua dianteira, que particularmente, achei muito feio e tirou a originalidade da Kombi, mas não tinha outro jeito por causa do novo motor.

Hall da fama Numa versão amarela e um pouco enferrujada, a Kombi participou de todo o filme "Pequena Miss Sunshine". Na produção cinematográfica, a família Hoover reafirma o simbolismo de independência dos anos 1960 e 1970 trazidos pela velha van.
- Ainda nas telas do cinema, Fillmore, uma Kombi hippie de 1960, dava lições ambientais no filme "Carros", como por exemplo, o uso do bio-combustível.
- Os principais mercados externos da Kombi foram Argelia, Argentina, Chile, Peru, México, Nigéria, Venezuela e Uruguai. Na Nigéria, a Kombi era conhecida como Kombi-Taxi na versão 6 portas. Era exportada em grande volume para a Argélia na versão Ambulância com inscrições em árabe no painel dianteiro e na tampa traseira.
- Atualmente, a Volkswagen exporta cerca de 200 unidades para o mercado de colecionadores na Inglaterra. A versão que segue para lá é a Standart. O importador transforma a Kombi em uma pequena cozinha durante o dia e um dormitório a noite. A empresa faz as transformações da Kombi com direção para o lado direito, atendendo ao rígido mercado inglês.
- Com 1.383.557 unidades produzidas, a Kombi nunca perdeu a liderança do seu segmento e suas vendas já alcançaram as 1.290.502 unidades (de 1957 a julho de 2007). Atualmente, responde por 7,2% do segmento de veículos comerciais leves, com 13.259 unidades comercializadas nos primeiros sete meses do ano.

Como é fabricada Produzida na fábrica Anchieta, localizada em São Bernardo do Campo, sua linha de produção é composta por 322 empregados diretos, sendo 137 na Montagem Final e 185 na Armação, além da Pintura que atende aos demais modelos produzidos na unidade (Gol, Saveiro, Polo, Polo Sedan e Fox Exportação).
A linha de produção da Kombi trabalha em um turno (das 6h00 às 15h19), onde são fabricadas 90 unidades do modelo por dia.
Até hoje, a Kombi é popular para vários tipos de serviço. Ela é usada por exemplo, como transporte escolar, lotação, viatura policial, carro de reportagem, lanchonete, feira, pastelaria, e o que mais a criatividade deixar.
A Kombi está disponível em quatro versões: Standard(9 passageiros), Furgão (2 ou 3 passageiros), Lotação (12 passageiros) e Escolar (15 passageiros). Atualmente, a versão Standard corresponde a 75% do mix de produção, com 10% cabendo à Furgão e 15% aos demais modelos.
Mesmo não sendo um exemplo em conforto, aerodinâmica e tecnologia, a velha Kombi continua fazendo fãs por sua praticidade.
Que venham mais 50!

BOM GOSTO SE DISCUTE!

Texto: Sebah Rinaldi

Ninguém esperava, mas a carreira solo de Fernanda Takai decolou e tem alçado vôos altos, diga-se de passagem. Depois de uma experiência despretensiosa nas passarelas do São Paulo Fashion Week, quando interpretou clássicos de Nara Leão para coleção primavera/verão de Ronaldo Fraga, surgiu a idéia de lançar um álbum pautado pelo mesmo repertório. Foi então que nasceu *Onde Brilhem Os Olhos Seus*, com sucessos diversos de Nara – *Debaixo dos Caracóis dos Teus Cabelos*, *Diz Que Fui Por Aí* e *Com Açúcar, Com Afeto*. Há bem pouco tempo, Takai divulgou oficialmente o lançamento com aclamado show no Teatro Dom Silvério. O projeto solo tem captado novos fãs, que não conheciam tanto o trabalho da cantora à frente do Pato Fu, mas acompanhavam suas crônicas semanais.

O ano de 2008 também está generoso para saudosistas. As inglesas Spice Girls estão de volta e já despontam com o hit *Headlines*. Os precursores das boy-bands New Kids On The Block também acertaram uma volta, cujo formato ainda não se sabe muito. Saudade boa é aquela registrada por peixes graúdos como Martin Scorsese, que dirigiu o documentário *Rolling Stones - Shine a Light*, recentemente lançado nos cinemas em comemoração aos 45 anos de estrada dos monstros do rock. Do pop chicletudo ao rock quarentão em questão de instantes!

A cantora britânica Amy Winehouse, recém ganhadora de cinco categorias no Grammy 2008, acertou em cheio ao lançar o single *Rehab*, com letra politicamente incorreta e melodia cativante. Seu mais recente videoclipe, *Tears Dry On Their Own*, é dirigido por ninguém menos que David LaChapelle, responsável por trabalhos com divas do cacife de Madonna, Mariah Carey e Whitney Houston. Recentemente, um vídeo divulgado pela internet que a expõe fumando crack gerou polêmica acerca da estrela. A repercussão, inclusive, rendeu-lhe um visto de entrada nos EUA negado, impossibilitando sua participação na cerimônia da Grammy. Uma pena! O interessante é que o timbre grave de seus vocais a tornou referência mundial, chegando a ser comparada a divas imortais do jazz – leia-se Billie Holiday e Nina Simone.

Amílcar de Castro (1920 – 2002) acaba de ganhar bela homenagem de Belo Horizonte. Natural de Paraisópolis e apaixonado pela capital mineira, o artista com especialidade em desenho e escultura deixou um reconhecido trabalho em vida. Boa parte de suas produções, cerca de 150 obras, pode ser conferida em três pontos da cidade: Praça da Liberdade, Praça JK e Casa Fiat de Cultura. Em vida, ele também deu sua contribuição para o jornalismo ao criar novos paradigmas de diagramação. A programação do projeto ainda oferece palestras e oficinas.

ALIVE FIFTY !

Devassa, santa, mãe, rainha, diva da nova disco music, polêmica, leonina, devota de Andy Warhol e os respectivos quinze minutos de fama: Madonna está de volta em 2008 com o álbum *Hard Candy*, que traz uma roupagem hip hop e R&B. O trabalho, feito em parceria com o produtor Timbaland, conta com a ilustre participação de Justin Timberlake. Faixas como *The Beat Goes On* e *Four Minutes* estão disponíveis na web e nas pistas mundo afora, em versões originais e remixadas. Ainda neste ano, a pop-star comemora 50 anos de vida e 25 de carreira.

Falando em famosos, Shakira e Justin Timberlake estavam confirmados e desmarcaram na última hora os shows de abril e maio, respectivamente. A primeira alega problemas familiares, enquanto o segundo está com o tempo tomado pela sétima arte. Então, resta aos fãs que algum produtor insista e consiga trazê-los de fato.

Esperando margaridas

Texto: Serena Play

Mamãe dizia: dá cá, filha, as margaridinhas, e eu corria, bem incertas que eram as margaridas na firme insônia. Pois a hora é agora e agora então eu digo que já não é mais tempo de se dizer o Eu oh, oh inalcançável e no entanto O digo pois não está mesmo na moda, não é mesmo o princípio dos princípios a glorificação da nossa coisa toda? Vamos todos nos identificar na linha tênue que nos aparta da solidão. Vamos em busca vendada da sanidade, baby. Quando beibe me dizia os olhos vaga-lumes na escuridão toda que sanidade é viver, ainda que viver

{[A insônia até poderia ser bonita, mas é feia. Meu próximo Eu tem que dormir: diurna e plena, qual margarida.]}

Arsênico. Arsênico eu chamava, beibe. Quando você me preparava o café embaixo da clarabóia. Em vez de açúcar.

- É que todas as pequenas desgraças, sabe? O pus da vida, beibe, não cabe neste copo.

Você sorria.

Ah beibe ah joga-me. Lança-me então no conhecido poço, q'eu já esqueci como é que se faz. Mas se faz assim, ó, você bebendo bem bebida a xícara. O córrego-márcio pela glote. Você enfrentando o tumultuoso, as marolas, o alvoroço. Que te hão de ser golinhos e depois ah, depois, beibe, depois...

A GROSSIDÃO?

Mas e o que eu faço com o EU-ELE que me assoma assim bem tanto, se já não é definitivamente o tempo de dizê-lo pois estamos todos diluídos, beibe, inclusive você que à luz da clarabóia se faz tão bonito quase que eu esqueço também a desgraça. Todos liquefeitos em caldos e mais caldos e intermináveis líquidos. Em ponto de FUSÃO, beibe, anônima. Deflagrada. Seres incandescentes diluindo-se em merda se estamos assim todos FODIDOS como já não mais se fode. E se você me perguntar como é então que se fode eu lhe direi, beibe, que foder é

Plenilúnio

E você saberá que estou mentindo, pois foder é foder e plenilúnio é luminescência

Se você é massa informe, beibe. Cabe-me domá-lo? Incertas eram as margaridas, as margaridas e você, na noite escura.

Lidimos sonares petalóides. À minha imagem cariada e semelhança? Que você sou eu, oh beibe, quando já não se pode mais dizê-lo. Você sou eu, beibe beibe, quando toda voz é MUDA. Lambuzo-lhe então em verniz e entrego-lhe presentoso: as fitas no cabelo, os coloridos todos. O vestidinho de crisma. Do contrário é pecado, pecado mais que pecado, rócio cobardíssimo. E se me desse agora o veneno eu diria grande, empoada: MATA-ME. Sabendo que você riria porque pensa infantis e longes os auto-atribuídos morticídios, ainda que seja o nosso, beibe pois para você já não é tempo de margaridas mas, ainda assim

Caudaloso, encharca-me.
E nem é tempo da fina insônia, pois me diz Dorme, enquanto luto consigo os óculos retos na ponta do nariz. Dorme, enquanto bem noviça desaperto os botões. Oferecendo-lhe as rosas recém-pintadas olha só, beibe, já coei todos os espinhos

Qu`espinhos lhe acertam no silêncio. No silêncio do silêncio do silêncio. Perguntava dos buracos, beibe, dos rachados, dos mordidos e até dos cariados, que cariada sou e mo dizia, firmemente: [no silêncio do silêncio] Amanhã tem coisas a fazer, colher as frutas todas, podar as margaridinhas

Mas eu quero, beibe, saber DAS COISAS, entende?

Dorme. Mas eu quero, preciso, beib

BEBE AQUI uma camomila. Presta atenção nos coloridos, que os mais velozes te escapam: amanhã tem café pronto logo cedo, xícara cheia a esperar sobre imensa mesa.

Devo então persegui-los, beibe, na noite escura?

Bebe aqui uma camomila.

Devo então agarrá-los, aos mais fugazes uma cela? mil cores em potes, quadrado feito largo?

Amanhã cedo tem caf

Sendo esse Isso, segue-me, beibe. Clarabóia sendo teto, e vaga-lumes

POR DOIS MOTIVOS,
ESPERAVA MUITO MAIS DE UM EGRESSO DA SORBONNE

Texto: Orozimbo Júnior

Fernando Henrique Cardoso é propalado como um dos intelectos mais privilegiados deste país. Alguns colegas jornalistas chegam a exaltar tanto os títulos acadêmicos do ex-presidente que eu não estranharia se descobrisse que têm um busto do “Príncipe” em algum lugar de seus escritórios. De fato, o pós-doutor tem que ter seus méritos reconhecidos, especialmente num país que, historicamente, nunca viu na educação uma estratégia de Estado.

Contudo, algumas muitas vezes, o discípulo de Alain Touraine me faz questionar se é preciso ser letrado para se ter uma dimensão correta de mundo. Na verdade, certas atitudes do ex-aluno da conceituada universidade francesa me fazem crer que não basta ter muitos anos de estudo para ser considerado um pensador. Na semana passada, FHC, em um congresso do PSDB, me deu mais dois motivos para confirmar minha impressão de que essa relação não é diretamente proporcional.

Primeiro, sem esconder sua costumeira arrogância, ironizou, ainda que indiretamente, o fato de o presidente Lula ter pouco estudo. Mais do que arrogante, “o aluno CDF da escola de Nicolau Maquiavel”, que tem “O Príncipe” como livro de cabeceira, demonstrou o preconceito que a direita reacionária do Brasil não faz muita questão de esconder. Ele esquece que nosso país tem cerca de 50 milhões de pessoas consideradas analfabetas e/ou analfabetas funcionais. Herança de vários e vários governos, inclusive os dois dele. Além da falta de investimentos histórica, muitos brasileiros, inclusive Lula, não estudaram no momento adequado porque tinham outras justas prioridades, como conseguir sobreviver em meio à miséria que parece infindável em vários cantos desta nação. Miséria, esta, mais facilmente verificada no Nordeste, de onde Lula veio.

A outra decepção é que, ao ironizar a baixa escolaridade de Lula, o pós-doutor atropelou a língua vernácula. Fernando Henrique Cardoso afirmou, no encerramento do Congresso Nacional do PSDB, que quer "**brasileiros melhor educados,** e não liderados por gente que despreza a educação, a começar pela própria." Especialistas consideram que, de acordo com a norma culta da língua, o correto é "**brasileiros mais bem educados**". Isso, até eu, que estou longe de ser um pós-doutor, sei. Alguns podem dizer que primar por minúcias como essa na nossa língua é excesso de preciosismo. Eu concordo. Mas vindo de um “intelectual da Sorbonne” a coisa toma outra conotação.

PS: FHC e seus “blue caps” parecem não aprender com experiências, algumas delas bem recentes. Intelectuais que são (?), deveriam saber que a tática de “bater” no Lula não funciona. Lula já apanhou demais, e o povo é complacente com isso. A oposição passou dois anos batendo no presidente, e o resultado foi uma vitória acachapante do petista nas eleições de 2006. Talvez nos manuais da Sorbonne eles descubram outra tática.

DEFININDO CONCEITOS

Texto: Rodrigo Monteiro

Ao contrário de diversas outras formas de arte, as histórias em quadrinhos sempre foram deixadas em segundo plano, consideradas por muitos como sub-literatura. Os motivos para isso são muitos: "Quadrinhos são para crianças", "quadrinhos são a pior forma de escapismo", "quadrinhos são histórias de fantasia sem sentido" e "quadrinhos são alienantes" são alguns dos argumentos mais recorrentes. Todos eles facilmente rebatíveis, desde que você leve em conta que as histórias em quadrinhos não se restringem apenas à personagens infantis (como os quadrinhos da Disney e Maurício de Souza) ou super-heróis (Marvel e DC), mesmo que os supracitados constituam o grosso dessa forma de mídia.

Outro fator que contribui para esse quase preconceito relacionado aos quadrinhos como forma de arte é justamente a dificuldade para definir o que se constitui histórias em quadrinhos. Dependendo da definição, podemos dizer que as histórias em quadrinhos estão entre uma das manifestações artísticas mais antigas da História da humanidade, sem exagero. Afinal, uma das definições mais usadas para se definir o que seria uma "história em quadrinhos" é "uma história contada através de imagens em sequência". Ora, se usarmos desse conceito, é certo dizer que as pinturas rupestres produzidas por homems das cavernas no despertar da humanidade são as mais antigas histórias em quadrinhos das quais se têm notícia. Uma história de caça acontecida na planície e retratada por um homem de neanderthal nas paredes de sua caverna não deixa de ser "uma história contada através de imagens em sequência" e, portanto, uma história em quadrinhos. O mesmo valeria para as ilustrações encontradas em tumbas egípcias, maias e astecas ao longo da História.

Essa definição, no entanto, é por demais vaga. Uma história em quadrinhos é mais do que apenas "uma história contada através de imagens em sequência", até porque há outros fatores constituintes aí, tais quais os balões, as onomatopéias, os requadros, o tempo individual de leitura o tempo que eu gasto para ler uma história de, digamos, 22 páginas pode ser bem diverso do que outra pessoa gaste nessas mesmas 22 páginas e por aí vai. Para tentar esclarecer melhor a coisa, o escritor Scott McCloud, um dos maiores especialistas na área, deu em sua obra "Desvendando os Quadrinhos" "(editora M.Books) a seguinte definição: histórias em quadrinhos são "imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador". Bem específico, ainda que um tanto quanto superficial.
De qualquer maneira, é quase de consenso geral que as histórias em quadrinhos como conhecemos atualmente tiveram origem no final do século XIX, mais precisamente nas tiras de jornais. O primeiro autor a usar os recursos modernos, especialmente os balões de fala, foi Richard Outcalt, o criador do Yellow Kid, personagem satírico que começou a aparecer regularmente no suplemento dominical do New York Journal, em 1897. A veia humorística ácida do "garoto amarelo" para os padrões da época fizeram com que, anos mais tarde, ele se tornasse um sinônimo para o jornalismo apelativo e pouco parcial adotado por certos periódicos e tablóides. O Yellow Kid é o símbolo do equivalente norte-americano para a "imprensa marrom", que, obviamente, é chamada de "imprensa amarela" por lá.

Desde esse pontapé inicial, os quadrinhos passaram por diversas e profundas mudanças e hoje têm um lugar fundamental na cultura pop, por mais ataques que possam sofrer de seus detratores. Talvez os maiores indicadores disso sejam o fato do símbolo de personagens como o Super-Homem (ou Superman, como queiram) estarem entre os dez mais conhecidos do mundo (ao lado da cruz católica, da estrela de Davi, da suástica nazista e do logo da Coca-Cola) e a maneira como Hollywood têm se valido dos quadrinhos para fazer seus milhões de dólares em adaptações, especialmente dos quadrinhos de super-heróis, tão criticados por seu aspecto fantasioso e alienista. O que não deixa de ser uma verdade, superficialmente falando.

Se analisarmos de maneira mais profunda, apesar de todo seu caráter fantasioso e escapista, os quadrinhos, especialmente os de super-heróis, prestaram, diversas vezes, papéis importantes na maneira como transmitiram informações essenciais aos seus leitores. Na próxima coluna me dedicarei um pouco à esse assunto, abordando os primeiros períodos das histórias de quadrinhos de super-heróis, a chamada "Era de Ouro".

READY LEGO
Http://www.flickr.com/photos/udronotto/
udronotto

PREVER O QUE ELAS PODEM VIR A PENSAR

Texto: Guilherme Amorim

É um tanto rasteiro e, digamos, manobra populista recorrer a chavões para atingir públicos, mas acho que não poderia começar o ano sem um dos maiores aprendizados de 2007: o sensacional "método de previsão do que as mulheres podem vir a pensar".

Não é segredo para ninguém que conclusões do tipo "os homens são insensíveis" e "as mulheres são complicadas" são recorrentes e, praticamente, eleitas verdades universais. No entanto, é importante que vistamos as carapuças e aceitemos destrinchar cada uma dessas observações para, pelo menos, tentar visualizar realidade e exagero.

Do alto da insensibilidade masculina, resolvi, no ano que há pouco nos deixou, tentar salvar a minha classe com um procedimento simples, utilizando a clareza a favor da objetividade dos homens. Nos últimos seis meses, fosse qual fosse o diálogo, não houve um só momento em que, após uma frase, deixei de elencar no mínimo quatro leituras possíveis para o que havia acabado de dizer. Algo mais ou menos assim:

Ela: Que tal esse vestido?

Ele: Meu Deus, você está linda! Aliás, como parte do método de previsão do que as mulheres podem vir a pensar, quero deixar claro que: 1) não estou dizendo que você está linda apenas hoje; 2) minha surpresa é de felicidade e não de quem viu um milagre; 3) não tive a intenção de dar a entender que o outro vestido, provado antes, estava terrível; 4) não respondi apenas para cumprir tabela; 5) sim, eu olhei para o vestido e sei que ele é verde perolado; 6) Não, eu não estou respondendo isso apenas para você se aprontar mais rápido.

Ela: É... hum... seu chato, eu não pensei nada disso...

É claro que existem as exceções, mas nada pode ser tão traiçoeiro como um simples questionamento de roupa. Não se engane, macho de plantão. Assim que a pergunta for lançada, seus olhos serão avaliados, o tom de voz será julgado e "ai de você" se demorar mais que cinco segundos na observação. Aliás, minto. Que história é essa de cinco segundos? Sua missão é concordar de modo que veja tudo, mas sem fixar o olho em nada. Tudo poderá ser usado contra você. E será, seja qual for a resposta.

Mas é claro que nem tudo está perdido na guerra dos sexos. Mesmo porque admitir algumas de nossas dificuldades pode ajudar a aproximar mulheres e homens de um entendimento. Especificamente, por exemplo, é fundamental que as moças entendam que a nossa "insensibilidade" não é intencional. Funciona mais como uma limitação de raciocínio. E não é à toa que ambos se completam. Para todo homem que não percebe mais de uma possibilidade escondida numa frase existe uma mulher com a capacidade sobrenatural de fisgar até quinze interpretações diferentes, boas e ruins, que podem conduzir a brigas colossais ou a cenas de amor inesquecíveis.

O meu conselho para você, semelhante, é que não deixe de praticar o método das previsões. Não que vá resolver a insensibilidade masculina, pois o seu raciocínio continuará limitado. Afinal, você é homem, não pode trair a sua natureza e nem há como fugir disso. Mas tentar esclarecer um pouco o que elas podem, a qualquer momento, tentar complicar, já é um grande passo para pelo menos evitar passar sem ela o feriado prolongado, tão raro, tão raro...